

ELIZENE SEBASTIANA DE OLIVEIRA NUNES

**ESTUDO DIACRÔNICO DA CONSTRUÇÃO V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo} NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2014

ELIZENE SEBASTIANA DE OLIVEIRA NUNES

**ESTUDO DIACRÔNICO DA CONSTRUÇÃO V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo} NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da variação e mudança linguística

Orientadora: Dr^a Sueli Maria Coelho

BELO HORIZONTE

FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

2014

N972e Nunes, Elizene Sebastiana de Oliveira.
Estudo diacrônico da construção V1CHEGAR + PREPa +
V2infinitivo no Português Brasileiro / Elizene Sebastiana de Oliveira
Nunes. – Belo Horizonte: UFMG, 2014.

127p. : il.

Orientadora: Dr^a Sueli Maria Coelho

Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de
Letras da UFMG.

1. Gramatização. 2. V1CHEGAR + PREPa + V2infinitivo.
3. Operador Argumentativo. I. Título. II. Universidade Federal
de Minas Gerais

CDD: 418

Bibliotecário responsável: Marcelo Luís Gonçalves – CRB6-2995



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO


ESTUDO DIACRÔNICO DA CONSTRUÇÃO VICHEGAR + PREPa + V2infinitivo NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

ELIZENE SEBASTIANA DE OLIVEIRA NUNES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Sueli Maria Coelho - Orientador
UFMG


Prof(a). Luiz Carlos Travaglia
Universidade Federal de Uberlândia


Prof(a). César Nardelli Cambraia
UFMG

Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2014.

À minha mãe, Bercholina Sebastiana de Oliveira Gonçalves (*in memoriam*), minha primeira orientadora na vida, pelo exemplo de mulher e de mãe: guerreira, forte e íntegra. Saudades eternas! Você é minha constante inspiração. Obrigada por estar comigo a cada instante.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser presença constante na minha vida e por fortalecer a minha fé frente aos obstáculos que surgiram durante a execução deste trabalho, fazendo-me entender que a superação era passo importante para a construção de minha carreira. Muitas vezes, em momentos de exaustão, confiando na providência divina, acreditei que a vitória seria possível.

A minha família, responsável pela formação da minha personalidade, pelo apoio e pelo incentivo. Obrigada por me ensinarem a olhar com esperança para a vida e por compreenderem, mesmo na presença, a minha ausência em alguns momentos durante esta trajetória. Em especial, agradeço ao meu esposo, Cássio Ricardo, meu amigo, meu companheiro, presente em todos os momentos da minha jornada. Obrigada por estar ao meu lado, acreditando em mim e incentivando os meus sonhos.

A minha orientadora, Dr^a Sueli Maria Coelho, por me guiar nos primeiros passos no caminho da pesquisa científica, apresentando-me, da melhor maneira possível, o brilho da pesquisa linguística. Obrigada por me acompanhar sempre com muito carinho e amizade, mesmo nos momentos em que os atropelos da vida tendiam a me afastar. Obrigada pela paciência, pela compreensão e pela sabedoria com que me orientou neste percurso acadêmico. Você é exemplo para mim por sua postura pessoal e profissional.

Aos professores e amigos Adriana de Lanna Malta Tredezini, Gisele Carvalho de Araújo Caixeta, Mônica Soares Araújo Guimarães, Geovane Fernandes Caixeta e Henrique Carivaldo de Miranda Neto, por acreditarem na minha carreira acadêmica, por me incentivarem e por confiarem em meu potencial acadêmico.

À amiga de curso e colega de orientação, Thaís Franco de Paula, pessoa com quem partilhei medos, dúvidas e angústias. Obrigada por estar sempre disposta a me ajudar e por compartilhar materiais comigo.

À professora Ana Maria, pelo auxílio com o *abstract* deste trabalho.

Aos professores companheiros de viagem, Cristina Matos Silva e Dias e Carlos Roberto da Silva, pelas prosas que faziam com que o percurso Patos – BH parecesse encurtado.

Aos primos Letícia e Danilo, por me acolherem em Belo Horizonte, amenizando as dificuldades enfrentadas por estar longe de casa.

Aos professores César Nardelli Cambraia e Luiz Carlos Travaglia por aceitarem compor a banca, partilhando seus conhecimentos e contribuindo com meu trabalho, assim

como à professora Maria Beatriz Decat Nascimento, pela gentileza de se disponibilizar como suplente.

Ao Centro Universitário de Patos de Minas, na pessoa de seu Magnífico Reitor, Prof. Ms. Milton Roberto de Castro Teixeira, pelo incentivo ao crescimento profissional e pelo auxílio financeiro em virtude das minhas viagens em busca de qualificação.

À Câmara Municipal de Patos de Minas, na pessoa da ex-vereadora e ex-presidente da Casa, Maria Dalva da Mota Azevedo, por garantir e por amparar o meu direito à ausência do trabalho em busca de ampliar minha formação profissional.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e para a concretização de mais este sonho e cujos nomes possam, de forma injusta, ter sido esquecidos.

“Não é o desafio que define quem somos nem o que somos capazes de ser, mas como enfrentamos esse desafio: podemos incendiar as ruínas ou construir, através delas e passo a passo, um caminho que nos leve à liberdade”.
(Richard Bach)

*"Todo aquele que se dedica ao estudo da ciência **chega a convencer-se** de que nas leis do Universo manifesta-se um Espírito sumamente superior ao homem, perante o qual, nós, com os nossos poderes limitados, devemos humilhar-nos.”* (Albert Einstein)

RESUMO

Em uma perspectiva diacrônica, na interface entre a teoria da variação e mudança linguística e gramaticalização, estudou-se a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ no PB. O objetivo maior deste estudo foi averiguar se o verbo *chegar* se gramaticalizou como verbo auxiliar e, tendo se gramaticalizado, se passou a marcar funções aspectuais e/ou modais, conforme hipótese inicialmente aventada. As análises encontraram aporte teórico em autores que discorrem sobre a gramaticalização, tais como Lehmann (1982), Hopper (1987, 1991), Hopper e Traugott (1993, 2003), Gonçalves *et al* (2007), dentre outros. Além disso, autores como Pontes (1973), Lobato (1975), Longo e Campos (2002), Travaglia (1985), Neves (2006), Koch (1995, 2006), Guimarães (1995) e Cabral (2011) subsidiaram as análises acerca da auxiliaridade verbal e da marcação aspectual e modal. Em um primeiro momento, com base em consultas lexicográficas e comprovações com dados do *corpus*, foram identificados diferentes usos e acepções de *chegar* no PB, o que permitiu comprovar o processo de abstratização do item, levando-o à gramaticalização. Num segundo momento, a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ foi submetida a 12 critérios de auxiliaridade recorrentes entre os autores que estudam o referido tema, sendo que desse total 8 critérios foram atualizados, o que confere ao *chegar* o estatuto de auxiliar. Depois, analisou-se a construção tomando por base a classificação aspectual proposta por Travaglia (1985) e averiguou-se que, do ponto de vista do completamento, é predominante na construção o aspecto perfectivo. Do ponto de vista das fases de realização, há expressão de contornos terminativos, o que não é suficiente para afirmar que o item marca esse aspecto, pois ele se comporta distintamente de auxiliares terminativos prototípicos como *terminar* e *acabar*. A marcação modal foi estudada com base em Neves (2006). Analisando a construção pelo viés da argumentação, a modalidade ficou comprovada via escala, o que também imprime ao *chegar* a função de operador argumentativo, já que, ao escalonar eventos ou ações nos enunciados, confere ao evento ou à ação escalonados uma maior força argumentativa.

Palavras-chave: Gramaticalização. $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$. Aspecto. Modalidade. Operador argumentativo.

ABSTRACT

In a diachronic perspective, the interface between the theory of linguistic variation and change and grammaticalization, we studied the construction $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitive}}$ in PB. The major objective of this study was to investigate whether the verb *chegar* grammaticalized itself as an auxiliary one and, having grammaticalized, it began to present aspectual and / or modal functions. The analyses found theoretical support in authors who talk about grammaticalization, such as Lehmann (1982), Hopper (1987, 1991), Hopper and Traugott (1993, 2003), Gonçalves (2007), among others. Furthermore, authors such as Pontes (1973), Lobato (1975), Longo and Campos (2002), Travaglia (1985), Neves (2006), Koch (1995, 2006), Guimarães (1995) and Cabral (2011) subsidized the analyses regarding the verbal condition of being auxiliary and aspectual and modal marking. Firstly, based on lexicographical consultations and evidences with *corpus* data, different uses and meanings of *chegar* in PB were identified, which helped to check the process of abstratization of the item, leading it to grammaticalization. Secondly, the construction $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitive}}$ was subjected to 12 condition of being auxiliary criteria among authors who study the referred topic, and, of this total, 8 criteria were updated, giving to *chegar* the status of an auxiliary verb. Then we analyzed the construction in an aspectual classification proposed by Travaglia (1985) and it was evidenced that, from the standpoint of completion, the perfective aspect is predominant in the construction. From the point of view of realization stages, there are terminative contour expressions, which is not enough to state that the item presents that aspect because it behaves distinctly from prototypical auxiliary terminatives such as *terminar* and *acabar*. The modal marking was studied based on Neves (2006). Analyzing the construction of argumentation bias, the modality was proven via scale, which also provides *chegar* with the function of argumentative operator, as, when one schedules events or actions in the enunciations, it gives the staggered event or action a greater argumentative force.

Keywords: Grammaticalization. $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitive}}$. Aspect. Modality. Argumentative operator.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Correlação de parâmetros da gramaticalização.....	30
Quadro 2 - Classificação dos esquemas imagéticos baseado em Clausner; Croft (1999)	38
Quadro 3 - Critérios de auxiliaridade.....	44
Quadro 4 - Valores aspectuais do português	49
Quadro 5 - Tipos de aspecto em português	52
Quadro 6- Atualização dos critérios de auxiliaridade na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultados numéricos diacrônicos obtidos no Corpus do Português	64
Tabela 2 - Resultados numéricos diacrônicos separados por modalidade do português	64
Tabela 3 - Quantitativo diacrônico do <i>subcorpus</i> da pesquisa	65
Tabela 4 - Frequência diacrônica de formas lexicais e gramaticais do item <i>chegar</i> no <i>subcorpus</i> do PB	81
Tabela 5 - Quantitativo e frequência diacrônicos da presença de material entre V1 e V2 no <i>subcorpus</i> do PB	88
Tabela 6 - Ocorrências com operador de negação por século no <i>subcorpus</i> do PB	92
Tabela 7 - Tempo e modo verbal por século nos dados do <i>subcorpus</i> do PB.....	104
Tabela 8 - Pessoa e número verbal por século nos dados do <i>subcorpus</i> do PB	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantitativo diacrônico do item <i>cheg*</i> no Corpus do Português	71
Gráfico 2 - Frequência diacrônica das formas lexicais e gramaticais do item <i>chegar</i> no <i>subcorpus</i> do PB	82
Gráfico 3 - Tipos de V2 presentes na construção por século no PB.....	99

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dinamismo da Gramática.....	23
Figura 2 - Esquema do BALANÇO.....	114
Figura 3 - Esquema argumental de <i>chegar</i> [+concreto, +caminho]	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CP – Construções Perifrásticas

GC – Gramática de Construções

LC – Linguística Cognitiva

LV – Locução Verbal

PB – Português Brasileiro

SC – Semântica Cognitiva

TAM – Tempo, Aspecto e Modo/Modalidade

TC – Tempos Compostos

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	21
1.1.1 GRAMATICALIZAÇÃO: A CONCEPÇÃO DE UMA MUDANÇA.....	24
1.1.1.1 Conceitos de gramaticalização.....	27
1.1.1.2 Parâmetros de gramaticalização segundo Lehmann (1982).....	28
1.1.1.3 Princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991).....	31
1.1.1.4 Gramaticalização e gramática de construções.....	32
1.1.1.5 Pressupostos cognitivos: metáfora e esquemas imagéticos	37
1.2 AUXILIARIDADE VERBAL.....	40
1.3 A CATEGORIA ASPECTO	46
1.4 MODO/MODALIDADE	53
1.4.1 MEIOS LINGUÍSTICOS DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE.....	55
1.5 A ARGUMENTAÇÃO PELA LINGUAGEM.....	56
1.5.1 LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO	56
1.5.2 DIALOGIA: LINGUAGEM E ARGUMENTAÇÃO.....	58
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
2.1 SELEÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	62
2.2 PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE.....	65
2.3 BASE TEÓRICA E FORMA DE ABORDAGEM DOS DADOS	67
CAPÍTULO III: CHEGAR: DE VERBO PLENO A VERBO AUXILIAR	70
3.1 DIFERENTES ACEPÇÕES E USOS DE <i>CHEGAR</i> NO PB.....	70
3.2 ANÁLISE DA GRAMATICALIZAÇÃO DE <i>CHEGAR</i> À LUZ DOS PARÂMETROS DE LEHMANN.....	82
3.3 ESTUDO DA CONSTRUÇÃO $V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo}$ À LUZ DOS CRITÉRIOS DE AUXILIARIDADE.....	87
3.4 <i>CHEGAR</i> COMO AUXILIAR: ESTUDO DE FATORES LINGUÍSTICOS E DE MARCAÇÃO ASPECTUAL E/OU MODAL PELA CONSTRUÇÃO $V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo}$	99

3.5 ATUAÇÃO DO <i>CHEGAR</i> COMO OPERADOR ARGUMENTATIVO NA	
CONSTRUÇÃO $V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo}$.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	121

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Vivendo o homem em sociedade, necessária é a troca de conhecimentos e de experiências, a fim de facilitar-lhe a compreensão do mundo e seu posicionamento nele. Dessa feita, não há como negar que a linguagem é o meio mais eficiente para o êxito desse processo de interação em sociedade.

Ao interagirem, falante e ouvinte assumem um acordo tácito para que a comunicação se dê de forma inteligível, eficiente. Assim, os significados do que se diz e do que se ouve são resultantes das negociações dos usuários da língua nas diferentes situações comunicativas.

Logo, assumir essa forma de participação do usuário da língua no processo de comunicação implica assumir que a língua não é estática e que sua gramática não deve ser vista como um produto acabado; ao contrário, é dinâmica e sua gramática se molda às necessidades dos falantes.

Dentre os processos de mudança linguística, a gramaticalização tem sido muito estudada na perspectiva funcionalista. Trata-se de um processo de mudança categorial em que o item lexical passa a assumir *status* gramatical ou, então, em que um item/construção gramatical passa a operar como mais gramatical do que anteriormente ou em outra extensão de uso, podendo sofrer mudança em relação à categoria sintática, receber novas funções na sentença e sofrer alterações semânticas e fonológicas, por exemplo.

Como todo processo de mudança linguística, também a gramaticalização não se dá de forma abrupta, o que leva ao entendimento de que se caracteriza principalmente num *continuum* diacrônico, tendo sua efetivação pela rotinização/regularização de uso.

Neste viés, um item comum e bastante recorrente no português brasileiro (PB) é o verbo *chegar*. Segundo Cunha (1982), ele tem sua origem no verbo latino *plicare* e significava “dobrar”, “enrolar”. No processo de evolução semântica, esse verbo parece ter passado a ser utilizado mais comumente com o significado de vir, ou melhor, com a ideia de deslocamento de um ponto X a um ponto Y, conforme se vê no exemplo (1).

(1) O presidente peruano **chegou** ontem a Havana para um encontro com o presidente Fidel Castro, em busca de uma solução à crise dos reféns, mantidos na residência do embaixador japonês em Lima, desde 17 de dezembro. (Cuba aceita asilar rebeldes peruanos. Notícia. 1997, grifos nossos).

Entretanto, uma simples e rápida investigação linguística, principalmente na linguagem em uso e/ou em *corpora* de referência, torna possível a detecção de vários outros sentidos bastante comuns para esse verbo. No exemplo 2, a seguir, o verbo é usado no sentido de “atingir, alcançar”.

(2) As metas foram todas ultrapassadas. A produção cresceu à base de 14% ao ano e hoje **chega** perto de 1 milhão de barris. Na virada do século, **chegar**á a 1,5 milhão diários. Tudo feito à custa de suor e inteligência. (Caminho aberto. Notícia. 1997, grifos nossos).

Já no exemplo 3 o verbo aparece empregado no sentido de “basta, é suficiente”.

(3) As transformações que ocorrerão na história dos homens e da teologia serão tão destruidoras e irreversíveis que a própria história deixará de existir! Isto é possível? A morte da História. Vou cantar de novo. É melhor. Porque se continuar pensando nessas complicações, o tio vai ter uma dor de cabeça igual à do papa Pio III. **Chega** de cânticos! Você ainda está muito fraco. (Comparato. *A guerra das imaginações*. Ficção. 1997, grifos nossos)

Além dessas acepções, o verbo também é usado no sentido de “alcançar um ponto extremo, ir ao limite”, como demonstra o exemplo 4, e no sentido de “afinidade, proximidade”, como se percebe no exemplo 5.

(4) O filme está sendo rodado na Inglaterra com o roteiro mantido no mais absoluto sigilo. A imprensa britânica já **chegou** a cogitar, até mesmo, que Cruise estaria interpretando o papel de uma mulher.' Ninguém acertou', garantiu ele. (Gente do mundo. Notícia. 1997, grifos nossos).

(5) A pesquisa em Cuba consistiu em criar "uma relação boa e íntima" com a viúva de Che e seus amigos mais **chegados**. Em troca, conseguiu novos contatos em Cuba e em outros países. Estudou, inclusive, várias horas na biblioteca particular de Guevara, onde conseguiu familiarizar-se com o "senso íntimo" do guerrilheiro argentino. (Che Guevara: o homem e o mito. Notícia. 1997, grifos nossos).

Frente à alta ocorrência e à variabilidade de usos desse item no PB, definiu-se por estudá-lo nesta dissertação, atendo-se, especialmente, à construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$. Assim, numa perspectiva funcionalista, na interface entre variação e mudança linguística e gramaticalização, este trabalho teve por objetivo geral estudar diacronicamente a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$.

A escolha dessa construção como objeto de estudo se justificou por ainda não haver na literatura linguística um consenso entre os autores acerca da função que *chegar* assume na construção. Autores como Almeida (1980), Neves (2000), Houaiss (2001) e

Bertucci (2007) o incluem na lista dos auxiliares; já autores como Travaglia (1985) e Luft (2003) não o incluem nessa lista. Não é consensual também a hipótese de que, sendo auxiliar, marca aspecto ou modalidade. Diante dessas posições díspares, o presente estudo buscou respostas para cinco questões principais:

- (i) como se deu a gramaticalização do item *chegar* no PB como auxiliar?;
- (ii) o item *chegar* atua como auxiliar na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$?;
- (iii) essa construção marca valores modais e/ou aspectuais no PB?;
- (iv) que pessoa, número, tempo e modo verbal são predominantes no *chegar* nessa construção?;
- (v) quais são os tipos semânticos de V2 combinados com o *chegar* nessa construção?;

Em busca de respostas para esses questionamentos, foram traçados os seguintes objetivos específicos: averiguar, conforme os parâmetros de Lehmann (1982), o processo de gramaticalização do item *chegar* no PB; submeter a construção estudada a critérios de auxiliaridade, a fim de confirmar a hipótese de que *chegar* atua como auxiliar; averiguar, caso seja confirmada a função auxiliar do item, se ele desempenha funções aspectuais e modais, como hipotetizado neste estudo, e; por fim, identificar quais são as categorias gramaticais atualizadas na construção (tempo, modo, pessoa, número).

O estudo foi realizado com base em dados coletados no Corpus do Português. Foram coletadas 1000 linhas de concordância, sendo 500 do século XIX e 500 do século XX. Nesses dados, foram identificadas 1150 ocorrências com a base *cheg*, das quais 279 se encontram na forma da construção objeto deste estudo.

Quanto à estrutura, esta dissertação encontra-se organizada em três capítulos. O primeiro deles é dedicado à abordagem teórica que norteia a investigação. Estuda-se a teoria da variação e mudança linguística numa perspectiva funcionalista e, depois, discorre acerca da mudança via gramaticalização. Neste ponto, são explicitados os parâmetros propostos por Lehmann (1982) e os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991). Na sequência, tecem-se algumas considerações sobre a gramaticalização de construções e sobre processos cognitivos envolvidos na gramaticalização, atendo-se, especialmente, à metáfora e aos esquemas imagéticos CAMINHO e BALANÇO. A segunda seção dessa exposição teórica é dedicada à abordagem de questões que perpassam a auxiliaridade verbal no português brasileiro, bem como à abordagem de questões que sustentam as teorias de aspecto e modo, uma vez que se parte do princípio de que, via processo de gramaticalização, determinados verbos plenos, ao se gramaticalizarem e assumirem a função auxiliar, podem marcar funções

gramaticais prototípicas como essas. Por fim, encerrando as discussões teóricas, faz-se uma abordagem acerca da argumentação, uma vez que, a partir das análises empreendidas neste estudo, averiguou-se que a construção estudada assumiu função de operador argumentativo, estabelecendo hierarquia entre argumentos.

Já o capítulo II é dedicado à descrição dos procedimentos metodológicos e é nele que ficam demonstrados o processo de seleção e constituição do *subcorpus* para análise, os procedimentos e os critérios considerados nas análises empreendidas, bem como a base teórica utilizada e a forma de abordagem dos dados.

O capítulo III é dedicado à análise dos dados. Inicialmente, são demonstradas diferentes acepções do verbo *chegar* arrolados nos dicionários do PB e comprovado o uso das acepções a partir de dados presentes no *corpus*. Na sequência, atesta-se o processo de gramaticalização do item *chegar*, que é, metodologicamente, averiguado por meio da aplicação dos parâmetros propostos por Lehmann (1982). Num terceiro momento, após ficar comprovada a gramaticalização de *chegar*, passa-se a uma análise mais detalhada da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, com o propósito de averiguar a sua constituição perifrástica. Ficando comprovada a atuação de *chegar* como auxiliar, visto que 8 dos 12 critérios são satisfeitos, passa-se ao estudo da construção, a fim de identificar se, como auxiliar, *chegar* desempenha as funções típicas de marcador aspectual e de modalidade. Neste ponto, são também observados fatores linguísticos como pessoa, número, tempo e modo verbal, além de tipos semânticos de V2 presentes na construção. Ao final, ficando comprovada a marcação modal do *chegar* via escalaridade, a construção é analisada segundo a atuação de *chegar* como operador argumentativo, sendo responsável por colocar os argumentos de um enunciado em uma escala e atribuir a um deles uma maior força argumentativa.

Por último, são tecidas as considerações finais, destacando o intento de contribuição da presente pesquisa, as suas limitações e as sugestões para posteriores desdobramentos deste estudo.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo é dedicado à exposição dos pressupostos teóricos que norteiam a investigação. Inicialmente, trata-se a variação e mudança linguística numa perspectiva funcionalista e, na sequência, atem-se mais especificamente à mudança via gramaticalização. Neste ponto, são explicitados alguns procedimentos comuns aos estudos da gramaticalização, o que engloba a exposição dos parâmetros propostos por Lehmann (1982) e os princípios de gramaticalização propostos por Hopper (1991). Na sequência, por ser o objeto deste estudo uma construção, são tecidas algumas considerações acerca da gramaticalização de construções e também são feitas teorizações acerca de processos cognitivos envolvidos na gramaticalização, atendo-se, especificamente, à metáfora e aos esquemas imagéticos CAMINHO e BALANÇO¹.

Num segundo momento, por ser empreendido o estudo de uma construção constituída por uma sequência composta por dois verbos, a fundamentação teórica traz à tona a abordagem de questões que discutem a auxiliaridade verbal no português brasileiro, bem como de questões que sustentam as teorias de aspecto e modo, uma vez que se parte do princípio de que, via processo de gramaticalização, determinados verbos plenos, ao se gramaticalizarem e assumirem a função auxiliar, podem marcar funções gramaticais prototípicas como essas.

Por fim, são abordados alguns tópicos relacionados à teoria da argumentação e aos recursos dos quais dispõem os usuários da língua para evidenciar a força argumentativa de seus enunciados, já que, a partir das análises empreendidas neste estudo, averiguou-se a atuação da construção estudada numa perspectiva escalar argumentativa.

1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Os estudos linguísticos perpassaram diferentes etapas para chegar até o ponto em que se encontram hoje. Antes, a língua era estudada de forma bastante abstrata, uma vez que em sua análise não eram consideradas influências do meio social. Era concebida como um sistema muito rígido e fechado, o que não correspondia à realidade da linguagem. Com o

¹ Há, na Semântica Cognitiva, a abordagem de três esquemas imagéticos: CAMINHO (deslocamento no espaço), BALANÇO (equilíbrio de forças) e RECIPIENTE (relação de dentro e fora). Neste estudo, entretanto, limitaram-se as análises aos esquemas CAMINHO e BALANÇO pelo fato de a construção estudada não estabelecer relações metafóricas de RECIPIENTE.

evoluir dos tempos e das pesquisas linguísticas, a concepção de língua foi incorporando novas definições.

Conforme Faraco (1998), qualquer língua falada no mundo está em constante processo de mudança, mesmo não sendo essas mudanças imediatamente sentidas pelos falantes. Isso se deve ao fato de as mudanças serem lentas e graduais; serem parciais, não envolvendo todo o sistema linguístico; e sofrerem influência de uma força oposta, qual seja, a força de preservação da intercompreensão.

Neves (2000, p. 3), com base nos pressupostos de Givon (1984), também diz que “a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”.

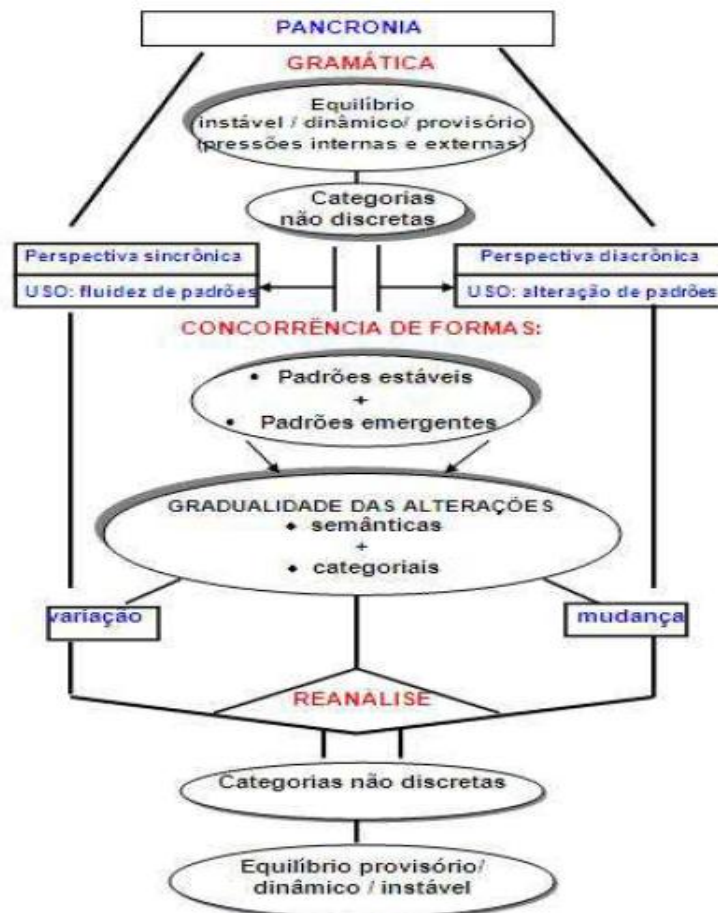
Entende-se, dessa forma, que linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo indissociável. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedade e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Dentro dessa perspectiva, a língua é concebida como um “instrumento de comunicação social, simultaneamente servindo para representar informação, estabelecer identificação de um grupo e acomodar situações sociais”. (LABOV, 1982, p. 84, tradução nossa).

Assim sendo, é possível perceber que, quando há um comprometimento com uma concepção de linguagem que tem como foco de análise a língua em uso efetivo, compreende-se com facilidade que o sistema de qualquer língua natural, além de heterogêneo, não é estático e, conseqüentemente, está submetido a pressões de seus usuários, o que acarreta mudanças linguísticas de natureza variada. (cf. GONÇALVES *et al.*, 2007).

Com a mudança de foco no estudo da língua, abre-se espaço para os estudos de variação e mudança linguística, alocados, essencialmente, numa abordagem funcionalista. Nessa abordagem, a língua, entendida como objeto social, está em uso. E, por estar em uso, está sujeita a constantes modificações. Segundo Hopper (1987), a gramática é emergente e por isso as estruturas linguísticas não podem ser aprioristicamente definidas, nem fixadas, sendo resultantes das negociações dos falantes em situações de interação. A estrutura da língua é, pois, moldada pelo discurso.

Também Du Bois (1985), nesse mesmo sentido, já defendia que gramáticas de língua natural devem ser concebidas como sistemas adaptáveis. Essa faceta adaptável pode ser melhor visualizada a partir da figura 1, a seguir.

Figura 1 - Dinamismo da gramática



Fonte: Neves (2011, p. 30)

A partir desse círculo vicioso pelo qual percorre a gramática, Neves (2011, p. 31) postula que

a) A chegada à gramática de uma expressão (a gramaticalização) se inicia por forças que se encontram fora da estrutura lingüística, e aí se inclui prioritariamente a cognição; b) Existe uma correlação (diagramaticamente) icônica entre o “empacotamento” cognitivo e o “empacotamento” gramatical, reconhecendo-se a possibilidade de que as diversas línguas apresentem diferenças na codificação estrutural de um mesmo evento ou na codificação de semelhantes tarefas do processamento da fala (pelo fato de haver diferentes recursos à disposição do falante nas diferentes línguas); c) O componente conceptual é, mesmo, a força condutora que está por trás do componente gramatical, colocando os níveis estipulados para a gramática em interação com esse componente cognitivo (mesmo que ele seja considerado fora do componente propriamente gramatical); d) Exatamente por essa relação entre um processamento global de origem e um processamento linear e segmentável de chegada, fica evidenciado que os limites entre as categorias gramaticais são vagos, difusos, e até móveis: cada membro da categoria pode ser conceituado segundo o grau de semelhança que tenha com o membro que configura a representação mais característica dessa categoria (prototipia), dentro de um conjunto de categorias naturais, formadas por ação

da analogia e por interpretação metafórica, com contínua redefinição de sentidos (incluída aí a estereotípia).

Nessa concepção, gramáticas não são, portanto, sistemas impermeáveis, compostos de estruturas pré-fixadas e inertes; são, antes, resultado de constante competição entre forças internas, inerentes ao sistema, e forças externas, tais como fatores cognitivos e interacionais, ligados ao cumprimento de metas comunicativas dos falantes.

É nessa perspectiva que a gramaticalização se mostra como um processo que capta essa competição entre forças internas e externas, como discutido na próxima subseção.

1.1.1 GRAMATICALIZAÇÃO: A CONCEPÇÃO DE UMA MUDANÇA

A gramática de uma língua, numa perspectiva tradicional, nos é apresentada como um conjunto fechado de itens e processos, em oposição ao léxico, conjunto aberto a incorporações. (cf. COELHO e VITRAL, 2011a). Entretanto, como se viu, essa gramática não parece ser tão estável como nos é apresentada. Isso fica comprovado quando observamos os fenômenos de gramaticalização que vêm amplamente sendo estudados nas diversas perspectivas teóricas. Coelho e Vitral (2011a, p. 178) afirmam ser fato que “a gramática de uma língua pode adquirir itens renovados para exprimir noções gramaticais já existentes”.

Conforme aponta Leite (2011), o termo *gramática* passou a designar o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, acima de tudo, pressões de uso. As pressões cognitivas constituem o fato de a gramática apresentar um aspecto mais regular, pois ela é consequência do modo como os humanos interpretam o mundo e organizam mentalmente as informações decorrentes dessa interpretação. Daí o motivo pelo qual se afirma que a gramaticalização é uma faceta instável da gramática.

Portanto, a gramaticalização é uma reivindicação da faceta instável da gramática que tende a se processar em aspectos abstratos, conversacionais e na organização interna do texto. (cf. LEITE, 2011).

Martelotta, Votre e Cezario (1996) afirmam que a gramaticalização envolve os níveis cognitivos (os elementos concretos tendem a passar a elementos abstratos), pragmáticos (os ouvintes entendem o novo sentido de uma determinada palavra na interação face a face), semânticos (o conhecimento dos interlocutores torna-se necessário no processo de mudança dos significados de origem) e sintáticos (o processo de gramaticalização não

ocorre somente por conta dos contextos, mas ocorre também por conta dos aspectos sintáticos).

Ao discorrer sobre o fenômeno da gramaticalização, Coelho (2006, p. 27) relata que,

desde os neogramáticos, registra-se uma preocupação dos estudiosos em desvendar os processos diacrônicos responsáveis pela criação e ou alteração de funções dos vocábulos de uma língua. Naquela época, acreditava-se que a analogia fosse o principal fenômeno responsável não só pela criação de novas palavras, mas também suficiente para explicar o fato de determinados itens passarem, com o tempo, a desempenhar outras funções na língua. Contudo, a intuição de alguns lingüistas fê-los perceber que apenas fatores analógicos mostravam-se insuficientes para explicar toda a complexidade da mudança lingüística. Passou-se, dessa feita, a reflexões mais acuradas, visando a identificar um outro fenômeno lingüístico que pudesse explicar empiricamente algumas questões variacionistas para as quais a analogia não encontrava respostas.

Frente a essa incompletude do fenômeno da analogia é que surge a gramaticalização. Apesar de os estudos acerca da gramaticalização terem se efetivado antes, somente no século XX é que encontraram terreno mais fértil para se estabelecerem. Foi o linguista francês Antoine Meillet (1912) que empregou, pela primeira vez, o termo *gramaticalização* para designar a atribuição de um caráter gramatical a um termo anteriormente autônomo.

Conforme salienta Coelho (2006, p. 31),

Meillet reconheceu a importância da primeira geração de lingüistas indo-europeístas ao afirmar que estes especularam bastante sobre as origens das formas gramaticais, mas alertou para o fato de que os resultados por eles obtidos são aleatórios e não confiáveis, já que o que está em questão numa perspectiva lingüística mais científica não são as origens das formas gramaticais, mas suas transformações.

Ficou estabelecido, assim, o primado da gramaticalização sobre a analogia, visto que esta só pode operar quando um núcleo de formas já tenha emergido, ficando descartada a possibilidade de ela constituir uma fonte primária de novas formas gramaticais.

A partir de então, muitos linguistas ocuparam-se desse fenômeno, e Givón, na década de 70, após estudar as formas verbais africanas e descobrir que os afixos de hoje remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes, mostrou que as gramáticas das línguas seguem um ciclo representado da seguinte forma:

discurso > sintaxe > morfologia

Ressalta-se, entretanto, que a passagem de um nível a outro, como todo processo de mudança linguística, não se dá de forma abrupta, mas sim por meio de uma série de transições graduais, uma espécie de *cadeia de gramaticalização* na qual as estruturas conceituais e morfológicas envolvidas se sobrepõem no interior do *canal de gramaticalização*, que compreende o ciclo que vai do ponto inicial ao ponto final do processo (cf. HEINE *et al.*, 1991).

Esse desenvolvimento das formas se dá por meio de um *cline* de gramaticalização, visto como uma linha imaginária contínua na qual as formas se organizam e em cujas extremidades opostas estariam os itens lexicais e os itens gramaticais (cf. HOPPER e TRAUGOTT, 1993). Esse *cline* mostra que a gramaticalização se dá num *continuum*, de forma gradual, como se vê na representação a seguir:

item lexical > item gramatical > clítico > afixo

Almeida e Oliveira (2010, p. 139), ao explicarem o *cline* de gramaticalização proposto por Hopper e Traugott (1993), afirmam que,

num primeiro estágio, um item passa a esvaziar seu conteúdo lexical, a ponto de assumir características de natureza gramatical. Em seguida, se houver a continuação da evolução do processo, ele passa por uma transformação formal, assumindo um comportamento típico de um clítico, para, finalmente, afixar-se a outro item, e, como uma última etapa, caminhar, talvez, para o seu desaparecimento.

Nem todos os itens em gramaticalização perpassam por todos os estágios desse *cline*. Entretanto, cumpre destacar que a característica básica do processo de gramaticalização é a unidirecionalidade². A mudança instancia-se no ponto mais à esquerda, partindo de significados mais concretos e indo até o ponto mais à direita da cadeia, onde se dão os significados mais abstratos. Há uma relação sequencial entre os estágios A e B, sendo a ocorrência de A anterior a B, mas de B nunca anterior a A.

Mostrados alguns dos princípios norteadores do processo de gramaticalização, segue-se a apresentação de definições dadas a ele por alguns linguistas.

² É válido ressaltar que nem todos os autores que estudam processos de mudanças linguísticas via gramaticalização concordam com isso. Martelotta (2010) ressalta que, já no início da década de 1990, alguns contraexemplos da unidirecionalidade foram apresentados. Dentre os autores que argumentam contra a unidirecionalidade, destacam-se Lyle Campbell, Richard Janda, Frederick J. Newmeyer, Voltre e Ferreira. Para ver mais sobre essa discussão, recomenda-se a leitura de Martelotta (2010).

1.1.1.1 Conceitos de gramaticalização

De acordo com Heine e Rech (1984), gramaticalização é uma evolução na qual as unidades linguísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética. Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, ou seja, é o processo pelo qual um item sai do léxico para entrar na gramática³. Assim, como salienta Galvão (1999), a gramaticalização pode ser considerada como regularidade, convencionalidade, modo de rotinização, já que, ao deixar de ser um meio inovador e se transformar em uma estratégia comum, uma construção passa a ser considerada pela comunidade linguística como gramatical.

Logo, quanto mais um item ou uma construção são utilizados, mais tendem a se tornarem estruturados. Nesse viés é que Bybee e Hopper (2001) salientam a importância da frequência de uso daquilo que se convencionou chamar de *gramática*.

Ainda acerca da definição de gramaticalização, Castilho (1997, p.31) a conceitua como sendo

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (=recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

Tavares (2003), ao tratar da gramaticalização, diz que esta ocorre em duas etapas indissociáveis: (i) a emergência de estratégias gramaticais inovadoras quando da negociação e da adaptação de formas e funções linguísticas pelos falantes em situação de interação; (ii) o processo de disseminação dessas inovações em variados âmbitos linguísticos e sociais⁴.

Como se vê, a gramaticalização é o processo pelo qual alguns itens e/ou construções linguísticas⁵ que ocupam categorias lexicais passam a desempenhar funções

³ Neste estudo, trata-se a gramaticalização como um processo de mudança justamente pelo fato de ela implicar mudança de categoria, ou seja, de uma categoria do léxico para uma categoria da gramática.

⁴ Essa etapa do processo de gramaticalização corresponde ao que Labov (1968) denomina de espriamento da mudança, podendo ainda ser relacionada ao princípio de especialização proposto por Hopper (1991).

⁵ Teóricos da gramática de construção, como Traugott (2009), não acreditam na gramaticalização de itens, mas apenas na gramaticalização de construção, já que o processo se dá na relação sintagmática estabelecida entre os componentes da construção.

gramaticais ou, se já desempenham funções gramaticais, passam a funcionar de forma ainda mais gramaticalizada. Dessa forma, como afirmam Almeida e Oliveira (2010), proceder a um trabalho que vise ao estudo sob a perspectiva da gramaticalização exige considerar o processo como pertencente a um ciclo. As mudanças pelas quais passam os itens e/ou construções linguísticas dão-se processualmente, em etapas, ou seja, caminham ao longo de um percurso por meio do qual cada mudança se apresenta num determinado estágio de transição.

Assim, por ser a gramaticalização um processo que perpassa vários estágios, alguns parâmetros precisam ser adotados para auxiliar os pesquisadores na decisão de sancionar o estatuto gramatical de determinada forma ou construção. Entretanto, não há ainda, entre os linguistas, uma unificação dos princípios e critérios que podem embasar os estudos nessa área, possibilitando aos estudiosos métodos que levem à determinação do grau de gramaticalização de um determinado item ou de uma determinada construção. Nesse sentido é que se apresentam a seguir os princípios mais recorrentes na literatura da área, a saber: os propostos por Lehmann (1982) e os propostos por Hopper (1991).

1.1.1.2 Parâmetros de gramaticalização segundo Lehmann (1982)

Lehmann (1982) propõe parâmetros formais para medir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização. Esses parâmetros se relacionam à seleção (eixo paradigmático) e à combinação (eixo sintagmático) de signos linguísticos. No eixo paradigmático, têm-se os parâmetros integridade, paradigmaticidade e variabilidade paradigmática; no eixo sintagmático, têm-se os parâmetros escopo, conexidade e variabilidade sintagmática.

Ao definir o primeiro parâmetro do eixo paradigmático – *integridade* –, Lehmann (2002 [1982], p. 112) diz que

o peso paradigmático ou a integridade de um signo é sua posse de uma determinada substância, o que lhe permite manter a sua identidade, a sua distinção de outros sinais, e confere-lhe um certo destaque em contraste com outros signos no sintagma. Este é o parâmetro de gramaticalização no qual aspectos semânticos e fonológicos podem ser mais claramente distinguidos. A diminuição da integridade semântica de um signo é a dessemantização; a

diminuição da integridade fonológica é o atrito fonológico. (tradução minha)⁶

Como se vê, o parâmetro de *integridade* faz referência ao tamanho da forma em relação à sua fonte fonológica e semântica.

Quanto ao parâmetro *paradigmaticidade*, Lehmann (2002 [1982]) diz estar este relacionado ao grau de coesão de um item com outros num paradigma. Esse parâmetro refere-se à integração formal e semântica de um paradigma como um todo e à integração formal e semântica do item analisado nesse paradigma.

Seguindo suas definições, Lehmann (2002[1982]) diz que a *variabilidade paradigmática* refere-se à liberdade com que o usuário da língua escolhe um signo dentre aqueles disponíveis num paradigma. Diz-se, então, que há a possibilidade de uso de um item em detrimento daquele em processo de gramaticalização, podendo o usuário até não escolher nenhum item, deixando em seu lugar uma categoria genérica, não especificada, disponível para aquele contexto usual.

Passando ao eixo sintagmático, Lehmann (2002 [1982]) expõe primeiro o parâmetro *escopo*, dizendo estar este relacionado ao tamanho estrutural da construção que ele ajuda a formar. Para o autor, com o aumento do grau de gramaticalização de um item, seu escopo reduz, ou seja, via “condensação”, o item passa da relação de constituintes complexos para a relação com palavra ou com radical.

Nesse viés, a *conexidade* é apresentada como a coesão de um item com outro. Refere-se à intimidade com que este item está conectado com outro signo com o qual mantém uma relação sintagmática. (cf. LEHMANN, 2002 [1982]).

Por fim, ao definir o parâmetro *variabilidade sintagmática*, Lehmann (2002 [1982], p. 140) afirma que

a variabilidade sintagmática de um item é a facilidade com que pode ser deslocado em torno do seu contexto. No caso de um item gramaticalizado, trata-se principalmente da sua mutabilidade de posicionamento com relação

⁶No original: The paradigmatic weight or integrity of a sign is its possession of a certain substance which allows it to maintain its identity, its distinctness from other signs, and grants it a certain prominence in contrast to other signs in the syntagm. It is this factor of grammaticalization in which semantic and phonological aspects can be most clearly distinguished. Decrease in the semantic integrity of a sign is desemantization; decrease in the phonological integrity is phonological attrition. (LEHMANN, 2002 [1982], p. 112)

aos componentes com os quais entra em construção. A variabilidade sintagmática diminui com o aumento da gramaticalização. (tradução minha)⁷

O quadro 1, a seguir, adaptado de Lehmann (1982) e citado por Gonçalves *et al.* (2007), visa a explicitar e a sintetizar os efeitos da gramaticalização.

Quadro 1 - Correlação de parâmetros da gramaticalização

	Parâmetros	GR Incipiente	Processo	GR Avançada
Eixo paradigmático	Integridade (peso)	Item possivelmente polissilábico, com muitos traços semânticos	Atrição	Item geralmente monossilábico, com poucos traços semânticos
	Paradigmaticidade (coesão)	Participação frouxa do item em um campo semântico	Paradigmaticização	Item integra paradigma pequeno, altamente integrado
	Variabilidade paradigmática (variabilidade)	Escolha livre dos itens, segundo as intenções comunicativas	Obrigatoriedade	Escolha sistematicamente restritas, uso obrigatório
Eixo sintagmático	Escopo (peso)	Relação do item com constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica a palavra ou a raiz
	Conexidade (coesão)	Justaposição do item independentemente	Coalescência (união)	Item é afixo ou traço fonológico
	Variabilidade sintagmática (variabilidade)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

Fonte: Gonçalves *et al.* (2007, p. 71)

Lehmann (2002 [1982], p. 111) afirma que

na medida em que os seis parâmetros de gramaticalização têm uma base dedutiva comum, eles são teoricamente dependentes uns dos outros. No entanto, a base teórica não tem sido completamente explicitada [...]. Há, portanto, motivos não teóricos pelos quais se espera uma correlação de 100% entre eles. A única coisa que nós podemos assumir com segurança é que eles se correlacionam de forma significativa. Por outro lado, cada um dos parâmetros pode ser examinado de forma independente dos outros: eles são metodicamente independentes uns dos outros. A partir deste ponto de vista, a questão se eles se relacionam e em que grau se relacionam pode legitimamente ser considerada uma questão empírica. E se eles estão

⁷No original: The syntagmatic variability of a sign is the ease with which it can be shifted around in its context. In the case of a grammaticalized sign, this concerns mainly its positional mutability with respect to those constituents with which it enters into construction. Syntagmatic variability decreases with increasing grammaticalization. (LEHMANN, 2002 [1982], p. 140)

correlacionados, a sua correlação pode ser explicada pela teoria. (tradução minha)⁸.

Cumprir destacar ainda que a correlação desses parâmetros não implica, obrigatoriamente, a atualização de todos eles num determinado processo de gramaticalização.

1.1.1.3 Princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991)

Hopper (1991), na tentativa de fornecer subsídios que permitissem identificar os primeiros estágios do processo de mudança, ou seja, os estágios iniciais da gramaticalização, propôs outro conjunto de cinco princípios diferentes dos de Lehmann. São eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Esses princípios visam a aferir o caráter gradual da gramaticalização, sendo eles responsáveis por conferir aos elementos analisados o grau de mais ou menos gramaticalizados, não visando, então, a verificar se eles pertencem ou não à gramática. (cf. GONÇALVES *et al.*, 2007). Disso, conclui-se que os princípios propostos por Hopper não discriminam aqueles processos de mudança que resultam em gramaticalização daqueles que não resultam.

O princípio da *estratificação* (*layering*) preconiza que, num domínio funcional, novas formas estão sempre emergindo, mas isso não significa que as formas antigas desaparecem; elas coexistem com as emergentes⁹. Um item passa a ter diversos usos, cada um deles correspondendo a uma camada num domínio funcional. Hopper (1991) entende por *domínio funcional* algumas áreas gerais como tempo, aspecto, modalidade, caso, referência.

Bastante similar ao primeiro princípio exposto é o princípio da *divergência*, relacionado à noção de polissemia, em que uma forma passa a exercer várias funções. Assim, uma forma lexical pode sofrer gramaticalização (por exemplo, transformar-se em um auxiliar), mas ainda permanecer no sistema como forma lexical. Nessa categoria é ainda um

⁸No original: insofar as the six grammaticalization parameters have a common deductive basis, they are theoretically dependent on each other. However, the theoretical basis has not been made fully explicit [...]. There are therefore no theoretical grounds on which to expect a 100% correlation between them. The only thing that we can safely assume is that they will correlate to a significant degree. On the other hand, each of the parameters can be examined independently of the others: they are methodically independent of each other. From this viewpoint, the question of whether and to which degree they correlate can legitimately be considered an empirical question. And if they correlate, their correlation may be considered explained by the theory. (LEHMANN, 2002 [1982], p. 111)

⁹Cumprir destacar que este princípio acentua bem a diferença da mudança via gramaticalização da mudança vista sob a concepção laboviana, uma vez que esta pressupõe o desuso de uma forma em detrimento de outra, pressupondo a concorrência entre elas, já aquela pressupõe a co-ocorrência das formas e não a exclusão de uma delas.

elemento autônomo que pode sofrer as mesmas mudanças que um item lexical comum, o que pode levar a um novo processo de gramaticalização. Esse princípio explica a existência de formas etimologicamente iguais, mas divergentes funcionalmente.

O terceiro princípio, *especialização*, relaciona-se à limitação de escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio funcional, ou seja, a construção emergente deixa de ser uma escolha a mais na língua, para ser uma forma progressivamente obrigatória.

Já o princípio da *persistência* relaciona significado e função de uma forma gramatical a sua história como uma forma lexical. Por mais que uma forma possa mudar e assumir novos significados, ainda permanecem alguns vestígios de um uso anterior.

O quinto e último princípio é a *descategorização*, que se refere à diminuição ou perda do estatuto categorial dos itens gramaticalizados.

A forma em gramaticalização tende a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e os privilégios sintáticos que caracterizam as formas plenas como nomes e verbos, vindo a assumir atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas, como advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos, podendo, em alguns casos, chegar a zero. (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 84).

Vê-se que os parâmetros de Lehmann e os princípios de Hopper não se excluem, mas são, de alguma forma, complementares, dados os objetivos a que cada um se direciona. Neste estudo, na seção 3.2, serão aplicados à gramaticalização de *chegar* os parâmetros de Lehmann, visto que foram encontradas ocorrências da construção objeto deste estudo desde o século XIX, o que pressupõe que já esteja em um estágio mais avançado de gramaticalização. Entretanto, sempre que possível, também serão demonstrados exemplos que confirmem os princípios propostos por Hopper (1991).

1.1.1.4 Gramaticalização e gramática de construções

Como já discutido, as teorias funcionalistas fundamentam-se numa relação entre gramática e discurso. Daí a noção de gramática emergente, conforme proposto por Hopper (1987) e citada na seção 1.1 deste trabalho. Para ele, a gramática não constitui um produto acabado, estável, mas sim em constante mudança, em (trans)formação. Conforme Gonçalves *et al.* (2007, p. 15), Hopper (1987)

entende a gramática das línguas como constituída de partes cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo em princípio ser

separado das estratégias de construção do discurso. Subjazem a esse entendimento uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim em constante gramaticalização.

Neste sentido, Gonçalves *et al.* (2007, p. 27), resumidamente, e em uma escala evolutiva dos estudos de gramaticalização, traçam um perfil dos estudos no decorrer do tempo. Para eles, há, basicamente, três estágios:

- (i) a versão de Meillet (1912), que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical];
- (ii) a oferecida por Kurilowicz (1975), que adiciona ao cline de Meillet (1912) a passagem do [-gramatical] > [+gramatical];
- (iii) as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+gramatical].

Como se vê, os estudos atuais não têm mais centrado a mudança via gramaticalização simplesmente no *continuum* léxico > gramática, como ocorria tradicionalmente. Modernamente, existe o reconhecimento das construções como unidades básicas da língua e, sob a perspectiva da Gramática de Construções (doravante GC), há uma tendência nos estudos de gramaticalização em estudar os processos de mudança pelo viés das construções sintáticas, num *continuum* construção > gramática.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007, p. 119),

o termo *construção*, embora recorrente na literatura linguística, durante muito tempo foi usado sem que nenhuma corrente científica tivesse se preocupado em descrevê-lo teoricamente. De modo geral, uma construção é identificada como uma unidade linguística maior do que uma palavra. A partir de meados da década de 1980, entretanto, são publicados alguns trabalhos [...] cujo objetivo principal é justamente propor, por um lado, uma abordagem teórica do conceito de construção e, por outro, advogar a favor do reconhecimento das construções como unidades básicas da língua. Dá-se início, assim, a uma nova perspectiva de análise linguística, identificada como gramática de construções. (grifo dos autores).

Dentre os trabalhos iniciais nessa nova perspectiva de análise linguística, um dos mais completos, cuja contribuição se deu de forma mais efetiva, foi o de Goldberg (1995), intitulado *Constructions — A construction Grammar approach to structure argument*. Como já diz o título, o objeto de estudo desse trabalho perpassou por construções envolvendo verbos e sua estrutura argumental. Goldberg (1995, p. 1) afirma que

sentenças básicas do inglês são instâncias de *construções* — correspondências forma-significado que existem independentemente de verbos específicos. Ou seja, sustenta-se que as construções carregam significado por si mesmas, independentemente das palavras na sentença. (tradução minha)¹⁰

Goldberg (1995) defende a tese de que as unidades básicas da linguagem são as construções gramaticais e as define da seguinte forma: “C é uma construção se e somente se C é um par forma-significado $\langle F_i, S_i \rangle$, de tal forma que nenhum aspecto de F_i ou de S_i seja estritamente previsível a partir de partes componentes de C ou a partir de outras construções previamente estabelecidas”. (*op. cit.* p. 4, tradução minha)¹¹

Consoante Goldberg (1995), as construções possuem forma e significado independentes dos verbos que as instanciam. Além disso, os valores semânticos de uma sentença podem ser associados a um padrão sintático específico. Assim, a GC rejeita a tese de que a língua é um conjunto de regras, as quais são aplicadas sobre itens lexicais. Para essa corrente teórica, a partir da incorporação das construções à descrição gramatical, a gramática passa a ser entendida como uma rede de construções, deixando de lado a noção de centro e de periferia. Agora, léxico e gramática caminham juntos, constituindo, pois, componentes cuja separação não é discreta.

Ainda de acordo com Goldberg (1995), as construções gramaticais são as unidades básicas da língua e constituem um conjunto estruturado de informações inter-relacionadas e fortemente entrelaçadas. Essas construções geram, então, um conjunto organizado e sistemático, formando uma rede. Acrescenta ainda a autora que o estudo das construções tem sido a base de um dos maiores avanços nos estudos de gramática, visto que todos os níveis linguísticos envolvem construções, que estão presentes em todas as línguas, desde os morfemas às sentenças.

Em trabalho recente, Traugott (2009) destaca a importância de uma interseção entre a gramaticalização e a GC, visto que a construção seria a unidade básica da língua e que a gramaticalização se estabeleceria a partir de uma mudança construção > gramática.

¹⁰No original: basic sentences of English are instances of *constructions*—form-meaning correspondences that exist independently of particular verbs. That is, it is argued that constructions themselves carry meaning, independently of the words in the sentence. (GOLDBERG, 1995, p. 1).

¹¹No original: C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions. (GOLDBERG, 1995, p. 4).

Nessa perspectiva, a gramaticalização de construções envolveria “a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou designam uma nova função gramatical para uma construção gramatical já existente.” (TRAUGOTT, 2009, p.91, tradução minha)¹².

A gramaticalização de construções, segundo Traugott (2009), tem sido um assunto estudado por muitos pesquisadores no cerne dos trabalhos funcionalistas.

A gramaticalização não envolve apenas uma palavra ou morfema... mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas do elemento em questão. (LEHMANN, 1992, p. 406 *apud* TRAUGOTT, 2009, p. 92, tradução minha¹³).

É a construção inteira, e não simplesmente o significado lexical da base, que é o precursor e, por esta razão, a fonte do significado gramatical. (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 11 *apud* TRAUGOTT, 2009, p. 92, tradução minha¹⁴).

Também Hopper e Traugott (2003, p. 18) *apud* Traugott (2009, p. 92) definem a gramaticalização como “a mudança por meio da qual itens lexicais e construções surgem em certos contextos linguísticos para atender funções gramaticais e, uma vez gramaticalizadas, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (tradução minha)¹⁵.

Como bem salienta Heine e Kuteva (2007, p. 33),

a teoria da gramaticalização se preocupa com a gênese e com o desenvolvimento de formas gramaticais. Seu objetivo principal é descrever como formas e construções gramaticais surgem e se desenvolvem através do espaço e do tempo, a fim de explicar por que são estruturadas do jeito que são. Uma motivação principal para gramaticalização consiste em utilizar formas lingüísticas de significados concretos, de fácil acesso, e / ou claramente delineados para também expressar significados menos concretos,

¹²No original: The change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical construction may continue to be assigned new grammatical functions. (TRAUGOTT, 2009, p. 91).

¹³No original: Grammaticalization does not merely seize a word or morpheme...but the whole construction formed by the syntagmatic relations of the elements in question. (LEHMANN, 1992, p. 406).

¹⁴No original: It is the entire construction, and not simply the lexical meaning of the stem, which is the precursor, and hence the source, of the grammatical meaning. (BYBEE, PERKINS and PAGLIUCA, 1994, p. 11).

¹⁵No original: The change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions. (HOPPER and TRAUGOTT, 2003, p. 18).

menos acessíveis facilmente e menos claramente delineados. (tradução minha¹⁶).

Ao assumir uma interface da gramaticalização com a GC, Traugott (2009) destaca que, enquanto a gramaticalização tem sido estudada primordialmente do ponto de vista diacrônico, a GC tem se dedicado fundamentalmente a pesquisas de caráter sincrônico, o que não inviabiliza a interseção das duas abordagens. Ainda segundo a autora, tal convergência pode trazer ganhos para ambos os modelos. O trabalho em gramaticalização traz para a gramática das construções foco nos seguintes temas:

(a) mudança dinâmica e emergência de novos padrões construcionais através do tempo e dos falantes; (b) desenvolvimento semasiológico (a trajetória de microconstruções); (c) unidirecionalidade (de micro a macroconstruções, aumento de esquematicidade e produtividade de token/type, decréscimo de composicionalidade); e (d) a hipótese de que construções podem se gramaticalizar em qualquer nível. (*op. cit.* p. 98, tradução minha¹⁷).

A perspectiva construcionista, por sua vez, leva a gramaticalização a focalizar

(a) o pareamento forma-sentido; (b) o alinhamento de padrões de uso e padrões gramaticais a partir do par forma/sentido; e (c) o desenvolvimento onomasiológico (incorporação de microconstruções na rede de construções de uma língua). (*op. cit.* p. 98, tradução minha¹⁸).

Com base nas discussões empreendidas, parece clara a ideia de que uma análise que se valha da interseção entre gramaticalização e GC tenderá a ser mais promissora e auxiliará no estudo da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ no PB. Isso corrobora o que já fora postulado por Rodrigues (2006, p. 33), quando diz que “todas as construções da língua,

¹⁶No original: The grammaticalization theory is concerned with the genesis and development of grammatical forms. Its primary goal is to describe how grammatical forms and constructions arise and develop through space and time, and to explain why they are structured the way they are. One main motivation for grammaticalization consists in using linguistic forms for meanings that are concrete, easily accessible, and/or clearly delineated to also express less concrete, less easily accessible and less clearly delineated meaning contents. (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 33).

¹⁷No original: A) dynamic change, and emergence across time and speakers, b) semasiological developments (the trajectory of micro-constructions), c) unidirectionality (from micro to macro-construction, increased schematicity and type/token productivity, decreased componentiality), and d) the hypothesis that constructions can grammaticalize at all levels. (TRAUGOTT, 2009, p. 28).

¹⁸No original: A) form-meaning pairings, b) step by step alignment into patterns and grammatical constructions via meaning to form, c) onomasiological developments (incorporation of micro-constructions into patterns and networks). (TRAUGOTT, 2009, p. 28).

mesmo as mais marginais e idiomáticas, podem e devem ser sistematicamente descritas tendo em vista suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas”.

1.1.1.5 Pressupostos cognitivos: metáfora e esquemas imagéticos

No processo evolutivo dos estudos linguísticos, surge, na década de 80, como questionamento a alguns pressupostos gerativistas, a denominada Linguística Cognitiva (LC), tendo Lakoff como um de seus precursores.

Conforme Velozo (2013, p. 75), a linguística cognitiva “é constituída por posições teóricas que partem da hipótese da motivação conceptual da gramática, segundo a qual fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados a partir de mecanismos mais gerais da cognição humana”. Para os cognitivistas, “a linguagem não constitui um componente autônomo da mente, ou seja, não é independente de outras faculdades mentais” (MARTELLOTA e PALOMANES, 2011, p. 179). Dessa forma, a LC defende a hipótese da não modularidade da linguagem, assumindo uma perspectiva integradora em relação aos módulos tradicionalmente estabelecidos. Conforme os pressupostos da LC, não há necessidade de se distinguir conhecimento linguístico de conhecimento não linguístico.

Dessa não separação dos conhecimentos, conforme apontam Martellota e Palomanes (2011), advém a concepção de que as línguas não podem ser explicadas somente por mecanismos formais autossuficientes, sendo fundamental levar em consideração “os processos de pensamento subjacentes à utilização de estruturas linguísticas e sua adequação aos contextos reais nos quais essas estruturas são construídas” (p. 179). Daí o surgimento da corrente sociocognitivista.

De acordo com os sociocognitivistas, “a estrutura léxico-gramatical das línguas naturais reflete, em alguma medida, a estrutura do pensamento” (VELOZO, 2013). Em decorrência disso, assume-se que a representação do conhecimento de mundo não é fundamentalmente diferente da representação semântica, e que os processos cognitivos gerais, como mecanismos de categorização e de atenção, motivam os fenômenos gramaticais.

Nesse sentido, a construção da significação referente ao universo cultural leva em conta a captação dos dados da experiência. Dessa forma, “uma das hipóteses centrais dessa abordagem é que as experiências humanas mais básicas, as quais se estabelecem a partir do corpo, fornecem as bases dos sistemas conceptuais humanos” (VELOZO, 2013, p. 75). Daí dizer que o pensamento é compreendido, portanto, como corporificado, uma vez que sua estrutura e sua organização estão associadas diretamente à estrutura do corpo, assim como às

restrições humanas de percepção e de movimento no espaço. (MARTELOTA e PALOMANES, 2011).

Nessa perspectiva, “o significado linguístico não é arbitrário, porque deriva de esquemas sensório-motores” (OLIVEIRA, 2001, p. 24). O significado corpóreo não seria nem exclusivo, nem prioritariamente linguístico. O esquema mental (imagético cinestésico) que surgiria diretamente da experiência corporal do falante com o mundo (ponto de partida, percurso, ponto de chegada, por exemplo) ancora o significado de suas expressões linguísticas sobre o espaço. São, portanto, as ações desse falante no mundo que lhe permitem apreender diretamente esquemas imagéticos espaciais e são esses esquemas que dão significado às suas expressões linguísticas. (cf. OLIVEIRA, 2011)

Acredita-se que as relações corpóreas do falante com o mundo, mesmo ainda antes que falasse, estruturam esquemas imagéticos, não proposicionais, com os quais atribui sentido as suas sequências linguísticas. Oliveira (2011) cita os seguintes esquemas: a) CAMINHO: os deslocamentos do sujeito de um lugar para outro; B) RECIPIENTE: o esquema de estar dentro e fora de algum lugar; c) BALANÇO: aprendido em ensaios para ficar em pé.

Araújo (2008), ao expor teoricamente os esquemas imagéticos, relaciona os principais, conforme quadro 2, a seguir:

Quadro 2 - Classificação dos esquemas imagéticos baseado em Clausner; Croft (1999)

Esquemas de ESPAÇO	Em cima -embaixo, frente-atrás, esquerda-direita, próximo-longe, centro-periferia, contato
Esquemas de ESCALA	Percurso
Esquemas de CONTÊINER	Contenção, dentro-fora, superfície, cheio-vazio, conteúdo
Esquemas de FORÇA	Equilíbrio/balanço, contraforça, compulsão, restrição, desbloqueio, bloqueio, desvio, atração
Esquemas de UNIDADE/MULTIPLICIDADE	Fusão, coleção, separação, reiteração, parte-todo, incontável-contável, ligação
Esquemas de IDENTIDADE	Combinação, sobreposição
Esquemas de EXISTÊNCIA	Remoção, espaço delimitado, ciclo, objeto, processo

Fonte: adaptado de Araújo (2008, p. 24)

Como salienta Araújo (2008), um quadro como esse poderia sugerir que a delimitação e a identificação de tais esquemas seria uma tarefa fácil. No entanto, praticamente todos os autores concordam sobre as dificuldades de encontrar uma base segura para a

delimitação dos esquemas imagéticos possíveis. Ainda mais quando se atenta para o fato da sua dinamicidade inerente.

Além de não ser fácil delimitar os esquemas possíveis, alerta Oliveira (2001) que nem todos os conceitos são resultantes de esquemas e que também há determinados domínios da experiência humana cujo sentido depende de mecanismos de abstração e não somente da relação corpórea. Partindo disso, a LC trabalha, então, com o conceito de *metáforas*, vistas como o mapa (conjunto de relações entre entidades definidas abstrata e logicamente) entre um domínio da experiência concreta e outro domínio mais abstrato. Note-se que, nesse contexto, tal conceito não se confunde com a figura de linguagem que se aprende a classificar na escola. Na perspectiva de Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é concebida como um processo cognitivo que nos permite construir e/ou mapear esquemas mentais aprendidos de forma direta pelo nosso corpo. Tais esquemas são acionados em domínios mais abstratos cuja experimentação nos é indireta.

Lakoff e Johnson (1980) tipificam as metáforas em três subcategorias, de acordo com suas funções cognitivo-linguísticas:

1. *Metáforas orientacionais* – estruturam os conceitos de linearidade tendo como base orientações lineares não-metafóricas.
2. *Metáforas ontológicas* – projetam características de uma entidade ou substância sobre outra entidade ou substância que *a priori* não possui essas características. As personificações são metáforas desse tipo.
3. *Metáforas estruturais* – estruturam experiências ou atividades em termos de outras experiências ou atividades. São chamadas, genericamente, metáforas literais, porque são, em geral, inconscientes, automáticas e convencionais.

A partir dessas características, pode-se observar que a metáfora é uma relação de transferência de domínios conceituais e, conforme salientam Gonçalves *et al.* (2007, p. 43), ao discorrerem sobre o que propõem Heine *et al.* (1991),

a metáfora envolvida na gramaticalização, diferentemente daquela relacionada às figuras de linguagem, seria pragmaticamente motivada e voltada para a função na gramática. A partir dela não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações por meio da extensão de significados: é a ‘metáfora emergente’, cuja origem, que propicia a gramaticalização, seria de natureza ‘categorial’. Esse sentido permite entender que o desenvolvimento das estruturas gramaticais pode ser descrito em termos de algumas categorias básicas e parte sempre, unidirecionalmente, do elemento à esquerda – mais concreto.

Esse *continuum* metafórico de gramaticalização é mostrado por Heine *et al* (1991) *apud* Gonçalves *et al* (2007, p. 43) da seguinte forma:

PESSOA>OBJETO>ATIVIDADE>ESPAÇO> TEMPO>QUALIDADE

Interessante observar que essas transferências baseiam-se em esquemas que partem dos domínios mais concretos para domínios mais abstratos, visto que as categorias situadas mais à esquerda da escala representam conceitos mais básicos da experiência humana.

Conforme atesta Coelho (2006), ao tratar de mudanças semânticas, os processos metafóricos são facilmente reconhecidos, uma vez que em muitas ocorrências essas mudanças são credenciadas à possibilidade que a língua oferece ao falante de empregar um sentido em termos de outro. Assim, com o tempo, aquela expansão metafórica se sagra e passa a incorporar o léxico de forma tal que os falantes não têm mais consciência de tratar-se de uma extensão de usos.

Conclui-se, a partir dessas explanações que, partindo da concepção de que a gramaticalização é o resultado de manipulação conceitual, é possível compreender que tenha na metáfora um mecanismo motivador.

1.2 AUXILIARIDADE VERBAL

Numa consulta ao dicionário, encontra-se a seguinte definição para o termo *auxiliar*: “que auxilia, ajudante” (CARVALHO e PEIXOTO, 1972, p. 113). Essa definição significa dizer que o uso desse termo pressupõe o uso de outro cujo significado gira em torno daquele que é auxiliado, ajudado. Neste sentido, é que, tradicionalmente, se distinguem, quanto à função, duas classes verbais: verbos principais e verbos auxiliares. Segundo Cunha (1971), verbos principais possuem significação plena, são núcleos de uma oração; já os auxiliares são os que, desprovidos total ou parcialmente da acepção própria (plena), juntam-se a outro verbo, ao qual emprestam matizes significativos especiais.

Borba (1996) inclui os verbos auxiliares na classe dos verbos funcionais, mostrando que um verbo é funcional quando: “(i) relaciona-se com outro pleno, núcleo de predicado – ocupando, portanto, uma posição periférica no interior do sintagma verbal, e (ii) tiver uma significação gramatical ou for suporte de categorias gramaticais”. (p. 75). Um verbo é auxiliar quando o verbo principal expressa a predicação e o auxiliar, as categorias de tempo,

voz e aspecto. O auxiliar tem também, segundo o autor, distribuição fixa. Auxiliares ligam-se, por meio de preposição ou não, a outro verbo (principal) que, obrigatoriamente, estará no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.

Para Pottier (1976), citado por Pena- Ferreira (2007), auxiliar é todo verbo que é incidente de outro verbo em um mesmo sintagma verbal, podendo essa incidência ser direta, se não houver entre o verbo auxiliar e o principal – ou modificante e modificado – a presença de uma preposição; e indireta se houver entre tais verbos uma preposição.

Segundo Câmara Júnior (1979, p. 163), “as línguas indo-européias sempre conheceram, ao lado das formas flexionais do verbo, composições de duas formas verbais para expressarem categorias ou nuances categóricas que não estão previstas no quadro das flexões”. Além disso, acrescenta o autor que o processo geral dessas línguas, na conjugação perifrástica,

é combinar uma forma nominal do verbo com qualquer forma flexional de outro verbo selecionado para ‘auxiliar’ no padrão perifrástico dado. A significação lexical do conjunto está na forma nominal, como da forma simples flexional está no radical. Na forma flexional auxiliar está a significação gramatical, que é dupla: a) de um lado, as categorias número-pessoal e modo-temporal, que se expressam na flexão do verbo auxiliar; b) de outro lado, a nuance categórica, privativa da construção, e que resulta da associação da significação lexical do auxiliar com o tipo de forma nominal que o acompanha. [...] Há assim uma unidade semântica na composição. Não corresponde necessariamente a uma ordem fixa das formas constituintes; e também não impede entre elas possível intercalação de locuções ou vocábulos. Decorre da relação direta e imediata que se estabelece entre os elementos da perífrase. As duas formas verbais não se disjungem, na análise da oração, para se associar cada qual separadamente a outro elemento. (*ibidem*, p. 163-164).

Entretanto, apesar de haver na literatura sobre auxiliaridade consenso entre os linguistas em relação à atuação dos verbos quanto à sua função, não há entre eles consenso sobre os critérios adequados para identificação de auxiliares e sobre quais verbos compõem a classe. Assim, conforme o posicionamento teórico do investigador e dos critérios por ele adotados, diferente será o conceito de auxiliar, bem como diferentes serão os elementos linguísticos que poderão integrar essa classe. (cf. FONSECA, 2010).

Pontes (1973), em estudo dedicado aos verbos auxiliares em português, aborda as locuções verbais na perspectiva da tradição gramatical. Logo no início de sua obra, relata que o primeiro problema encontrado no estudo da tradição gramatical é a falta de definição precisa dos termos usados, assim como acontece com a designação Locução Verbal (LV). Isso

gera, conseqüentemente, o emprego por diferentes autores de termos idênticos com significados divergentes.

Neste sentido, acrescenta que

alguns autores designam como LV qualquer seqüência verbal com uma certa coesão interna, de tal modo que funcione como um verbo simples; outros separam certas seqüências verbais que denominam *Tempos Compostos* (TC) e consideram as restantes como locuções. Tanto na acepção mais ampla como na mais restrita, LV costuma ser sinônimo de *Conjugações Perifrásticas* (CP). (PONTES, 1973, p. 15, grifos da autora).

Também Serrone (1992) relata que há autores que distinguem nitidamente *Locução Verbal e Tempo Composto*. Outros não o fazem. Entre os que fazem a distinção estão Gladstone Chaves de Mello (1968) e Eduardo Carlos Pereira (1957). Entre os que não fazem, estão Ernesto Carneiro Ribeiro (1950), Francisco da Silveira Bueno (1956), Jerónimo Soares Barbosa (1871), João Ribeiro (1926), Said Ali (1964), Mattoso Câmara Jr. (1977), Evanildo Bechara (1977), Rocha Lima (1979), Napoleão Mendes de Almeida (1971) e Epiphânio da Silva Dias (1954).

Serrone (1992, p. 8) ainda acrescenta que, “de maneira geral, os autores deste grupo encaram os tempos compostos como um tipo de locução verbal, também denominada conjugação perifrástica. No entanto, discordam ao elencar os auxiliares de tempo composto”.

Pontes (1973) conclui sua explanação acerca da distinção entre TC e CP dizendo que, apesar de vários argumentos apresentados pelos autores que fazem essa distinção, quem reflete sobre ela verifica que não há sentido em conservá-la. Nessa perspectiva, é que este estudo também não fará essa distinção, sendo os termos utilizados como sinônimos, além de também nomear o conjunto verbo auxiliar + verbo principal como *construção*.

Assim como Fonseca (2010), opta-se, neste trabalho, por um posicionamento menos extremista em relação ao uso do termo auxiliar, reconhecendo ser, na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, o *chegar* o que carrega toda a informação morfológica do predicador principal.

Segundo Fonseca (2010), várias hipóteses foram elaboradas a fim de definir o estatuto gramatical dos auxiliares nas línguas como um todo. A referida autora (*op. cit.*, p. 46) apresenta as que foram listadas por Heine (1993):

(i) *hipótese da autonomia*: auxiliares ou elementos sob esse rótulo constituem uma categoria distinta, diferente dos verbos e de outras categorias. Trata-se de uma categoria universal, porém com diferentes

realizações em diferentes línguas (PUGLIELI, 1987, *apud* HEINE, 1993).

(ii) *hipótese do verbo principal*: auxiliares e verbos plenos comporiam uma mesma categoria lexical (ROSS, 1969, *apud* HEINE, 1993) ou seriam um subconjunto especial da categoria verbo (PULLUM & WILSON, 1977, *apud* HEINE, 1993).

(iii) *hipótese da gradiência*: não há limites separando auxiliares de verbos principais, os quais devem ser vistos na forma de um *continuum* ou gradiente. Essa posição está associada, por um lado, ao paradigma da gramaticalização e, por outro lado, à noção de *continuum* ou gradiência (GARCIA, 1967; BOLINGER, 1980, *apud* HEINE, 1993).

Entende-se, neste estudo, que a auxiliaridade é resultante da gramaticalização, vista por Câmara Júnior (1979) como o processo pelo qual um item lexical ou uma construção se torna um item gramatical ou, então, quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, recebendo propriedades funcionais na sentença, sofrendo perda gradativa de seu significado lexical. Dessa forma, como apontado por Fonseca (2010), a *hipótese da gradiência* parece ser a hipótese defendida por Heine (1993), uma vez que ele define auxiliar como um item linguístico, localizado ao longo de uma cadeia de gramaticalização, que se estende desde verbo pleno até as flexões gramaticais de tempo, aspecto e modalidade, e seu comportamento pode ser descrito com referência a sua relativa localização ao longo dessa cadeia, que é chamada de *cadeia verbo para TAM* (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade).

Pensando que este trabalho adota o ponto de vista da gramaticalização, é essa também a perspectiva que se assume, já que a passagem de formas lexicais para formas gramaticais não é discreta, sendo, ao contrário, dada num *continuum*, com sobreposição de funções, traçando um percurso que, conforme Fonseca (2010), pode ser assim descrito: *verbo pleno* > *verbo pleno/ auxiliar* > *verbo auxiliar*.

Conforme ressalta Câmara Júnior (1979), o processo de gramaticalização apresenta diferentes estágios. Nos primeiros estágios, a permanência de propriedades lexicais em formas gramaticalizadas é comum; depois, em estágios subsequentes, os itens lexicais começam a ser utilizados com função gramatical específica, passando seu uso a ser sistemático. Disso decorre sua cristalização morfológica e sua perda gradual de mobilidade sintática. Essas são propriedades características do processo de gramaticalização que são tomadas por base para a classificação e a hierarquização de um verbo na escala de auxiliaridade.

Como demonstrado até aqui, não há um consenso sobre quais seriam as propriedades mais adequadas para identificar ou para medir o grau de auxiliaridade de V1 em

perífrases verbais. Há, na literatura, uma relação de critérios que perpassam por questões históricas, por questões semânticas e por questões sintáticas. Então, adotam-se, neste trabalho, como proposto por Fonseca (2010), os critérios mais recorrentes apontados pelos principais estudos sobre essa categoria (cf. HEINE, 1993; LOBATO, 1975; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002). Foram 12 os critérios selecionados, conforme quadro 3.

Quadro 3 - Critérios de auxiliaridade

Critérios de auxiliaridade	Lobato (1975)	Longo (1990)	Heine (1993)	Longo e Campos (2002)
Inseparabilidade	✓	✓	✓	✓
Detematização	✓	✓	✓	
Incidência da negação sobre a perífrase	✓	✓	✓	
Restrição paradigmática	✓		✓	
Frequência	✓		✓	
Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	✓	✓		
Impossibilidade de desdobramento da oração	✓	✓		
Critério da apassivização	✓	✓		
Recursividade			✓	✓
Impossibilidade de substituição por pronome	✓	✓		
Sujeito único	✓	✓		
Posição fixa na perífrase			✓	✓

Fonte: Adaptado de Fonseca (2010, p. 51)

Na tentativa de elucidar um pouco mais esses critérios relacionados, segue, com base em Fonseca (2010), uma síntese referente a cada um deles.

Inseparabilidade: segundo este critério, um grupo verbal semanticamente uno e formado de um todo funcional é indissociável. Logo, perífrases mais ligadas e, conseqüentemente, mais gramaticalizadas, não são separadas por nenhum tipo de material interveniente¹⁹.

Detematização: segundo este critério, o auxiliar é um verbo que se detematiza²⁰, ou seja, perde a propriedade de atribuir funções semânticas aos elementos nominais com que se combina.

¹⁹Tanto este critério quanto o critério de impossibilidade de desdobramento da oração estão relacionados à coesão da construção, conforme parâmetros da paradigmaticidade e da conexidade, propostos por Lehmann (1982).

²⁰ Esse critério relaciona-se ao princípio de descategorização, proposto por Hopper (1991).

Incidência da negação sobre a perífrase: segundo este critério, uma sequência verbal em auxílio não pode ser separada por uma negação, sendo que, para ser uma perífrase, a negação tem de incidir sobre toda a construção²¹.

Restrição paradigmática: segundo este critério, todo auxiliar é defectivo; logo, não admite flexões no particípio passado e no imperativo.

Frequência: segundo este critério, pode ser considerado auxiliar o item verbal que ocorre frequentemente seguido de infinito, gerúndio ou particípio. O estudo diacrônico na gramaticalização possibilita melhor um estudo na perspectiva deste critério, já que possibilita aferir o acréscimo ou não da frequência de ocorrência do item com determinada função. Quanto mais frequente, mais gramaticalizado.

Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase: segundo este critério, será um sintagma verbal a perífrase que permitir a incidência do circunstante temporal sobre o grupo verbal e não independentemente.

Impossibilidade de desdobramento da oração: segundo este critério, pelo fato de os verbos auxiliares formarem com o verbo principal um conjunto indissociável, não é possível desmembrar uma construção em dois núcleos oracionais.

Apassivização: segundo este critério, os auxiliares devem ser verbos suscetíveis de coocorrer com um verbo apassivável, havendo relação de paráfrase entre as formas ativa e passiva. Assim, a transformação de uma frase ativa em passiva inclui esse auxiliar na mudança estrutural, isto é, o argumento sujeito da passiva é sujeito do complexo verbal como um todo, mantendo-se a equivalência semântica entre as frases.

Recursividade: segundo este critério, a incidência de um verbo sobre base idêntica indica que os falantes já não os interpretam como sinônimos, o que mostra que o auxiliar se esvaziou semanticamente, adquirindo valor gramatical.

²¹ A incidência da negação sobre toda a perífrase relaciona-se ao princípio do escopo, conforme defende Hopper (1991).

Impossibilidade de substituição por pronome: segundo este critério, o auxiliado não pode ser substituído por um pronome, pois, caso isso seja possível, os dois verbos são principais, sendo o infinito uma nominalização.

Sujeito único: segundo este critério, o processo de auxiliação será verdade se os dois verbos tiverem um só sujeito, ou seja, não é possível a disjunção das duas formas verbais, na análise da oração, para cada verbo se associar separadamente a outro elemento. A perífrase forma um complexo unitário, com apenas um argumento externo, cujos traços semânticos e papel temático devem ser compatíveis com o verbo principal.

Posição fixa na perífrase: segundo este critério, também chamado de irreversibilidade, em línguas SVO, uma perífrase é sempre constituída de verbo auxiliar seguido de uma forma nominal, e não o inverso.

A aplicação destes critérios servirá para aferir o grau de gramaticalização de auxiliaridade do *chegar* na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$. Na sequência, ficando comprovada a gramaticalização, interessante se faz a identificação dos valores funcionais assumidos pela forma. Como visto anteriormente, Heine (1993) propõe uma cadeia de gramaticalização de verbos plenos em auxiliares, chamada *cadeia verbo para TAM* (Tempo, Aspecto, Modo/Modalidade). Dessa forma, busca-se, nesta pesquisa, identificar valores aspectuais e modais no verbo *chegar*, com vistas a verificar a adequação da hipótese aventada.

1.3 A CATEGORIA ASPECTO

Dentre as categorias verbais, conforme afirma Castilho (1968, p. 14), “deve ser o aspecto a categoria verbal mais antiga, quer por expressar uma idéia mais concreta e objetiva que a do tempo, quer, e principalmente, por estar mais essencialmente ligado à noção de processo”.

Câmara Junior (1979, p. 126), ao tratar do sistema verbal do português, salienta que

os gramáticos latinos, em suas descrições da língua, não tinham depreendido a noção geral de ‘aspecto’. Mas, desde o gramático Varrão (sec. I a.C.), tinham percebido a oposição ente evento concluso e inconcluso que

apresentavam as formas verbais latinas. Dividiam-nas em dois grandes grupos, que chamavam, respectivamente, do *perfectum* ‘perfeito’(isto é, cabalmente, concluso) e do *imfectum* ‘não feito (cabalmente)’, isto é, ‘imperfeito’ ou inconcluso. (grifos do autor).

Entretanto, apesar de sua antiguidade, o *aspecto* parece ser a categoria deixada ao limbo nos estudos linguísticos. Conforme salienta Travaglia (1985), prova disso é o fato de as gramáticas tradicionais, com poucas exceções, quase não tratarem da marcação aspectual. Também Costa (2002) corrobora essa posição, ao afirmar que

o Aspecto é uma categoria linguística não muito cortejada pelos estudiosos do português, fora do âmbito acadêmico. Uma pessoa pode perfeitamente, pelo menos no Brasil, ir até o fim de sua formação escolar, inclusive universitária, sem nunca ter-lhe ouvido qualquer referência diferentemente do que se passa com muitas outras categorias, como o Gênero, o Número, a Voz, o Tempo, o Modo, a Pessoa. (p. 8).

Como se vê logo no início desta seção, falar de *aspecto* pressupõe falar das noções de perfectividade e de imperfectividade.

Para Comrie (1976), a categoria *aspecto* pode se definir pela oposição entre o *perfectum* (perfectivo ou perfeito) e o *imfectum* (imperfectivo). Assim, uma situação imperfectiva é aquela em andamento em relação a um ponto de referência específico, seja presente ou passado. O imperfectivo também é uma característica de um período de tempo que inclui o ponto de referência, como uma situação habitual. É usado em situações de fundo, ao contrário do perfectivo, que codifica situações de figura (sequências de eventos). O imperfectivo é o sentido mais geral e mais abstrato da aspectualidade.

Travaglia (1985) refere-se ao perfectivo como sendo a noção aspectual caracterizada por apresentar a situação como completa, em sua totalidade; e, ao imperfectivo, como sendo a noção caracterizada por apresentar a situação como incompleta. Então, naquele o todo da situação é apresentado como um “todo único, inalisável, com começo, meio e fim englobados juntos [...] não havendo tentativa de dividir a situação em suas fases de desenvolvimento” (p. 96); já neste não se tem o todo da situação e, por isso, “normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento.”(p. 98).

Costa (2002, p. 30) acrescenta que

o *perfectivo* expressa o fato enunciado como global, sem parcializá-lo ou marcar de alguma forma a sua temporalidade interna. [...] O *imperfectivo* expressa essa temporalidade interna, ou considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão da cursividade), ou selecionando fases

desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda, estados resultativos que dêem relevância linguística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu.

Frente a essas colocações, pode-se dizer, então, que outra maneira de explicar a diferença entre o significado perfectivo e o imperfectivo é dizer que o perfectivo refere-se à situação do ponto de vista externo, sem necessariamente distinguir sua estrutura interna. Enquanto que olhar para dentro da situação refere-se ao modo imperfectivo – que concerne crucialmente à estrutura interna da situação. O termo perfectivo contrasta-se com o termo imperfectivo e denota, dessa forma, uma situação vista em sua totalidade, sem consideração ao conjunto de tempos verbais eleitos para uma dada situação.

Apesar de as diferenças entre perfectivo e imperfectivo parecerem semelhantes em muitos autores, há, principalmente nos textos de Comrie (1976) e de Costa (2002), algumas ressalvas quanto à apresentação de certas definições dos termos, vistas como limitadas, já que são facilmente contestadas e derrubadas por exemplos de línguas diversas. Por isso, pode-se dizer que a diferença entre o perfectivo e o imperfectivo não é necessariamente uma diferença objetiva entre situações, nem decorre do modo de apresentação da situação pelo locutor como sendo objetiva. É completamente possível referir-se ao mesmo locutor na mesma situação com uma forma perfectiva ou então com uma forma imperfectiva sem tornar-se contraditório.

Com o propósito de realizar um acurado estudo sobre o aspecto verbal no português, Travaglia (1985) faz um levantamento do que já havia sido feito sobre essa categoria no português. Desse levantamento, ressalta que as referências à categoria aspectual se dão de duas formas: diretas, quando há referência explícita ao termo, tentando conceituá-lo e descrevê-lo e; indiretas, quando não há referência explícita, mas menção a noções que são nitidamente aspectuais, manifestas no estudo de outros fatos da língua, como, por exemplo, tempos e modos verbais. O autor destaca que Ataliba Castilho foi o pioneiro nos estudos da categoria *aspecto* no português.

Logo no capítulo introdutório de sua tese, Castilho (1968, p. 14) define *aspecto* como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo.” Além disso, diz ser o *aspecto* uma categoria de natureza léxico-sintática, pois tem sua caracterização na interação do sentido que a raiz do verbo contém e dos elementos sintáticos como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional.

Castilho (1968) propõe valores e, ligados a esses valores, alguns aspectos típicos do português. Dessa forma, apresentam-se quatro valores com base nos quais são determinados os tipos aspectuais, quais sejam: a) duração; b) completamento; c) repetição; d) neutralidade.

Quadro 4 - Valores aspectuais do português

VALORES	ASPECTOS
1. Duração	Imperfectivo: inceptivo, cursivo, terminativo
2. Completamento	Perfectivo: pontual, resultativo, cessativo
3. Repetição	Iterativo: iterativo imperfectivo, iterativo perfectivo
4. Negação da duração e do completamento	Indeterminado

Fonte: Castilho (1968, p. 51)

Ao falar da categoria *aspecto*, Lyons (1979) diz que “o aspecto, diferentemente do tempo, não é uma categoria dêitica e não se refere ao momento anunciado” (p. 331) e que o termo aspecto foi usado primeiro para referir-se à distinção entre o perfectivo e o imperfectivo na flexão dos verbos em russo e noutras línguas eslavas.

Sendo a categoria *aspecto* antiga, merece esta uma explicação histórica sobre seu estudo. Então, para proporcionar uma melhor compreensão, Castilho (1968) recorda o modo como se deu a descoberta na noção de *aspecto* e a constatação de sua existência primeiramente no eslavo, depois no grego, no indo-europeu, no latim e nas línguas românicas. Faz ainda um percurso dos estudos do *aspecto* pelas escolas linguísticas.

Ao fazer esse percurso histórico, Castilho (1968) já registra a confusão existente entre *aspecto* e modo de ação, tomados em algumas línguas como sinônimos. Entretanto, para ele,

o modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto. Decorre essa variedade de possibilidades do fato de assentar o modo da ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender através de análises diversas, levadas sempre pela perspicácia dos lingüistas a pontos cada vez mais distanciados dos limites da pura e simples noção de duração e de completamento. (CASTILHO, 1968, p. 40).

[...] aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo (em relação ao modo de ação, bem entendido) do falante sobre o desenvolvimento da ação. Reduz-se a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a *Aktionsart*.

Daqui reduzir-se as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação *dure* (imperfectivo) ou *se complete* (perfectivo). (CASTILHO, 1968, p. 41).

Comrie (1976), antes mesmo de propor uma definição de *aspecto*, diz ser esse termo menos familiar para os estudantes de linguística, quando comparado a outros, como modo ou tempo. Acrescenta ainda que os termos tempo e aspecto são, às vezes, passíveis de confusão, já que ambos lidam com a noção de tempo. Entretanto, ele mostra que o tempo relaciona-se ao momento de enunciação (passado, presente e futuro) – sendo, dessa forma, uma categoria dêitica – e que aspecto relaciona-se ao tempo interno do acontecimento, não marcando, portanto, um ponto do momento da enunciação. Feitas as ressalvas, o autor afirma que “aspectos são diferentes maneiras de observar a constituição temporal interna de uma situação” (1976, p. 3).

Ao detalhar o estudo do *aspecto* em línguas como o Russo, o Espanhol e o Inglês, Comrie (1976), assim como fez Castilho (1968), mostra que, em certos momentos, houve uma confusão entre *aspecto* e *Aktionsart* (modo de ação), mas esclarece que são termos distintos, apesar de, em algumas vezes, aparecerem inter-relacionados.

Seguindo o percurso dos estudos sobre o *aspecto*, tem-se o trabalho de Travaglia (1985). Esse trabalho traz grandes contribuições aos estudos da categoria aspectual e, ao propor uma definição de aspecto, o autor já ressalta que tal conceituação é bastante variada, sendo, quase sempre, incapaz de abarcar todas as situações postas como aspectuais e o quadro aspectual daí resultante. Travaglia (*op. cit.*) apresenta, assim, alguns pontos mais ou menos comuns entre diferentes conceituações:

- 1) aspecto seria ‘a maneira de ser da ação’; 2) aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna; 3) aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si; 4) aspecto envolve tempo; 5) aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não término, início, resultado etc. (1985, p. 49-50)

Após mostrar esses pontos mais ou menos comuns, Travaglia (1985) diz ser o primeiro de pouca utilidade na definição de *aspecto*, uma vez que pode levar a confusões com elementos não aspectuais ligados tanto ao modo verbal e à modalidade, quanto aos que alguns linguistas chamam de modo de ação ou *aktionsart* (nota-se que essa confusão é abordada por todos os autores que se dispuseram a estudar o *aspecto* e que aqui estão citados). O autor diz ainda que o quinto ponto só auxilia na conceituação de aspecto na medida em que pode ajudar

a perceber a generalização que envolve as oposições e noções citadas e que os pontos 2, 3 e 4 fornecem os elementos de partida para conceituar a categoria.

Travaglia (1985) reforça que o *aspecto* é uma categoria verbal ligada ao “TEMPO”²² e, como já havia feito Comrie (1976) e Lyons (1979), discorre acerca da confusão que muitas vezes se estabelece entre essas categorias e mostra como elas não devem ser confundidas: a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento de fala como anterior, simultâneo ou posterior; sendo, portanto, uma categoria dêitica; a categoria de *aspecto* não é dêitica, pois se refere à situação em si.

Acrescenta ainda Travaglia (1985, p. 52) que o *aspecto* “indica algo sobre o grau de desenvolvimento de realização da situação. [...] Muitos falam em término (acabado)/não-término (não-acabado) e em noções como início, meio e fim.”

Neste ponto, Travaglia (1985) traz uma contribuição original para o estudo aspectual e diz que as noções enumeradas como aspectuais normalmente indicavam fases da situação e que nem todas podiam ser agrupadas num mesmo conjunto de fases, o que o fez organizar diferentes subconjuntos de fases, de acordo com o ponto de vista considerado. Em seu trabalho, Travaglia (1985) mostra três pontos de vista diferentes: o do desenvolvimento da situação (início, meio e fim); o do complemento da situação (situação incompleta e situação completa) e o da realização da situação (situação por começar, situação começada ou não-acabada e situação acabada), conforme mostra o quadro 5, proposto por ele para classificação dos valores aspectuais no português e reproduzido a seguir.

Por fim, lembrando a distinção no uso da palavra TEMPO, Travaglia (*op. cit*) apresenta a definição que, pelos textos lidos, parece ser a mais sintética e, ao mesmo tempo, a mais completa da categoria aspecto:

Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1985, p. 53).

²² Ao falar em tempo, Travaglia (1985) esclarece a utilização do termo em três sentidos: categoria verbal; flexão temporal; e ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase.

Quadro 5 - Tipos de aspecto em português

NOÇÕES ASPECTUAIS			ASPECTOS	
I. DURAÇÃO	1 - Duração	A – Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B – Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2 – Não-duração ou pontualidade		PONTUAL	
	I. FASES	1 Fases de realização	A – Por começar	
B – Não-acabado ou Começado				NÃO-ACABADO OU COMEÇADO
C - Acabado				ACABADO
2 Fases de desenvolvimento		A - Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		INCEPTIVO
		B – Meio		CURSIVO
		C – Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		TERMINATIVO
3 Fases de completamento		A – Completo		PERFECTIVO
	B – Incompleto		IMPERFECTIVO	
Ausência de noções aspectuais			Aspecto não atualizado	

Fonte: Travaglia (1985, p. 97)

Se forem cotejadas as propostas de Castilho (1968) e de Travaglia (1985), ver-se-á que, apesar de o quadro proposto por Travaglia ser mais extenso, apresentando uma classificação maior, com mais subdivisões, a essência se mantém, já que ambas dão uma lista dos significados aspectuais no discurso.

No que diz respeito à proposta de classificação aspectual, cumpre aqui destacar que, neste trabalho, embasar-se-á, para análise dos dados, na proposta de Travaglia (1985).

Também dedicado ao estudo aspectual é o trabalho de Costa (2002), no qual a autora insere o estudo da dêixis, definida por ela como “a faculdade que têm as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência básica o falante” (2002, p. 15) e também das categorias pessoa, tempo e aspecto. Aspecto e tempo são, conforme já demonstrado, categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico; mas, também para Costa (2002), distinguem-se, contudo, do ponto de vista semântico, sendo o chamado tempo interno o aspecto e o chamado tempo externo o tempo gramatical.

Considerando-se os demais autores compulsados, Costa (2002) faz referência a algo que é novo no estudo do aspecto, ao dar exemplos de duas formas nominais (gerúndio e participio). Neste momento, a autora evidencia a questão da compatibilidade e da incompatibilidade entre certas formas verbais auxiliares e principais.

A autora acrescenta também outros fatores até então não explorados anteriormente, como a relação aspecto e número verbal, aspecto e noção de iminência e habitualidade do fato e ainda a representação espacial do fato.

Ao final desta seção, cumpre destacar que a expressão do *aspecto*, conforme Travaglia (1985), pode se dar tanto no nível léxico-semântico como no nível morfossintático, sendo as perífrases verbais, objeto deste estudo, um recurso de destaque neste último nível.

1.4 MODO/MODALIDADE

Há que se ressaltar que, nos estudos linguísticos sobre modalidade, uma das discussões iniciais é sobre a existência ou não de enunciados não modalizados (cf. NEVES, 2006). De acordo com Neves (2006), do ponto de vista comunicativo-pragmático, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, uma vez que não se concebe que o falante deixa de marcar, de algum modo, seu enunciado em termos de verdade do fato exposto, bem como que deixe nele certo grau de certeza sobre essa marca. Assim, todo enunciado seria marcado pelo falante e, portanto, modalizado. A autora ressalta ainda que, se a modalidade é um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é pertinente propor que não existem enunciados não modalizados.

No entanto, conforme salienta Neves (2006), a tradição linguística não tem tratado a modalização dos enunciados nessa perspectiva. Ducrot (1993, *apud* NEVES, 2006) defende que o conceito de modalidade, como todo conceito, é opositivo, ou seja, se há modal, há também não modal. Para esse autor (*op. cit.*), “o aspecto não-modal dos enunciados viria da descrição das coisas, das informações a propósito delas, da informação objetiva, e os aspectos modais seriam os relativos às tomadas de posição, às atitudes morais, intelectuais e afetivas expressas ao longo do discurso”. (p. 153).

Dessa forma, segundo observa Neves (2006), são muitos e diversos os estudos sobre modalidade. Isso acontece pelo fato de que são várias as conceituações dessa categoria, os campos de estudo, as orientações teóricas e os tipos de modalidades, sendo que ora se privilegia um, ora outro tipo de modalidade.

Conforme explica Fernandes (2011, p, 157), esse não é um embate recente.

Tais estudos remontam à antiguidade clássica. Os lógicos formais ocuparam-se em elaborar um sistema que desse conta, de forma coerente e precisa, das proposições que expressavam raciocínio válido. Assim, fixando regras abstratas que determinavam relações de inconsistência, incompatibilidade, contradição e oposição, definiam a verdade ou a falsidade das proposições.

Estabeleceram-se, desse modo, as modalidades tradicionalmente reconhecidas: as aléticas, ou aristotélicas, que se referem ao eixo da existência.

Dessa maneira, a noção de verdade deixa de ser absoluta para ser necessária ou possível. Estabelecidas as modalidades aléticas, os lógicos definiram ainda dois eixos conceituais, o do conhecimento e o da conduta, nomeando, então, as modalidades epistêmica e deôntica, do eixo da crença e da conduta, respectivamente. (cf. NEVES, 2006).

Necessário se faz aqui destacar que a tentativa de definir a modalidade leva à necessidade de definição também da categoria modo. Gonçalves (2013, p. 53) discute sobre a dificuldade em separar essas duas categorias e afirma que isso “reside no fato de que, na maioria das línguas, essas categorias nem sempre se apresentam de forma clara. Seus limites são muito tênues, não sendo possível demarcar, com precisão, o início e o fim entre essas duas noções [...]”.

Também Fonseca (2010, p. 70), ao retomar Bybee (1985), mostra que “Modo e Modalidade são termos usados para designar uma vasta variedade de funções linguísticas que têm sido discutidas de um ponto de vista lógico e semântico”. Nessa perspectiva, acrescenta que modo é uma marca do verbo que demonstra como o falante se mostra para colocar a proposição dentro do contexto discursivo, salientado que a formulação generalizada desse conceito é intencional para recobrir tanto marcas de força ilocucionária quanto marcas de graus de comprometimento do falante com a verdade da proposição, a modalidade, portanto.

Entretanto, apesar de estarem entrelaçados, modo e modalidade não são apresentados dessa forma em grande parte das gramáticas tradicionais.

A gramática tradicional não faz referência à categoria discursiva modalidade. A tradição gramatical privilegiou tão somente o estudo do modo ao tratar dos modos do verbo no âmbito da morfologia e dos verbos modais em oposição aos verbos sensitivos e causativos no que se refere à sintaxe. De fato, o modo está intimamente ligado à categoria modalidade, contudo, apesar de a gramática tradicional não ter quaisquer intenções de tratar as categorias linguísticas sob o ponto de vista discursivo, percebe-se que o conceito de modo permanece confuso e pouco explorado na abordagem tradicional. (FERNANDES, 2011, p. 162).

Ao tratar das flexões verbais, Cunha (1971) trata dos modos e os define como “as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia”. (p. 172). Essa definição demonstra que, mesmo não mencionando a expressão modalidade, nela está aliada a noção de

modo à ideia de avaliação pelo falante do conteúdo expresso pelo verbo, aproximando essa noção do que habitualmente se considera modalidade.

Neste ponto, pode-se inferir, então, que os modos verbais são um dos meios linguísticos de expressão de modalidade, como se vê na próxima subseção.

1.4.1 MEIOS LINGUÍSTICOS DE EXPRESSÃO DA MODALIDADE

De acordo com Neves (2006 [1996]), a modalidade pode ser expressa por diferentes meios linguísticos, dentre os quais se destacam os seguintes:

- (a) verbo auxiliar modal: *Esse jogador **deve** figurar entre os melhores do país*²³.
- (b) verbo de significação plena, indicador de opinião, crença ou saber: ***Penso** que esse jogador figurará entre os melhores do país.*
- (c) advérbio: ***Certamente**, esse jogador figurará entre os melhores do país.*
- (d) adjetivo em posição predicativa: ***É certo** que esse jogador figurará entre os melhores do país.*
- (e) substantivo: ***Meu desejo** é que esse jogador figure entre os melhores do país.*
- (f) as próprias categorias gramaticais (Tempo/Aspecto/Modo) do verbo da predicação: *Paulo **acreditava** que o jogador figuraria entre os melhores do país.*

Além desses elementos, Neves (2006) diz que expedientes puramente sintáticos podem ser usados na modalização de enunciados. Destacam-se, neste ponto:

- (g) unipessoalização, que se alterna com a 1ª pessoa do singular e minimiza a participação do falante: *Eu sei – **disse João** – que o jogador estará na lista dos melhores.*
- (h) intercalação de orações em 1ª pessoa, que produz o efeito contrário ao da unipessoalização: *O jogador não atuou tanto, mas estará na lista dos melhores, **eu acho**.*

Por fim, para completar a lista, Neves (2006) afirma que há meios prosódicos que sempre estão presentes na modalização em língua falada e, com base em Saint-Pierre (1991), distingue três classes de modalizadores, a partir da teoria dos atos ilocucionários:

²³ Todos os exemplos apresentados para ilustrar os meios linguísticos de expressão da modalidade foram criados pela autora com base em sua intuição de falante.

- (i) os marcadores prosódicos, que se relacionam à entonação e a outros componentes ligados à voz, podendo alterar a força ilocucionária de atos diretivos e assertivos, ou podendo apenas reforçar a modalização expressa pelos marcadores de outro nível estrutural;
- (j) os marcadores morfológicos e sintáticos, que são os auxiliares de modo, as locuções de intensidade²⁴, a modalidade impessoal, os advérbios modais e a colocação em relevo (topicalização, por exemplo);
- (k) os marcadores discursivos, os quais podem tanto ultrapassar o quadro da proposição quanto indicar convenções de emprego da língua (repetição e formas de polidez, por exemplo).

Como se vê, são vários os recursos linguísticos dos quais o falante pode se valer para expressão da modalidade, podendo até mesmo essa modalidade ser um recurso de persuasão argumentativa, demonstrando a marca do falante em seus enunciados, como se vê na próxima seção.

1.5 A ARGUMENTAÇÃO PELA LINGUAGEM

A partir das análises empreendidas neste estudo, averiguou-se a atuação da construção estudada numa perspectiva de operador de escala argumentativa. Disso, decorreu a necessidade desta seção, na qual são abordados alguns tópicos relacionados à teoria da argumentação e aos recursos dos quais dispõem os usuários da língua para evidenciar a força argumentativa de seus enunciados.

1.5.1 LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Etimologicamente, a palavra comunicar vem do latim *comunicare*, que significa "pôr em comum", "entrar em relação com". Assim, comunicar é tornar comum ideias, pensamentos, opiniões, sentimentos. Difere-se de informar, por ser este um processo unilateral, enquanto que comunicar é um processo interativo e pluridirecional.

²⁴ Acredita-se que a construção objeto deste estudo possa ser um recurso de marcação modal para além desses aqui citados, já que ela marca uma escalaridade no enunciado e torna o argumento mais intenso, mais forte.

A comunicação, inerente ao homem, pode se efetivar de diferentes formas, a depender do contexto em que se dá. Pode-se comunicar através de índices (elementos que nos transmitem algo, sem haver intenção de comunicar), de sinais verbais (a linguagem), de silêncio, de expressões faciais, de postura e trato do corpo, de gestos, de vestuário, entre outros.

Neste estudo, relevante se faz o entendimento da comunicação pela linguagem. Esta, conforme Hjelmslev (1975), é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores, inseparável do homem, instrumento graças ao qual ele modela seu pensamento, sua vontade e seus atos, por meio do qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Segundo Koch (1995), ao longo da história, a linguagem humana tem sido concebida de diferentes maneiras, podendo ser sintetizada em três principais: linguagem como representação ("espelho") do mundo e do pensamento; linguagem como instrumento ("ferramenta") de comunicação; linguagem como forma ("lugar") de ação ou interação.

A autora ora referenciada relata que

a mais antiga destas concepções é, sem dúvida, a primeira, embora continue tendo seus defensores na atualidade. Segundo ela, o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função da língua é representar (= refletir) seu pensamento e seu conhecimento de mundo. A segunda concepção considera a língua como um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. A principal função da linguagem é, neste caso, a transmissão de informações. A terceira concepção, finalmente, é aquela que encara a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes nações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes. (KOCH, 1995, p. 9-10)

Também Travaglia (1996) discorre sobre essas três concepções de linguagem. Para ele, de acordo com a primeira concepção,

as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. (p. 21).

Já na segunda concepção, em que a língua "é vista como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma

mensagem, informações de um emissor a um receptor"(op. cit., p. 22), vê-se uma ligação intrínseca com os elementos comunicativos, em que o falante deseja transmitir uma mensagem a um ouvinte e, assim, coloca-a “em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras ou luminosas). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação” (TRAVAGLIA, 1996, p. 23).

Quanto à linguagem como forma de interação, entende-se que a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem (cf. PINHEIRO, 2010).

Essa terceira concepção de linguagem postula que o lugar da linguagem é a interação. Nessa perspectiva, a língua se constitui em um processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre interlocutores, não sendo um sistema estável de formas normativamente idênticas. Então, os sujeitos são vistos como agentes sociais, uma vez que é por meio de diálogos entre os indivíduos que ocorrem as trocas de experiências e de conhecimentos.

1.5.2 DIALOGIA: LINGUAGEM E ARGUMENTAÇÃO

A visão dialógica da linguagem faz com que esta seja considerada “como uma ação orientada para uma finalidade específica [...] que se realiza nas práticas sociais existentes, nos diferentes grupos sociais, nos distintos momentos da história” (BRASIL, 1998, p. 20).

Segundo Travaglia (1996), nessa concepção, o indivíduo não usa a língua somente para traduzir e exteriorizar um pensamento, ou para transmitir informações a outrem, mas também para realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor).

De acordo com Geraldi (1999), por meio dessa linguagem, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela, o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

Cabral (2011) também relata que comunicar não se limita a transmitir informações. Segundo ela, pode haver momentos em que o desejo seja somente fornecer uma informação, mas, frequentemente, há na comunicação “outros objetivos, como dar uma

ordem, expressar um sentimento, fazer um pedido, exercer algum tipo de influência, fazer o outro mudar de opinião, convencer enfim” (p. 9). Dessa forma, sendo a comunicação alguma forma de ação sobre o outro, a argumentação ganha lugar de destaque.

Depreende-se dessa afirmação que “o uso da linguagem é essencialmente argumentativo” (KOCH, 1995, p. 29) e que, para agir sobre o outro, influenciá-lo de algum modo, fazer com que o mesmo compartilhe daquilo que o falante pensa, é necessário se utilizar de mecanismos que possibilitem isso. A estes mecanismos, que se encontram na própria estrutura da língua, chamam-se marcas linguísticas da argumentação, que funcionam na determinação do “modo como aquilo que se diz é dito” (KOCH, 1995, p. 29).

Guimarães (1995) mostra que Ducrot (1973) já dizia que há na própria estrutura semântica a marca da relação argumentativa, que, na língua, é evidenciada por formas que marcam a própria enunciação do enunciado.

Neste sentido é que surge, por meio de Ducrot, criador da Semântica Argumentativa (ou Semântica de Enunciação), o termo *operadores argumentativos*, que são, segundo ele, elementos que estabelecem a relação argumentativa entre enunciados, pois os orientam para uma determinada conclusão. Assim, têm a função de lhes determinar a força argumentativa e a direção para a qual apontam, sendo importantes instrumentos de construção de sentido do texto.

Segundo Guimarães (1995), a presença dessas marcas linguísticas na relação de argumentação leva à construção dos conceitos de classe e de escala argumentativa propostos por Ducrot (1980). Assim, a diferença entre um e outro conceito está na força dos argumentos; por isso se diz que “uma classe argumentativa é formada por enunciados que levam a uma mesma conclusão e uma escala argumentativa é uma classe argumentativa ordenada pela força menor e maior dos enunciados” (GUIMARÃES, *op. cit.*, p. 51).

Ao retomar Ducrot (1980), Cabral (2011) explicita a seguinte explicação de escala argumentativa: “um argumento p’ é, para um locutor, mais forte que um argumento p, em relação a uma conclusão r se, do ponto de vista do locutor, aceitar p’ como prova para r implica aceitar também p, mas não o inverso”. (p. 88).

Assim, depreende-se que o argumento mais forte inclui o mais fraco, ou seja, quando aceita o mais forte, o locutor aceita também o mais fraco, mas o fato de aceitar o mais fraco não implica que ele aceite também o mais forte.

Cabral (2011, p. 89-90) salienta ainda, baseando-se em Ducrot (1980), que “a decisão em torno de uma classe ou de uma escala argumentativa em relação a uma conclusão cabe inteiramente ao interlocutor”. Logo, ao construir seu discurso, o locutor elege os

argumentos que considera válidos para uma determinada conclusão, em um determinado contexto, e avalia, de acordo com suas crenças, quais são os argumentos mais fortes ou mais fracos para a conclusão a que visa.

Neste ponto é que se mostra evidente a modalidade via escalaridade, pois, conforme reforça Cabral (2011, p. 90), essa é uma avaliação que depende do locutor; “a língua apenas oferece os meios de marcar sua decisão”. Assim, ao “marcar a hierarquia numa escala argumentativa, o locutor assume um posicionamento diante do conteúdo de seu enunciado”. (p. 90).

Os *operadores argumentativos* são classificados, conforme Koch (1995, p. 30-38), em nove tipos, de acordo com as funções (relações semânticas) que desempenham. A seguir, seguem alguns exemplos listados pela autora:

- a) operadores que assinalam o argumento mais forte dentro de uma escala que direciona para determinada conclusão: *até, mesmo, até mesmo, inclusive*.
- b) operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: *e, também, ainda, não só...mas também*.
- c) operadores que introduzem uma conclusão relacionada a um argumento apresentado anteriormente: *portanto, logo, pois*.
- d) operadores que permitem introduzir argumentos alternativos e levam a conclusões opostas ou diferentes: *ou, ou então, quer...quer*.
- e) operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando a atingir determinada conclusão: *mais que, tão...como*.
- f) operadores que introduzem uma justificativa ou explicação: *porque, já que, pois*.
- g) operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas (porém, contudo, todavia, entre outros), embora (se bem que, ainda que, posto que, entre outros)*.
- h) operadores que introduzem conteúdos pressupostos: *já, ainda, agora*.
- i) operadores que, de acordo com a maneira com que foram empregados, podem tanto estabelecer uma conclusão positiva, quanto uma conclusão negativa: *tudo, todos (afirmação), nada, nenhum (negação)*.

Como será mais bem demonstrado no capítulo das análises, acredita-se que *chegar* possa ser incluído na classe dos operadores escalares, já que parece demonstrar a marcação de uma força enunciativa maior de um argumento/evento em detrimento de outro (s), como se vê no exemplo (6).

(6) "Vou mandar levantar outra parede.. " - Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho, Circularmente sobre a minha rede! Pego de um pau. Esforços faço. **Chego** a tocá-lo. Minh' alma se concentra. Que ventre produziu tão feio parto! A Consciência Humana é este morcego! Por mais que a gente faça, à noite, ele entra Imperceptivelmente em nosso quarto! (Augusto dos Anjos. Eu. 1884, grifos nossos).

Neste exemplo, temos:

Evento 1: Pego de um pau

Evento 2: Esforços faço.

E o evento mais forte:

Evento 3: Chego a tocá-lo.

Assim, tocar o morcego é o clímax, o evento mais forte da enunciação do locutor ao relatar sua inquietação frente àquele ser asqueroso.

Além disso, a marcação do limite escalar dos eventos por meio do *chegar* justifica a tese de que ele indica modalidade, já que revela a escolha do falante em favor de uma determinada escala de eventos.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nossos objetivos com este capítulo são descrever o processo de seleção e de constituição do *subcorpus* para análise e discorrer sobre os procedimentos e os critérios considerados nas análises empreendidas, bem como sobre a base teórica utilizada e a forma de abordagem dos dados.

2.1 SELEÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir de dados coletados no Corpus do Português. Este é um banco de dados *online*, disponível no endereço www.corpusdoportugues.org/. Foi organizado por Mark Davies e Michael Ferreira, em 2006, e tem servido como fonte para muitas pesquisas linguísticas. A plataforma do *corpus* permite acessar fácil e rapidamente mais de 45 milhões de palavras de quase 57.000 textos escritos em português do século XIV ao século XX. O sistema de ferramenta de buscas permite pesquisar palavras exatas ou frases, curingas, lemas, classes gramaticais, ou qualquer combinação destes. Proporciona também a pesquisa de palavras vizinhas (colocados) com um máximo de dez palavras no contexto à direita ou à esquerda

Cientes de que esse banco de dados apresenta alguns problemas, tais como datação incorreta e repetição de textos, todos os cuidados foram tomados para que o *subcorpus* constituído não ficasse problemático. Logo, foram feitas consultas na internet para comprovação de datas, de autores e de referências dos textos. Destaca-se, portanto, que nenhum desses problemas foi impedimento para que fosse o *corpus* construído a partir da seleção de ocorrências da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ neste banco de dados.

Anterior à escolha deste *corpus*, foram, inclusive, realizados alguns levantamentos em outros *corpora* já existentes, tais como o *Corpus* do Mineirês, desenvolvido sob a coordenação da Professora Dr^a. Jânia Martins Ramos, da Universidade Federal de Minas Gerais, e o *Corpus* do PEUL, organizado por professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ambos também disponíveis *online*. Entretanto, estes possibilitariam apenas uma abordagem sincrônica do objeto de estudo, e, ao realizar a análise de alguns dos dados levantados, sentiu-se a autora desafiada a realizar um estudo diacrônico da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, uma vez que esta parece estar muito recorrente nos dias atuais, o que pode indicar que não é uma construção tão recente na língua.

Quando definida a opção pelo estudo diacrônico, foi feito um cadastro gratuito junto ao site do Corpus do Português, para que pudesse ser realizada uma pesquisa piloto e testada a viabilidade de uso desse *corpus*. A partir daí, começou-se o levantamento de dados para composição do *subcorpus*.

Nesta fase de levantamento de dados, foram percorridas algumas diferentes etapas. Primeiro, realizou-se, por meio da ferramenta de busca do próprio sistema, uma pesquisa na base geral do Corpus do Português, compreendendo tanto o português europeu quanto o português brasileiro, com a chave de busca “cheg*”. Nesta busca, foram identificadas todas as ocorrências em linhas de concordância que possuem a base *cheg-*. Depois, realizou-se também uma busca na base geral do banco de dados com a chave de busca “[chegar] a [vr*]”. Neste ponto, confirmou-se a hipótese deste estudo de que essa construção já acontecia há mais tempo no português, visto que no século XIV foram encontradas 2 ocorrências dela, conforme mostradas a seguir.

Ocorrência 1: Desapoderãdo sse os homês das cousas deste mundo teuerõ os padres sanctos que era carreyra per que mays desenbargadamët se poderiã **chegar a gaanhar** o amor de deus E por esso ouue hy algûu delles que escolherõ sas moradas enos desertos E outros acerca do pobrado pero come apartadamët E taes logares come estes de qual natura quer que seiã chamã lhys moesteyros ou casas de rreligiõ por que estã hy os homês de gram deuoçõ & am cuydado de seruir a deus mais ca doutra guysa (Afonso X. Primeira partida. 1300, grifos nossos)

Ocorrência 2: Ca, en tempo del rey dom Fernando, lhe dava el rey de Graada a meatade de todas suas rendas que eram apreçadas a seis çentos maravidiis da moeda de Castela. E esta moeda era de tantos dinheiros o maravidil que **chegava a valer** o maravidil tanto como hûu maravidil d'ouro, por que, en aquel tempo del rey dom Fernando, corria en Castella a moeda dos pipiões e no regnado de Leon a moeda dos leoneses; e, daqueles pipiões, valia cento e oiteenta o maravidil. (Crônica Geral da Espanha de 1344 (Ms. L). 1300-1400, grifos nossos)

Também, a fim de verificar se seria possível a ocorrência da construção sem a preposição “a”, fez-se uma pesquisa a partir da chave de busca “[chegar] [vr*]”, sendo que os dados encontrados confirmaram a hipótese de que a construção poderia ocorrer sem a preposição.

Para uma melhor visualização dessas etapas percorridas, segue, na próxima página, a tabela 1 com informações numéricas resultantes de cada busca realizada.

Tabela 1 - Resultados numéricos diacrônicos obtidos no Corpus do Português

Chave de busca	Séculos/Número de ocorrências						
	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
cheg*	1338	2730	5029	3367	1857	10810	18754
[chegar] a [vr*]	5	25	65	194	205	1080	2593
[chegar] [vr*]	0	4	9	5	1	2	27

Fonte: dados coletados

Após essas etapas, partiu-se para uma análise mais detalhada de todas as linhas de concordância encontradas na primeira etapa para se ter acesso ao contexto expandido das ocorrências, o que impeliu a uma busca na internet para confirmação e/ou complementação de informações sobre o autor daquele trecho/obra onde se dava a ocorrência e posterior conclusão se se tratava de dados do português brasileiro e/ou europeu. No século XX, essa divisão já é feita na própria base de dados do Corpus do Português, além de as ocorrências serem também separadas por quatro diferentes tipologias textuais, quais sejam: ficção, acadêmico, notícia e oral.

A partir dessa pesquisa por contexto expandido, por ser recorte deste trabalho estudar somente o PB, tomou como ponto de partida o século XIX, visto que, pelas linhas de concordância, verificou-se que somente há ocorrências com *cheg** oriundas de português brasileiro a partir deste século. Para uma melhor visualização, seguem dados mostrados na tabela 2.

Tabela 2 - Resultados numéricos diacrônicos separados por modalidade do português

Chave de busca	Descrição	SÉCULOS						
		XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
cheg*	Total de ocorrências	1338	2730	5029	3367	1857	10810	18754
	Ocorrências PE	1338	2730	5029	3367	1857	2921	8528
	Ocorrências PB	-	-	-	-	-	7889	10226

Fonte: dados coletados

A partir do número de ocorrências encontrados oriundas do português brasileiro nos séculos XIX e XX, estipulou-se a coleta²⁵ de 1000 resultados de busca, sendo 500 dados/contextos expandidos em cada século para compor o *subcorpus*. Ressalta-se, conforme já dito, que os dados do século XX contemplam quatro tipos de textos e que, em nossa coleta, foram todos contemplados de maneira similar (125 dados de cada um dos tipos). Após essa coleta e pós-conferência dos dados referentes à autoria e à datação, foi organizado um arquivo de cada século. Depois, os dois arquivos foram transformados em arquivos.TXT e, finalmente, separadamente, submetidos ao programa de concordância Antconc 3.2.1. A utilização desse programa facilitou a obtenção das linhas de concordâncias relativas à construção objeto deste estudo, uma vez que ele permite a busca por colocados à direita e à esquerda da expressão chave. Então, buscaram-se as ocorrências do verbo *chegar* com até sete colocados à direita e, a partir dos resultados, manualmente, foram sendo selecionadas as linhas de concordância com a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$. O programa facilitou ainda a seleção das ocorrências em virtude de pessoa, número, tempo e modo verbal.

O quantitativo do *subcorpus* que servirá de base para as análises do trabalho segue demonstrado na tabela 3.

Tabela 3 - Quantitativo diacrônico do *subcorpus* da pesquisa em PB

Descrição	Séculos/Número de ocorrências	
	XIX	XX
Número de ocorrências de <i>cheg</i> *	500	650
Número de ocorrências da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$	100 (20%)	179 (27,5%)

Fonte: dados coletados

2.2 PROCEDIMENTOS E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Ao longo deste estudo, buscaram-se respostas a cinco questionamentos: (i) como se deu a gramaticalização do item *chegar* no PB como auxiliar?; (ii) o item *chegar* atua como

²⁵Na busca geral no Corpus do Português, tem-se o total de 109 páginas da internet com dados do século XIX, com 100 linhas de concordância nas 108 primeiras e 10 linhas de concordância na 109. Entretanto, as ocorrências do PB só aparecem a partir da página 10. Diante disso, estipulou-se a coleta das 5 primeiras ocorrências de cada página, o que totalizou os 500 dados selecionados para o subcorpus da pesquisa. Já no século XX, os dados são mostrados separadamente por PE e PB. Para o PB, têm-se 103 páginas de resultados, os quais contemplam as seguintes tipologias textuais: acadêmico, ficção, oral e notícia. Observando-se a equivalência entre as diferentes tipologias, coletaram-se também 5 linhas de concordância em cada uma das 100 primeiras páginas, ficando, ao final, constituído um subcorpus com 500 resultados, sendo 125 de cada tipologia.

auxiliar na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$?; (iii) essa construção marca valores modais e/ou aspectuais no PB?; (iv) que pessoa, número, tempo e modo verbal são predominantes no *chegar* nessa construção? (v) quais são os tipos semânticos de V2 combinados com o *chegar* nessa construção?

Para responder a esses questionamentos, foram adotados os seguintes procedimentos de análise após a constituição do *subcorpus* de pesquisa:

a) Levantamento, em obras lexicográficas, das diferentes acepções atribuídas ao *chegar* no PB. Neste ponto, observaram-se acepções mais recorrentes e identificaram-se exemplos nos dados, o que tentou traçar o percurso de uso da forma desde seus sentidos mais concretos até seus sentidos mais abstratos, confirmando, via critérios propostos por Lehmann (1982), a gramaticalização do item. Aqui o sentido concreto é tomado como aquele em que *chegar* indica um movimento físico no espaço e pressupõe um sujeito [+humano, +animado] e um complemento [+locativo], como mostra o exemplo (7); já o sentido abstrato é tomado como aquele em que *chegar* não expressa um deslocamento físico, pressupondo um movimento mental, como mostra (8).

(7) É isto pouco mais ou menos o que se passava no espírito de Jorge quando caminhava pela Praia da Glória seguindo o caminho de sua casa. Davam dez horas no momento em que o moço **chegava** à rua de Matacavalos, à porta de um pequeno sobrado, onde habitava. (José de Alencar. *A viuvinha*. 1857, grifos nossos)

(8) Perturbou-se a princípio, mas tratou logo de reconstruir pacientemente tudo o que fizera nesse dia. Dividiu as horas e deu a cada uma a sua aplicação justa; determinou o tempo gasto com o padre, com o cabeleireiro e com as pessoas em companhia de quem esteve; **chegou** a lembrar-se do assunto de suas conversas, o que dissera a tal e tal amigo, e recordou-se expressivamente da impressão que lhe assaltava de vez em quando o espírito, sempre que se imaginava no momento feliz de apoderar-se da noiva. (Aluísio Azevedo. *Girândola de Amores*. 1882, grifos nossos).

b) Aplicação de critérios de auxiliaridade para averiguar a atuação de *chegar* como auxiliar na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$. Utilizaram-se doze critérios, os quais foram escolhidos conforme metodologia de Fonseca (2010), observando aqueles que são recorrentes em mais de um autor que trata da questão da auxiliaridade. Os critérios selecionados, conforme detalhado no capítulo segundo, foram inseparabilidade; detematização (sem propriedade de predicação); incidência da negação sobre a perífrase; restrição paradigmática (defectividade); frequência alta (auxiliar + v. na forma nominal); incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase; impossibilidade de desdobramento da

oração; critério da apassivização; recursividade (coocorrência com mesma raiz); impossibilidade de substituição por pronome; sujeito único; posição fixa na perífrase.

c) Identificação de valores modais e/ou aspectuais do verbo *chegar* na construção. Na identificação de valores aspectuais, tomaram-se por base os tipos aspectuais elencados por Travaglia (1985) e, na identificação de valores modais, tomou-se por base a discussão sobre modalidade proposta por Neves (2006).

d) Identificação de pessoa, número, tempo e modo verbal predominante em relação ao *chegar* presente na construção. A observação desses critérios nos permitiu verificar se a variabilidade verbal é conservada ou se a construção restringe alguma dessas propriedades. Além disso, possibilitou a verificação do princípio de *especialização* propostos por Hopper (1991);

e) Identificação dos tipos de V2 presentes na construção. Este grupo possibilitou verificar se a posição V2 pode ser ocupada por qualquer verbo independente de sua classe sintático-semântica. Para aplicação deste grupo, observou-se, conforme proposta de classificação do Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002), quatro tipos de verbos: ação, processo, ação-processo e estado. Segundo Borba (2002), os verbos de ação indicam eventos iniciados por um sujeito agente que não afetam objetos; os verbos de processo codificam eventos em que o sujeito é paciente, ou seja, sofre os efeitos do processo descrito pelo verbo; os verbos de ação-processo combinam características dos verbos de ação e de processo, em geral, possuem dois argumentos: um sujeito animado, intencional, podendo ser ou não humano, que exerce a função de agente do processo verbal, e um objeto que sofre a ação descrita pelo verbo e é afetado por essa ação; os verbos de estado indicam a condição em que se encontra o sujeito, sendo essa condição permanente ou transitória;

e) Por fim, tendo sido percebida uma escalaridade marcada pela construção em estudo, a mesma foi analisada pelo viés da argumentação e dos esquemas imagéticos, tomando como embasamento principal as discussões empreendidas por Koch (1995), por Guimarães (1995), por Oliveira (2001) e por Cabral (2011).

2.3 BASE TEÓRICA E FORMA DE ABORDAGEM DOS DADOS

As análises empreendidas neste estudo estão subsidiadas pelo quadro teórico de interface entre a teoria da mudança linguística e da gramaticalização e ancoradas, principalmente, na proposta teórica do Funcionalismo Linguístico de vertente norte americana, a qual prioriza o estudo dos fenômenos linguísticos levando em consideração a

situação comunicativa, conjugando aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. Os estudos da mudança linguística consideraram preceitos metodológicos relacionados à perspectiva da gramaticalização.

Apesar de a ancoragem principal das discussões ser a linguística funcional, não foram descartadas as demais teorias, já que puderam, em determinadas situações, subsidiar de maneira mais contundente as análises empreendidas. Muitos estudiosos podem entender esse pluralismo linguístico como fator negativo nas mais diversas pesquisas que são realizadas. Entretanto, assim como Borges Neto (2004, p. 67) relata, acredita-se ser inevitável o pluralismo teórico, “uma vez que o objeto de estudo da linguística é extremamente complexo e permite ‘visadas’ distintas”. Além disso, o autor acrescenta ainda que esse pluralismo não traz consigo o relativismo, “uma vez que, no fundo, o objeto de estudos é sempre o mesmo: as várias abordagens são abordagem do mesmo objeto e, por isso, complementares”. (p.67).

Na análise e discussão dos dados, utilizamos uma abordagem mista, ou seja, tanto nos valem da abordagem quantitativa quanto da qualitativa.

Não se pode perder de vista que a proposta laboviana para os estudos de variação e mudança já priorizava a abordagem quantitativa nos estudos linguísticos. Ademais, a abordagem quantitativa empreendida nesta pesquisa se deve ao fato de ser recomendada por estudiosos da linguística, principalmente aqueles que, numa linha da linguística histórica, dedicam-se aos estudos do fenômeno *gramaticalização*. Para Vitral (2005), é a metodologia quantitativa que possibilita ao linguista pesquisador determinar de forma precisa e segura processos de gramaticalização, “já que os procedimentos usuais de identificação desses processos são dependentes da intuição do falante/pesquisador e nem sempre são aplicáveis a fenômenos para os quais se suspeita estar ocorrendo um processo desse tipo.” (p. 1)

Partindo disso, a abordagem quantitativa foi utilizada para um tratamento numérico das ocorrências da construção, por século, averiguando a frequência/ocorrência em cada século, além de ser útil também para quantificação das ocorrências segundo os critérios apontados na subseção anterior, relacionando-os à marcação de aspecto e/ou modalidade. Já a pesquisa qualitativa servirá de base para todas as análises empreendidas acerca da gramaticalização do verbo *chegar*, visto que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Conforme aponta Marcuschi (2001), quantidade e qualidade não são abordagens opostas, mas se complementam a depender do que está em jogo. Além disso, a discussão da relação entre análise qualitativa e quantitativa não se limita a contrapor interpretações a cálculos, pois elas podem ser combinadas e cada uma oferece suas vantagens e desvantagens.

O fundamento é que se tenham presentes, sempre, os objetivos da pesquisa e que em todos os casos se esteja pautado numa teoria de base.

CAPÍTULO III

CHEGAR: DE VERBO PLENO A VERBO AUXILIAR

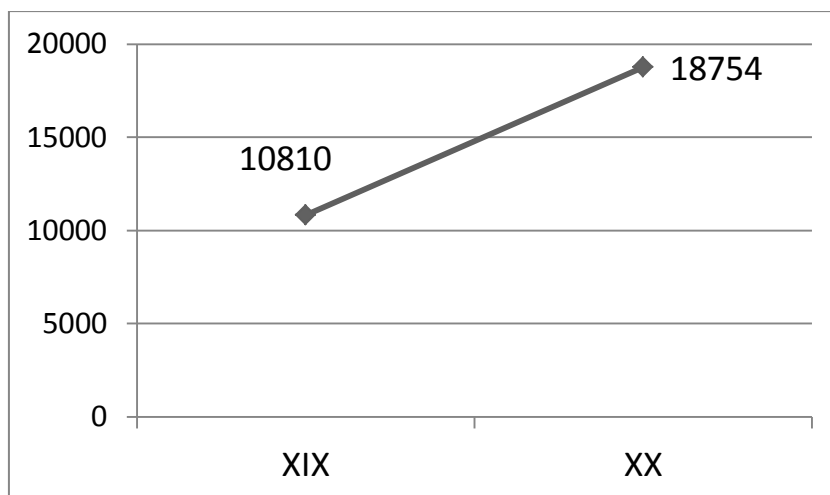
Os estudos aqui realizados ancoram-se, conforme já explicitado, numa concepção funcionalista de linguagem. Nessa concepção, conforme Hopper (1987), a gramática é emergente, sendo a língua entendida não como um objeto autônomo, mas como um conjunto de formas que possui estrutura dinâmica, constituindo, assim, um processo instável e inacabado, sujeito às pressões de uso (internas e/ou externas ao sistema linguístico). Nesta perspectiva, busca-se inicialmente demonstrar diferentes acepções do verbo *chegar* arrolados nos dicionários do PB e usos presentes no *corpus*, comprovando a polissemia do item estudado. Nesta etapa, são relacionadas as acepções mais recorrentes e semelhantes desse verbo e é mostrado como a noção de deslocamento vai se tornando mais abstrata, corroborando com a tese de lexicalização do item. Além disso, à medida que o uso do item vai sendo expandido, o mesmo passa a desempenhar novas funções gramaticais, o que atesta o processo de gramaticalização, que é aqui, metodologicamente, averiguado por meio da aplicação dos parâmetros propostos por Lehmann (1982).

Numa perspectiva em que a passagem de formas lexicais para formas gramaticais não é discreta, sendo, ao contrário, dada num *continuum*, com sobreposição de funções, num percurso que, conforme Fonseca (2010), pode ser descrito em *verbo pleno* > *verbo pleno/auxiliar* > *verbo auxiliar*, passa-se a uma análise mais detalhada da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, com o propósito de averiguar a constituição perifrástica da construção.

Por fim, após aplicação de alguns critérios de auxiliaridade para averiguar a auxiliarização do item *chegar*, analisa-se a construção, observando-se categorias linguísticas como pessoa, número, tempo e modo verbal, além de tipos semânticos de V2 e valores gramaticais relacionados ao aspecto e à modalidade presentes na construção estudada.

3.1 DIFERENTES ACEPÇÕES E USOS DE CHEGAR NO PB

É bastante alta a frequência do item *chegar* no português. Isso pode ser comprovado pelo gráfico 1, que revela a quantidade de ocorrência do item no Corpus do Português, a partir da busca geral pela chave de busca [cheg*]. Nota-se ainda que, nos séculos XIX e XX, houve uma significativa expansão do item, o que favorece o processo de gramaticalização, já que, quanto mais usado um item, mais propício à gramaticalização ele está.

Gráfico 1 - Quantitativo diacrônico do item *cheg** no Corpus do Português

Fonte: dados coletados

Em decorrência dessa alta frequência de uso, são também variadas as acepções que esse item assume na língua. Então, com o objetivo de identificar os sentidos concretos e abstratos do item, realizaram-se consultas em alguns dicionários²⁶. Isso possibilitou ainda a comprovação de que a abstração leva à expansão dos semas²⁷ e, conseqüentemente, à polissemia. Além disso, alguns semas se tornaram tão abstratos que se esvaíram, levando à gramaticalização do item.

Segundo Cunha (1982), o verbo *chegar* vem do latim *plicāre*, e significava “dobrar”, “enrolar”. Sua evolução semântica se explicaria a partir da linguagem náutica: do sentido primitivo 'dobrar, enrolar', passou-se ao sentido de 'chegar' pelo costume de se dobrarem, se enrolarem as velas ao atingir-se o porto (chegar ao porto).

A seguir, numa ordem cronológica das obras, estão arrolados alguns usos do item *chegar* registrados pelos dicionários²⁸.

²⁶ A consulta foi realizada nos seguintes dicionários: Aulete online; Dicionário brasileiro da língua portuguesa (1976); Dicionário prático de regência verbal (LUFT, 1998); Houaiss, Villar e Franco (2001).

²⁷ Os semas são, conforme definição retirada de <http://dicionario.extremehost.psi.br/sema.html>, as unidades mínimas de significação que entram, como compostos, no sentido de uma unidade léxica.

²⁸ Manteve-se a configuração original nos verbetes retirados das obras eletrônicas. Entretanto, nos dicionários consultados em versão impressa, isso não foi feito porque são obras volumosas e a imagem escaneada não ficou com boa visibilidade, principalmente nas margens internas.

v. intr. || vir: Chegaram as andorinhas. As encomendas chegam amanhã || Começar: "Chega o calor. Chegou a idade dos estudos " (Castilho.) || Aproximar-se de um ponto, entrar depois de uma viagem, de um passeio ou por um impulso (com a prep. a ou até): Chegou ao Porto. Chegamos a casa. A bala não chegou ao alvo. (Com a prep. a e infinito) || Conseguir: Se chegasses a ler nesta alma, já talvez não fosses assim. (Idem.) Chegavam a assaltar os índios cristãos. (Vieira) Se assim não chegar a contentar-vos, ao menos nunca chegue a aborrecer-vos. (Camões.) || Bastar, ser suficiente: "O sangue da tua raça não chega para vingar o sangue dele. " (R. da Silva) O não chega 1. || a falta; o que se dá ou reserva para suprir a falta: E ai tens mais para o não chega (Castilho.) || Elevar-se a orçar por: As despesas não chegam a Cr\$ 200,00. Não chegar à craveira 1. || não ter a altura exigida para o serviço militar; (fig.) não ser suficiente, não servir. || Poder tocar com a mão ou com outra parte do corpo: Não chego à árvore. Chega com a cabeça ao teto. || Avançar, adiantar-se, ir: Quero ver até onde isto chega! (R. da Silva) || Ser comparável com: "O marmelo embucha, mas não chega ao marmeleiro. " (Castilho.) Nada chega à primavera. (Idem.) Não chegar aos calcanhares de 1. || (fig.) ser muito inferior a (Fig.) || Acontecer: Uma desgraça nunca chega só. || Deixar-se ir a ponto de: "O marquês moço chegou a oferecer-lhe um prêmio se quisesse confessar. " (R. da Silva) Santo Deus! Aonde chegamos de loucura e desvario em nossas teorias! (Garrett.) || -, v. tr. aproximar, pôr ao alcance: "Chegue uma cadeira. Sonora frauta nunca aos beijos chegaram. " (D. da Cruz.) || Levar (uma fêmea) à cobrição ou padreação. (Bras., Nordeste) || Propor como preço para compra. Chegar a brasa à sua sardinha 1. || (fig.) v. brasa. Chegar as testemunhas 1. || aduzir as testemunhas em juízo, apresentá-las ao juiz para serem perguntadas || -, v. pr. (com a prep. a ou de), aproximar-se: Chega-te aos bons, serás um deles (adag.). Não se chegue muito de mim. || Conformar-se, seguir, atender: Vamos, chegue-se à razão. (Castilho.) F. lat. Plicare

(AULETE. *Online*. Versão original do verbete)

Chegar, v. (l. plicare). 1. Tr. ind. e intr. Vir: Seu irmão acaba de chegar do Rio. Chegou o dia de acertarmos as contas. 2. Tr. ind. e intr. Aproximar-se de um ponto: Quando chegou ao clube, já o esperavam todos. Os excursionistas chegaram até Guaiúba. O pessoal acaba de chegar. 3. Tr. Dir. Pôr ao alcance; aproximar: Chegue uma cadeira. 4. Pron. Achejar-se: Estendeu-lhe os braços, ela chegou-se, atraída (Coelho Neto) (...). 5. Intr. Começar: Chegou o inverno. 6. Tr. Ind. Atingir; igualar: O maior deles não chega a este tamanho. 7. Tr. Ind. Adiantar-se, avançar: Até onde chegará sua audácia. 8. Tr. Ind. Conseguir: Não chegou a realizar o negócio. 9. Pron. Atender, conformar-se: Embora tarde, chegou-se à razão. 10. Tr. Ind. e intr.. Ser suficiente, bastar: O seu dinheiro não chegará para tanto. Chega, não cabe mais. 11. Tr. Ind. Elevar-se, orçar por: Achou-se uma quantia que não chegou a dez cruzeiros. 12. Intr. Acontecer: Uma desgraça nunca chega só. 13. Tr. Dir. Levar (um fêmea) à cobrição ou padreação: Chegou a égua ao pastor. Antôn. (acepção 1): partir. C. a brasa à sua sardinha: pedir para si, procurar as suas conveniências. C. a mostarda ao nariz: irritar alguém, causando-lhe zanga. C. ao vivo: a) fazer a alguém uma ofensa que se lhe torna mais sensível; b) mortificar deveras; c) penetrar no âmago. C a ponto: chegar em tempo conveniente. C. à razão: convencer da verdade. C. a roupa ao corpo de: dar uma sova em; espancar. C. a roupa ao pelo, Gír.: bater, espancar. C. às boas: conformar, submeter. C. às vias de fato: v. via. Não c. aos calcanhares de alguém: ser-lhe muito inferior. Querer chegar a: tencionar, pretender. (DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa, 1976)

CHEGAR 1. Int ou TI: chegar (a...) (OBS.). Atingir o termo do movimento de ida ou vinda; atingir (o lugar visado). Ele chegou cedo (à escola). Chegou aqui/lá. Ele ainda não chegou. “Quem chega tarde acha o lugar tomado” (Prov.). //Aproximar-se: “Não chegues à força, que não te enforçarão”(Prov.). – OBS. Verbo de ‘movimento para’, é natural reger ele preposição a diante do complemento de lugar. No Brasil, entretanto, usa-se muito a preposição em (...). 2. TI: chegar a... Alcançar; atingir: A escada não chega ao teto. Sua mente não chega a esse nível de abstração. //Conseguir: Chegaste a convencê-lo? //Elevar-se, orçar: A dívida chega a um milhão. //Ir ao ponto ou extremo de: Ele chegou a esmolar. //Chegar a... (em...) Comparar-se, igualar-se: Ela não chega à mãe (em beleza). //Chegar em...; chegar-lhe. Bater; espancar. //3. TD(I): chega-lo (a, para, de...). Pôr(-se) perto; aproximar(-se); chegar(-se): “Chegar a cadeira ao hóspede (ou do hóspede)”(Jucá) (...)4. TDI: Chegá-lo por... Oferecer como preço de compra: Ele chegou uma alta soma pelo terreno. //5. Int: chegar. Ter início, começar (uma estação do ano). //Acontecer; sobrevir: “Uma desgraça nunca chega só” (Aulete). //6. IMp TI: chegar de... Bastar: Chega de reclamações. (LUFT. Dicionário prático de regência verbal. 1998)

chegar

Verb. Atualizado

(che.gar)

v.

- 1 Completar ação de ir ou vir de algum lugar [ta.: *Chegaremos a casa logo: Papai chegou do trabalho cansado*] [int.: *Chegamos cedo*]
- 2 Vir [ta.: *Chegou da Paraíba sonhando com uma vida melhor*] [int.: *Os dias passam e ela não chega*]
- 3 Acontecer, ter início; vir (no tempo) [int.: *Chegou o dia da formatura: Finalmente as férias chegaram*]
- 4 Atingir, alcançar (um ponto determinado no espaço ou no tempo) [ta.: *Depois de muito esforço, os alpinistas chegaram ao topo da montanha: Chegamos ao século XXI*] [int.: *Custou, mas cheguei*]
- 5 Alcançar (qualidade, situação) após desenvolvimento [tr. + a: *A astronáutica chegou a grandes conquistas*]
- 6 Bras. Ser suficiente; BASTAR [int.: *Só arrepender-se não chega, você tem de corrigir o erro: "As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos..." (Machado de Assis, Quincas Borba)*] [tr. + para: *Essa quantia não chega-me!*]
- 7 Atingir, alcançar, igualando (medida, montante, valor, qualidade etc.) [tr. + a: *Sua dívida chega a dez milhões: Não chega aos pés do concorrente*]
- 8 Pôr(-se) perto; APROXIMAR(-SE) [tda.: *Chegue a cadeira para cá*] [tdi. + a: *Chegaram-se ao mestre para tirar dúvidas*]
- 9 Deixar-se ir a ponto de (fazer algo) [tr. + a: *O juiz chegou a oferecer-lhe imunidade se colaborasse*]
- 10 Bras. Ir embora [int.: *Está tarde e eu vou chegando*]
- 11 Conseguir [tr. + a: *"Se assim não chegar a contentar-vos, ao menos nunca chegue a aborrecer-vos" (Camões, Os Lusíadas)*]
- 12 Fig. Acontecer ou começar a acontecer, ocorrer, ter lugar [int.: *Uma desgraça nunca chega só*]
- 13 Levar (uma égua) para padreação [td.]
- 14 N.E. Propor como preço para compra [td.: *Chequei 20 mil pelo carro, e não fui além disso*]
- 15 Aproximar (algo ou si mesmo) de, acercar(-se) de [tdi. + a: *Chegou-se ao rapaz com boas intenções: Chegou sua cadeira à mesa para participar da conversa.*] [tda.: *Cheque-se aqui*]
- 16 Ter espaço suficiente [tr. + para: *Um só carro não chega para todos nós.*]
- 17 Mudar de posição, movendo [td.: *Chegou a mesa para a frente: Chegou-se mais para frente*]
- 18 Ser formulado ou pensado [int.: *A saída para esse problema chegará na hora certa*]
- 19 Lus. Pop. Bater, surrar [tdi. + a: *Chegou um chicote às costas do escravo*]
- 20 Lus. Mar. Aproximar-se, encostar [ti. + a] [int.]

[F.: Posv. do lat. *plicare*. Hom./Par.: *chega* (s) (fl.), *chega* (s2g.)]

(AULETE. Online. Versão atualizada do verbete)

Chegar v. (sXIII) 1 t. i. int: atingir o termo de uma trajetória, de um percurso de ida e/ou de vinda <chegou hoje (da Europa)><(c. a casa)><a flecha não chegou ao alvo>< o avião chegou antes da hora> 2. t.i.int. alcançar ou tocar um determinado ponto no espaço ou no tempo < o menino chega ao ombro do pai><a saia chega até o chão><c. até altas horas estudando> 3. t. i: atingir um ponto extremo; ir ao máximo <c. aos limites da paciência> 4. t. i. alçar-se a uma posição vencendo etapas <c. a embaixador><c. a almirante> 5. t. i, alcançar (uma quantia, um valor); elevar-se, montar, importar <a multa chega a dois salários mínimos> 6 t.i. igualar-se, comparar-se, ombrear <a praia é bonita, mas não chega aos pés de Copacabana> 1 int. começar a acontecer ou estar iminente < a noite chegou sorradeira> 8 t. i. int. ser suficiente; bastar <a mesada não chega (para a condução)><chega de reclamações> 9 int. aparecer concretamente; vir; sobrevir; começar; dar-se <o sucesso do ator finalmente chegou> 10 t.d.int. movimentar, mudando de posição <c. a cadeira para trás><chegue aqui> 11 t.d. levar (uma égua ou lote de éguas) para padreação. *Chega pra lá infirm. 1 encontrão, trambolhão, empurrão <levou um chega pra lá que a fez perder o equilíbrio> 2 ato de chamar a ordem, reprimenda, admoestação <dar um chega pra lá em alguém> 3 ato ou efeito de não atender à pretensão de outrem; ato, efeito ou fato de se mostrar adverso a; fora <deu um chega pra lá no namorado da irmã> 4 frieza, gelo <o chega pra lá do amigo deixou-o magoado>. *Gram a) a respeito da conjugação deste verbo, ver – egar; b) chegar us. como aux. tem valor aspectual e indica que a ação denotada pelo verbo principal se apresenta como um resultado relativamente às ações anteriores não explicitadas [ver aspecto] (ele nem chegou a falar com o guarda porque não foi preciso; o pregador chegou a converter ateus renitentes) e/ou que há uma avaliação subjetiva por parte do falante em relação ao fato que enuncia [ver modalidade] (tem tanto medo do pai que chega a tremer quando entra em casa). *Uso no Brasil, em registro informal, a 1ª p.s. do pret. perf. ind. ocorre apositivamente com o sentido de ‘espafalhatoso’, ‘chamativo’, ‘berrante’: um carro cheguei; blusas amarelo cheguei; ela está muito cheguei(...). (HOUAISS, VILLAR e FRANCO. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2001)

Ao observar os significados do verbete *chegar*, pode-se perceber que muitos deles são similares nas diferentes obras lexicográficas e até mesmo se aproximam nas acepções, mesmo que dadas como diferentes. Entretanto, cumpre destacar que a única obra que trata o verbo *chegar* como auxiliar, responsável pela marcação aspectual e modal na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, hipótese levantada neste trabalho, é a obra de Houais, Villar e Franco (2001). As demais o consideram como verbo pleno em todos os contextos e suas respectivas abonações.

O fato de o item ser descrito como auxiliar apenas em obra de 2001 pode ser um indício de que somente no século XX ele passa a ser reconhecido como culto no PB. Conforme já salientara Neves (2011), a consulta ao dicionário é muito importante, pois, a partir dela, pode se ter uma ideia de quando o item surgiu na língua, ou, no caso deste estudo, uma ideia de quando ele passou a desempenhar determinada função.

A partir de uma análise da origem do item *chegar*, conforme proposto por Cunha (1982), e de suas diferentes acepções descritas nas obras lexicográficas, vê-se que a acepção mais concreta do item perpassa pela ideia de deslocamento de um ponto X a um ponto Y.

Neste ponto, o significado do item pode ser expresso por “vir, ir, completar ação de ir ou vir de algum lugar”.

É importante também destacar que esse deslocamento se dá no espaço físico. Neste sentido, o verbo em estudo ocorre numa estrutura sintática formada por sujeito [+animado] e complemento [+locativo], como demonstram os dados em (9) e (10), extraídos do *corpus*:

(9) Ainda neste dia vimos **chegar** ao acampamento, quase nu, e semelhante a um cadáver, um dos desvalidos abandonados de 26, que, no próprio excesso do terror encontrara restos de vitalidade que o salvaram. (Afonso de Taunay. Ficção. A retirada da laguna. 1870, grifos nossos)

(10) A visita de João Paulo II ao Brasil tem motivação político-religiosa muito maior do que as simples aparências indicam. Revestida do aspecto formal que a ocasião e o protocolo recomendam, João Paulo **chega** ao Brasil num momento não só de imensas divergências na Igreja no país, como de desagregação de seu rebanho. (Bóris Casoy. Notícia. 1997, grifos nossos)

Ainda com denotação de deslocamento, uma segunda acepção comum de *chegar* é “aproximar-se, pôr-se perto, pôr ao alcance, achegar-se”, conforme os exemplos (11) e (12).

(11) MANUEL - Meu Deus! Que pensamentos são esses. Estás bom, partirás amanhã, e falas em morrer hoje? ALCOFORADO - Como estas horas se arrastam vagarosas. (**Chegando-se** à janela) O céu está coberto de nuvens; a noite vai escura e medonha. MANUEL - Felizmente que estamos em casa, porque talvez tenhamos alguma tempestade. (Gonçalves Dias. Leonor de Mendonça. 1846, grifos nossos)

(12) Gregório recolheu a mãozinha que tinha entre as suas e levou-a aos lábios com a sofreguidão de um faminto. Ela continuou a ler. Gregório aproximou-se mais e, todo vergado para a frente, **chegou** os lábios à cabeça da viúva e beijou-lhe a polpa macia do pescoço. - Então? Que é isso! Deixe-me! disse ela, erguendo-se melindrada e deixando escapar o livro das mãos. (Aluísio Azevedo. Girândola de Amores. 1882, grifos nossos)

Nota-se, conforme exemplos (11) e (12), que a estrutura sintática assemelha-se à primeira (sujeito [+animado] com complemento [+locativo]). Entretanto, é importante destacar que nestes exemplos já há uma abstração dos complementos locativos, pois lábios e janela, apesar de serem lugares, não são lugares propriamente físicos, orientando-se pela categorização de prototipicidade.

Já os exemplos (13) e (14) mostram o item *chegar* usado na acepção de “ter início, começar, começar a acontecer”. Ainda que de forma bastante abstrata, percebe-se a noção de movimento espacial denotada pelo verbo.

(13) Como toda a parte norte do Brasil não apresenta as quatro estações definidas, é o regime pluviométrico de cada região que indica, na prática, quando o verão começa. "Em setembro, a temperatura começa a aumentar e os ventos quentes **chegam**. Assim, não há porque esperar mais três meses pelo verão", explica a meteorologista-previsora do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Bernadete Lira dos Anjos. (Temporada antecipada. Notícia. 1997)

(14) Ele mesmo diz que o Brasil tem um povo que atualmente confia nas autoridades. O que tira o sono não apenas de FHC, mas de toda a sociedade brasileira, é a violência. E violência foi um dos temas dos encontros do presidente no Canadá. Para ele, tem que **chegar** o momento em que o Brasil acabe com a violência. **Chegou** o momento de o brasileiro realmente pôr um ponto final em tanta violência. (Freio no crédito e no consumo. Notícia. 1997)

Numa outra acepção, *chegar* é usado no sentido de “alcançar, atingir, conseguir”, denotando já um sentido mais abstrato que as acepções anteriores, sendo o ponto de alcance não mais um ponto físico no espaço, como mostram os exemplos (15) e (16).

(15) D. Brás da Silveira, ou antes dele Antônio de Albuquerque, com grande trabalho estabeleceu o pagamento do quinto pelo método chamado das bateias, que consistia em se avançarem os povos na quantia de um número de arrobas de ouro, que em tempo de d. Brás **chegou** a vinte e cinco arrobas, pagando-se por cada escravo mineiro umas tantas oitavas, e o que faltasse para as vinte e cinco arrobas haver-se por derrama. (Joaquim Norberto de Souza Silva. História da conjuração mineira. 1860, grifos nossos)

(16) Túlio, logo aos três minutos, deu um passe para Mirandinha que teve a bola interceptada pela zaga no momento do chute fatal: a resposta do Vitória veio com Bebeto que, após o drible, foi derrubado e, na cobrança de falta, por ele mesmo, forçou Ronaldo a dar o rebote para o centroavante Agnaldo completar e marcar 1x0, aos oito minutos. O Corinthians **chegou** ao empate aos 13 minutos em uma bola bem enfiada de Túlio que Mirandinha chegou dividindo com o goleiro Nilson e levando vantagem: 1x1. (Estreia encanta torcida no barradão. Notícia. 1997, grifos nossos)

O item é utilizado também com o sentido de “atingir um ponto extremo; ir ao limite”, conforme demonstram os exemplos (17), (18), (19) e (20).

(17) - Cale-se, senhor Luciano! - bradou Umbelina roxa de cólera e batendo com o pé. - Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros pode dizer o que lhe vem à boca, e **chegar** a ponto de querer governar as filhas alheias? Luciano quis responder, mas uma multidão de vozes aplaudindo Umbelina abafaram-lhe as palavras. (Bernardo Guimarães. O seminarista. 1872, grifos nossos)

(18) O Vigário - Pois você queria que eu, um Vigário, assinasse isto? O Tenente-Coronel - Ah! Perdão! eu não sabia que o artigo era de Vossa Reverendíssima. O Vigário - É que não está ao fato da maroteira que o Benício praticou comigo! Pediu-me que protegesse a sua eleição, que me empenhasse com os nossos correligionários..fiz-lhe o que não se faz a

um filho. **Ceguei** a ponto de pedir uma vez aos meus paroquianos, em uma prática depois da missa, que votassem nela! (Artur Azevedo. Os noivos. 1880, grifos nossos)

(19) - Que inveja tenho dessa cabeleira! Que é que você fez para crescer assim? - Nada. Água do pote e pente duas vezes por dia.. - Qual! Isso é do calibre da gente.. Eu tenho usado tudo quanto me ensinam: óleo de coco, enxúndia de galinha, uma porção de porcarias. **Ceguei** até a botar nos meus, remédio de botica.. Foi mesmo que nada.(Domingos Olímpio. Luzia Homem. 1878, grifos nossos)

(20) Pode-se dizer tudo do ex-presidente Collor, menos que ele não dá Ibope. Com sua aparição, sempre grandiloqüente, espalhafatosa, **chegando** ao delírio, na última terça-feira, o "Jornal Nacional " ganhou alguns pontos. As pessoas que mudaram de canal, ou as que já estavam lá, não eram todas a favor de Collor; ao contrário. Mas ele sempre atrai o debate, para o bem ou para o mal. (A fúria alucinada de Collor. Notícia. 1997, grifos nossos)

Cumpramos destacar a presença da expressão “a ponto de” nos exemplos (17) e (18) e do advérbio “até” no exemplo (19). Essas expressões funcionam como reforçadoras do limite. O uso dessas expressões reforçadoras pelo falante indicia um enfraquecimento da forma. Como o falante não vê a ideia de limite tão demarcada somente pela construção, ele se vale do recurso do redobro e a reforça por meio dessas expressões também marcadoras de limite. A presença desse reforço atesta um estágio mais abstrato do item *chegar* usado como marcador de limite. Entretanto, conforme mostram os exemplos (21) e (22), a ideia de limite já está expressa nas construções objeto deste estudo, sem a presença da referida expressão para denotar o ápice da ação, por exemplo. Pode-se aqui perceber ainda resquícios da ideia de movimento²⁹, como se a ação denotada no V2 percorresse certo movimento mental até que se realizasse. Esse movimento mental parece ser viabilizado a partir da metáfora do CAMINHO, que permite o deslocamento de concreto a abstrato, como será mostrado na seção 3.4.

(21) Depois que tu partiste, nunca mais tive um momento de ventura; tudo se converteu em remorso. **Ceguei** a amaldiçoar o nosso amor; **cheguei** a duvidar se a memória dele me causava saudade ou me causava tédio. Principiei a tomar aborrecimento por tudo; meu marido apunhalava-me todos os dias com a sua indiferença e com o seu desprezo. (Aluísio de Azevedo. Ficção. Girândola de amores. 1882, grifos nossos)

(22) JC - Já disputou cargo eletivo? Manoel - Já fui candidato a vereador, em Serra Talhada, em 88. Na verdade não queria. Foi o partido quem achou que eu devia. JC - Vai disputar outra vez, em 98? Manoel - Não vou dizer que não **chegue** a disputar qualquer cargo. Mas não é o que eu esteja lutando para fazer. (Manoel dos Santos. Dado oral. 1997, grifos nossos)

²⁹ Conforme Hopper (1991), esses resquícios são explicados pelo princípio da *persistência*.

Nota-se, no exemplo (21), que “amaldiçoar” e que “duvidar” era a situação-fim que poderia acontecer, assim como “disputar” seria também a ação extrema revelada no exemplo (22). O que se pretende comprovar mais adiante neste estudo é que, em construções similares a (21) e a (22), o verbo *chegar*, diferentemente das outras acepções até então mostradas, não mais está em sua função plena, lexical, mas sim está atuando como verbo auxiliar, o que comprova a hipótese de que ele se gramaticalizou, passando a assumir funções gramaticais.

Ainda são encontradas ocorrências do verbo com acepções de adjetivo, conforme mostram os exemplos (23) e (24). Nestes casos, tem-se o valor equivalente a “ter proximidade, ter afinidade/afetividade”. Convém ressaltar que, mesmo neste sentido, a ideia de movimento persiste, pois se tem na ideia de que *chegado* é aquilo/aquele que está próximo, demonstrando um deslocamento abstrato.

(23) Aquela cara seria capaz de me por doente se eu a fitasse. A atitude do Aguiar ao lado da prima continuava a ser a de um seu parente **chegado** e amigo da casa; Branca, todavia, ao conversar com ele, sentiu por várias vezes orçar-lhe pelo pudor as antenas de uma estranha intenção, que ela procurava não compreender e contra a qual se retraía toda. (Aluísio Azevedo. Ficção. O coruja. 1890, grifos nossos)

(24) - Por que acha que estou aqui? - Eu acho que você está aqui porque o Leo morreu e não por minha causa. - Ora, meu bem. Você sabe que a gente não era tão **chegado**. - Não seja ingrato. Ele foi um bom amigo pra você. - Eu também fui um bom amigo para ele. (Adonias Aguiar. Ficção. Corpo vivo. 1962, grifos nossos)

Acrescenta-se ainda que, apesar de não ter sido encontrada ocorrência semelhante no *corpus*, sabe-se que há outras construções em que o item atua com função adjetiva, no sentido de “chamativo”, “espalhafatoso”, como mostrado no exemplo (25), retirado aleatoriamente da internet.

(25) Pra quem curte um Rosa bem **cheguei** a indicação é essa meninas, ele é mais carinho mas vale super a pena ter um lindão desse na coleção. (Disponível em: <http://magianasunhas.blogspot.com.br/2013/10/sophies-pink-outubro-rosa.html#.UnGsHINrrHI>. Acesso em 11 de out. 2013, grifos nossos)

Outra ocorrência agora encontrada no *corpus* confirma o uso do *chegar* com sentido que perpassa pela expressão “que tende a realizar determinada ação com frequência”, funcionando como um qualificador, mostrando um hábito e uma iteração por parte do sujeito, conforme exemplo (26). Ressalta-se que, apesar de ter sido encontrada uma única ocorrência

neste sentido, o seu uso, principalmente em situação de informalidade e/ou oralidade, é bastante comum.

(26) Há o artista plástico Salvador (Anselmo Vasconcelos), que expõe suas obras no banheiro do bar; o jornalista de esquerda Ivan Guerra (Nelson Dantas); o farrista Cabelinho (Paulo César Pereio), casado com a gostosa Cotinha (Sílvia Bandeira), que é **chegada** a tirar a roupa em público. A história central fica entre o encontro e o desencontro amoroso de Zeca e Ana. Quando ele deixa a televisão, o casamento vai a pique. (Bar esperança faz bem ao fígado. Notícia. 1997, grifos nossos)

No exemplo (26), nota-se ainda o item usado com função adjetiva, funcionando, no exemplo, depois de um verbo de ligação, como um predicativo. O que se nota de diferente em relação aos exemplos (23) e (24), retirados do *corpus*, é que neles tem-se o particípio, que já é de natureza adjetiva, e no (26), tem-se o verbo flexionado, mas que não perde a natureza adjetiva.

Outra acepção bastante recorrente nos dicionários para o item *chegar* e com ocorrências nos dados do *corpus* é “bastar, ser suficiente”, conforme exemplos (27) e (28). Nesta acepção, o verbo denota um “não a” a algum complemento, podendo, a depender da pontuação, atuar com função interjetiva, como mostra (29). O *chega* nessas construções seria também o ponto final marcado.

(27) Vou cantar de novo. É melhor. Porque se continuar pensando nessas complicações, o tio vai ter uma dor de cabeça igual à do papa Pio III. **Chega** de cânticos! Você ainda está muito fraco. Coma a carne branca e beba da água santa. Esses alimentos que os anjos nos oferecem são o quê? Animais ou frutas? A carne é branca igual à de um peixe cozido, mas gosto de peixe não tem. (Comparato. Ficção. A guerra das imaginações. 1997, grifos nossos)

(28) Os assuntos em pauta no Congresso estão lá há muito tempo aguardando votação. E não são temas irrelevantes. Dependem da boa vontade dos congressistas a votação de reformas fundamentais para a sociedade como a administrativa, tributária e da previdência entre outras. # **Chega** de moleza # Isso sem falar na reforma política, tão necessária para acabar com os privilégios. Tem razão o presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Carlos Moreira, de gritar, referindo-se aos congressistas: "**Chega** de moleza! Vamos trabalhar " O Plano Real está completando quatro anos e todos sabem que as suas âncoras só segurarão indefinidamente a estabilidade dos preços se implantarmos as reformas que diminuirão o déficit público e, conseqüentemente, o peso do Estado sobre a economia. (Engordando as contas bancárias. Notícia. 1997, grifos nossos)

(29) [...] **Chega!** Você ainda está muito fraco para cantar. Coma a carne branca e beba da água santa [...](Comparato. Ficção. A guerra das imaginações. 1997, grifos nossos)

Tem-se, ainda, principalmente em situações de oralidade, o uso do item com valor adverbial, conforme mostra o exemplo (30), também retirado da internet por não ter sido encontrada ocorrência no *corpus*. Neste caso, o verbo *chegar* é utilizado em sequência, com valores díspares, sendo o primeiro núcleo de predicação e o segundo como expressão adverbial. No exemplo, *chegou* ainda mantém traços de movimento, mas o *chegando*³⁰ atua, na função de indicação de modo, com a ideia de que Daniele Winits fará bastante diferença na trama da novela, podendo, talvez, ser parafraseada pela expressão “marcando presença”, “mostrando a que veio”.

(30) Danielle Winits **chegou chegando** em "Amor à Vida". (Disponível em: <http://televisao.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2013/06/27/danielle-winits-chegou-chegando-em-amor-a-vida.htm>. Acesso em 11 de out. 2013, grifos nossos)

Por meio dos dados aqui mostrados, fica reafirmado o caráter polissêmico do item *chegar*. Para Silva (2001), a polissemia começa a figurar, então, como o resultado da inovação semântica (em um sentido diacrônico) e ocorre por meio da extensão e da restrição de sentido, da metáfora, da metonímia e ainda do uso por diferentes grupos sociais.

Reforçando a importância da polissemia, Perini (1996, p. 252) diz que ela

confere às línguas humanas a flexibilidade de que elas precisam para exprimirem todos os inúmeros aspectos da realidade. (...) Conseqüentemente, a maioria das palavras são polissêmicas em algum grau. Palavras não polissêmicas são raras e freqüentemente são criações artificiais.

A partir dos dados encontrados, vê-se, então, que os diferentes significados coexistem e verificam-se diferentes configurações sintáticas. Neste ponto, importante se faz destacar que, conforme salienta Coelho (2006), não se verifica uma concorrência de formas entre o item *chegar* [+concreto] e o *chegar* [+abstrato]. Logo, é por isso que se defende que a mudança linguística via gramaticalização diverge da proposta de mudança laboviana (1982), segundo a qual duas formas alternativas de dizer algo concorrem por um tempo na língua e, depois, uma substitui a outra, ficando instaurado o processo de mudança.

Ainda sobre essa distinção no processo de mudança por gramaticalização, Coelho (2006, p.287) complementa que “não existe, pois, em se tratando da gramaticalização, uma

³⁰ Interessante observar que o uso do item com função adverbial indica ainda um estágio [+gramatical], uma vez que o advérbio é mais gramatical que o adjetivo, já que não tem mais marcas de concordância.

substituição de formas” e que “diante de tais constatações, pode-se entender o fenômeno da gramaticalização não como um processo desencadeador da mudança lingüística, mas como um processo que age em sua difusão, permitindo que os itens cooptados se expandam analogicamente na língua”.

Assim, cumpre destacar que a mudança de um sentido [+concreto] para outro [+abstrato] acaba por determinar o estatuto sintático-semântico das formas lingüísticas. Isso pode fazer com que um verbo pleno, como *chegar*, por meio da extensão de significados, passe a ter uma diversificação de função sintática, podendo, por exemplo, além de funcionar como núcleo da predicação, funcionar como item gramatical. Na mudança por gramaticalização, existe o que Hopper (1991) chama de *estratificação*, já que as formas coexistem na língua, mas em estratos diferentes, como demonstrado em (9) e em (21), por exemplo, em que *chegar* atua como verbo pleno (lexical) e como auxiliar (funcional), respectivamente.

A tabela 4, a seguir, elaborada com base nos dados do *corpus*, revela que ainda é maior a frequência do item com valor lexical.

Tabela 4 - Frequência diacrônica de formas lexicais e gramaticais do item *chegarno subcorpus* do PB

SÉCULO	FORMA LEXICAL	FORMA GRAMATICAL ³¹	TOTAL	QUI-QUADRADO
XIX	383 (76,6%)	117 (23,4%)	500 (100%)	p= 0,233 ³²
XX	449 (69,1%)	201 (30,9%)	650 (100%)	
TOTAL	832 (72,3%)	318 (27,7%)	1150 (100%)	

Fonte: dados coletados

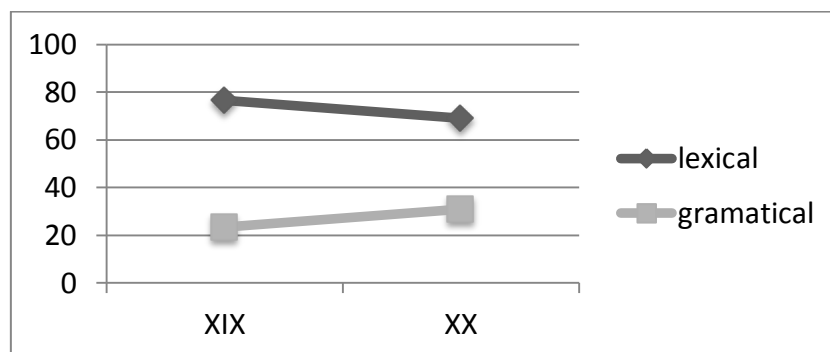
Ao aplicar o teste de aderência do qui-quadrado às frequências lexicais e gramaticais da forma, obteve-se o resultado de $p= 0,233$, comprovando que houve um aumento significativo das formas gramaticais entre os séculos XIX e XX. Sendo as formas gramaticais 117 no século XIX, esperava-se, caso não acontecesse um aumento de uso das formas gramaticais, o número de 152 ocorrências no século XX.

³¹ Apesar de se trabalhar com categorias binárias como “forma lexical” e “forma gramatical”, isso não inviabiliza a ideia de gradiência na gramaticalização, pois foram incluídas como formas lexicais todas as ocorrências em que *chegar* atuava como núcleo de predicação, desde sentidos mais concretos a sentidos mais abstratos, e como formas gramaticais todas as ocorrências em que *chegar* assumia valor de verbo auxiliar, de adjetivo e de interjeição.

³² Normalmente, são aceitos como estatisticamente significativos os níveis $P = 0,05$ e $P = 0,01$, ou seja, 5% e 1% respectivamente.

Como se vê no gráfico 2, apesar de ser maior a frequência lexical, há uma tendência de ampliação do uso gramatical, o que atesta a hipótese de gramaticalização.

Gráfico 2 - Frequência diacrônica das formas lexicais e gramaticais do item *chegarno* subcorpus do PB



Fonte: dados coletados

Esse gráfico demonstra bem o princípio de *estratificação* de Hopper (1991), pois revela a presença do item em co-ocorrência em dois domínios: lexical e funcional. Além disso, já sinaliza o processo de mudança no século XX, pois, como demonstra a curva, há uma aproximação das funções neste século.

Os exemplos mostrados até aqui podem também ser um indício do princípio da *divergência*, proposto por Hopper (1991). Esse princípio está relacionado à noção de polissemia, em que uma forma passa a exercer várias funções. Assim, uma forma lexical pode sofrer gramaticalização (por exemplo, transformar-se em um auxiliar), mas ainda permanecer no sistema como forma lexical, dando-se a permanência dessa forma lexical original como um elemento autônomo que pode sofrer as mesmas mudanças que um item lexical comum, o que pode levar a um novo processo de gramaticalização. Esse princípio explica a existência de formas etimologicamente iguais, mas divergentes funcionalmente.

3.2 ANÁLISE DA GRAMATICALIZAÇÃO DE *CHEGAR* À LUZ DOS PARÂMETROS DE LEHMANN (1982)

Conforme discutido no capítulo I desta dissertação, subseção 1.1.1.2, Lehmann (1982) propõe seis parâmetros formais para medir o grau de autonomia de formas em estágios mais avançados de gramaticalização. No eixo paradigmático, têm-se os parâmetros

integridade, paradigmaticidade e variabilidade paradigmática; no eixo sintagmático, têm-se os parâmetros escopo, conexidade e variabilidade sintagmática.

Em relação ao primeiro parâmetro do eixo paradigmático – *integridade* –, Lehmann (2002 [1982]) diz que este está relacionado ao tamanho da forma em relação à sua fonte fonológica e semântica. Dessa forma, se houver a diminuição da integridade semântica de um signo, tem-se a dessemantização e, se houver a diminuição da integridade fonológica, o atrito fonológico.

Nos dados deste trabalho, o atrito fonológico não é marcado, não tendo sido registrada redução fonológica do verbo *chegar* durante o processo de gramaticalização. Acredita-se que, num *corpus* mais extenso e mais diversificado com dados da oralidade, seriam encontradas as reduções referentes à perda do R em infinitivos, o que não se enquadra no processo de gramaticalização. Também pode ser que em dados orais aconteça a construção com a ausência da preposição A, fato encontrado na base geral do *Corpus do Português*, mas não selecionado na amostra para composição dos dados deste estudo. Entretanto, essa ausência da preposição pode revelar tão somente uma falha na transcrição, sendo necessária a realização de testes mais acurados para averiguar a não pronúncia dela pelo falante. Em estudo realizado acerca dos usos de *chegar* paulistano e goiano, Rauber e Oliveira (2012) encontram ocorrências com construções como “chega dói”, expressão comumente ouvida no falar goiano³³. Construções como essa podem constituir indício de erosão da construção, já que não aparece a preposição A. Isso pode significar que o sentido expresso nessa construção é igual ao expresso na construção “chega a doer”, marcando o limite.

Já em relação à *dessemantização*³⁴ (diminuição da integridade semântica), nota-se uma redução semântica do verbo, indicativo de um processo de gramaticalização. Esse desbotamento semântico é percebido nos exemplos (31) e (32).

(31) Estado - Por que tantos jovens, vindos do mundo todo, **chegam** a Nova York para disputar uma vaga na School of American Ballet (a escola da companhia)? Martins - Porque querem dançar esse repertório único. (Peter Martins. Entrevista. 1997, grifos nossos).

(32) O tom da sua correspondência mudou, perdeu a efervescência de antes. Proust compreendeu que a felicidade não lhe cabia, pois não tinha força para suportá-la e, a partir daí, **chegou** à verdade por meio da dor em forma de compaixão. (Pietro Citati. Notícia. 1997, grifos nossos).

³³ Maiores informações sobre o verbete podem ser acessadas em <http://desciclopedia.org/wiki/Goianês>

³⁴ Alerta-se o leitor para o fato de que não há consenso entre os autores quanto à terminologia de esvaziamento ou desbotamento semântico. Isso porque, ao se abstrair, o verbo amplia suas capacidades de uso no léxico.

No exemplo (31), o verbo se encontra na forma plena, tem uma significação concreta, deslocamento de um ponto físico X e chegada a um ponto físico Y, enquanto que, em (32), o verbo, apesar de pleno, já possui uma referência menos concreta e mais abstrata, indicando o alcance de um ponto, mas não mais um ponto no espaço. Isso demonstra que há um esvaziamento semântico de um para o outro, porque há uma abstratização de um uso ao outro.

Quanto ao parâmetro *paradigmaticidade*, relacionado ao grau de coesão de um item com outros num paradigma, conforme também será analisado quando da aplicação do critério de auxiliaridade sobre (im)possibilidade de ocorrência de material interveniente, constata-se que o verbo *chegar* passou a fazer parte de uma subcategoria a que se pode denominar, conforme Reis (2010, p. 6), como “paradigma dos auxiliares das formas nominais”. Isso é o que faz com que a construção estudada exija a presença de V2 no infinitivo, uma vez que a preposição A se apresenta como resquício sintático da forma verbal plena, como mostra o exemplo (33).

(33) Estado - Nenhum plano de filmar por aqui? Neville - Em todo o lugar que vou, seja Minas, Paris ou Nova York, fico com vontade de fazer um filme diferente. Nestas cinco semanas em Los Angeles, minha cabeça tem fervilhado de idéias. Já fiz algumas anotações e **cheguei a pensar** em rodar um filme experimental, em 16 milímetros, com os atores brasileiros que vivem aqui e americanos também. (Neville de Almeida. Entrevista. 1997, grifos nossos).

Dando prosseguimento às análises, o objeto de estudo foi submetido ao parâmetro da *variabilidade paradigmática*, o qual, conforme Lehmann (2002 [1982]), refere-se à liberdade com que o usuário da língua escolhe um signo dentre aqueles disponíveis num paradigma. Logo, há a possibilidade de uso de um item em detrimento daquele em processo de gramaticalização, podendo o usuário, conforme já explicado, até não escolher nenhum item, deixando em seu lugar uma categoria genérica, não especificada, disponível para aquele contexto usual.

Ao observar o exemplo (34), vê-se que a ideia de limite é expressa pelo *chegar* na formação da perífrase com o infinitivo.

(34) Estado - Você **chegou a fazer**, com frequência, três filmes por ano. Era praticamente uma linha industrial. Manga - Era uma linha industrial, sem dúvida nenhuma. Acabava um, começava outro. (Carlos Manga. Entrevista. 1997, grifos nossos).

Se *chegar* for substituído pelo item *até*, como mostra o exemplo (34a), também fica expressa a ideia de limite³⁵, o que demonstra que o parâmetro de variabilidade paradigmática não se aplica à construção, já que o falante tem essa liberdade de escolha.

(34a) Estado - Você **até fez**, com frequência, três filmes por ano. Era praticamente uma linha industrial. Manga - Era uma linha industrial, sem dúvida nenhuma. Acabava um, começava outro. (Carlos Manga. Entrevista. 1997, grifos nossos).

Passando ao eixo sintagmático, tem-se o primeiro parâmetro *-escopo-*, o qual está relacionado ao tamanho estrutural da construção que ele ajuda a formar. Segundo Lehmann (2002 [1982]), com o aumento do grau de gramaticalização de um item, seu escopo reduz, ou seja, via “condensação”, o item passa da relação de constituintes complexos para a relação com palavra ou com radical.

Ao se observar o comportamento do item *chegar* na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, acredita-se que o parâmetro do *escopo* precisa ser analisado com um pouco mais de cuidado, já que, tal como se dá com outros operadores³⁶, no caso dos verbos, o escopo incide apenas sobre o predicador se este for intransitivo. Em se tratando de predicadores transitivos, o escopo que atua sobre o verbo atua também sobre seus complementos, tornando-se difícil falar em redução de escopo de $V1$ ³⁷, pelo menos sintaticamente, conforme se percebe em (35).

(35) Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. **Cheguei a pegar** na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui. (Machado de Assis. Dom Casmurro. Ficção. 1899, grifos nossos).

Partindo-se do princípio de que, sintaticamente, a hierarquia imposta pelo *chegar* ao $V2$ estende-se também ao seu complemento (*na xícara*), acredita-se que esse é um critério parcial para atestar a gramaticalização de $V1$.

³⁵ Neste estudo, tomaram-se as construções *chegou a fazer* e *até fez* como formas concorrentes na língua, no sentido laboviano, por se entender que ambas preservam o mesmo valor de verdade no sentido de que, em virtude da expressão de limite comum a ambas, elas hierarquizam argumentos e ou eventos, conforme já ilustrado.

³⁶ O escopo de negação do advérbio *não*, por exemplo, incide não apenas sobre o verbo, mas também sobre o seu complemento, conforme se observa em *João não come carne*. O que se nega não é ação de comer, mas o complemento desse predicador, ou seja, *carne*.

³⁷ Ao estudar as constituições perifrásticas, tem-se que o escopo da negação deve recair sobre a perífrase como um todo, o que é demonstrado um maior grau de coesão da construção. Da mesma forma, o fato de $V1$ atuar sobre $V2$ e seus argumentos é um indício de coesão da construção.

Quanto à *conexidade*³⁸, a qual é apresentada como a coesão de um item com outro, constata-se que o verbo *chegar* é bastante coeso quando da ocorrência da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, pois, num total de 279 ocorrências, somente 36 se apresentaram com material inserido entre V1 e V2, sendo este material um advérbio ou uma locução adverbial ou ainda um pronome clítico, conforme exemplos (36) e (37).

(36) O outro era caixeiro mais antigo na casa. Conformava-se, sem respingar, e em certas ocasiões até satisfeito, graças ao seu bom humor. ao passar pela varanda foi menos brusco no seu cumprimento à filha do patrão; **chegou mesmo a parar, sorrir, e dizer**, inclinando a cabeça: "Minha senhora.. "(Aluísio Azevedo. O mulato. 1881, grifos nossos).

(37) Sem largar o telefone nem o cigarro, em voz baixa, lenta, ele recitou: Olhava para trás de mim tão fixamente que **cheguei a me voltar**. Mas não havia mais ninguém na redação além de nós dois e Teresinha O' Connor, pendurada no telefone. (Angela Abreu. Santa Sofia. 1997, grifos nossos)

Por fim, resta o parâmetro *variabilidade sintagmática*, visto por Lehmann (2002 [1982], p. 140) como a “facilidade com que um item pode ser deslocado em torno do seu contexto”, sendo que essa possibilidade de variabilidade sintagmática diminui com o aumento da gramaticalização.

Como verbo constituinte da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, *chegar* possui uma posição fixa no interior da frase. Ele se relaciona especificamente com a preposição e com o verbo no infinitivo, ao contrário do *chegar* pleno, que possui maior liberdade de movimento na língua, conforme os exemplos (38) e (38a).

(38) Estado - Então voltamos ao filme. Por que você decidiu restringir a vida de Castro Alves ao ano de 1868? Nelson - Foi o ano em que Castro Alves **chegou** a São Paulo. Ele estudava Direito no Recife e seus colegas mais próximos eram Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. (Nelson Pereira dos Santos. Entrevista. 1997, grifos nossos).

(38a) Estado - Então voltamos ao filme. Por que você decidiu restringir a vida de Castro Alves ao ano de 1868? Nelson - Foi o ano em que a São Paulo **chegou** Castro Alves. Ele estudava Direito no Recife e seus colegas mais próximos eram Joaquim Nabuco e Rui Barbosa. (Nelson Pereira dos Santos. Entrevista. 1997, grifos nossos).

³⁸ No eixo paradigmático, conforme propõe Lehmann (1982), também há o estudo da coesão do item. A esse parâmetro denomina-se paradigmaticidade.

3.3 ESTUDO DA CONSTRUÇÃO V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo} À LUZ DOS CRITÉRIOS DE AUXILIARIDADE

Como demonstrado no referencial teórico deste estudo (cf. capítulo II), não há um consenso sobre quais seriam as propriedades mais adequadas para se identificar ou medir o grau de auxiliaridade de V1 em *construções verbais*.³⁹ Então, serão adotados, para análise da construção objeto de estudo, como proposto por Fonseca (2010), critérios mais recorrentes apontados pelos principais estudos sobre essa categoria (cf. LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO, 1990; LONGO & CAMPOS, 2002). Foram doze os critérios selecionados, conforme quadro 3, mostrado no capítulo II e retomado abaixo para averiguação. A partir da aplicação dos critérios elencados, serão também realizadas, quando possível, relações com os critérios propostos metodologicamente para aferir a gramaticalização de um item, tais como os critérios propostos por Lehmann (1982) e por Hopper (1991).

Quadro 3 - Critérios de Auxiliaridade

Critérios de auxiliaridade	Lobato (1975)	Longo (1990)	Heine (1993)	Longo e Campos (2002)
Inseparabilidade	✓	✓	✓	✓
Detematização	✓	✓	✓	
Incidência da negação sobre a perífrase	✓	✓	✓	
Restrição paradigmática	✓		✓	
Frequência	✓		✓	
Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	✓	✓		
Impossibilidade de desdobramento da oração	✓	✓		
Critério da apassivização	✓	✓		
Recursividade			✓	✓
Impossibilidade de substituição por pronome	✓	✓		
Sujeito único	✓	✓		
Posição fixa na perífrase			✓	✓

Fonte: Adaptado de Fonseca (2010, p. 51)

Conforme afirma Campos (1998), ao retomar Bybee (1991), a não interveniência de elementos entre os dois elementos que compõem a perífrase, a saber, entre o verbo auxiliar e o principal tem, tradicionalmente, sido colocada como uma das condições para a formação de *perífrases verbais* e, conseqüentemente, para a gramaticalização de verbos auxiliares.

³⁹ Em alguns trabalhos existe similaridade de terminologia entre construções verbais e perífrases verbais, mas neste trabalho é adotada, preferencialmente, a terminologia construção.

Assim, a ocorrência de quaisquer elementos entre os dois membros da perífrase seria considerada como uma interrupção, que poderia enfraquecer o conjunto e seria, também, um indício de fraca gramaticalização do auxiliar.

Partindo disso, a construção em estudo foi submetida ao critério da *inseparabilidade* e, no *corpus* de estudo deste trabalho, este critério não foi satisfeito, já que foram identificadas ocorrências com a presença de material inserido entre os verbos da construção, conforme pode ser comprovado pelos exemplos (39) e (40).

(39) O outro era caixeiro mais antigo na casa. Conformava-se, sem respingar, e em certas ocasiões até satisfeito, graças ao seu bom humor. Ao passar pela varanda foi menos brusco no seu cumprimento à filha do patrão; **chegou mesmo a parar**, sorrir, e dizer, inclinando a cabeça: "Minha senhora.. " O cônego teve uma risota. - Que mitra! julgou com os seus botões. (Aluísio Azevedo. O mulato. 1881, grifos nossos).

(40) A Santidade deveria pensar mais sobre o caso. Que ousadia, monsenhor! Perdão, Santidade. Já pensei e tomei minha decisão, monsenhor! **Chego até a imaginar** a possibilidade de que a acusação do cardeal tenha sido uma trama urgida pelo Espírito Santo. (Comparato. A guerra das imaginações. 1997, grifos nossos)

Entretanto, apesar de encontradas ocorrências com material inserido entre V1 e V2, elas são em número bem menor, além de haver uma tendência à redução, conforme dados da tabela 5.

Tabela 5 - Quantitativo e frequência diacrônicos da presença de material entre V1 e V2 no *subcorpus* do PB

Presença de interveniente entre V1 e V2	SÉCULO XIX		SÉCULO XX		TOTAL	
	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)
Com material interveniente	14	14	22	12,3	36	12,9
Sem material interveniente	86	86	157	87,7	243	87,1
TOTAL	100	100	179	100	279	100

Fonte: dados coletados

Das 279 ocorrências da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, somados os dados do século XIX e do século XX, somente 36 (12,9%) aparecem com material inserido entre *chegar* e o segundo verbo.

No século XIX, das 100 ocorrências da construção, 14 apresentaram material inserido entre V1 e V2; já no século XX, das 179 ocorrências, 22 apresentaram intervenientes

entre V1 e V2. Interessante observar que, apesar de ter acontecido um aumento no número geral de ocorrências da construção, o aumento do número de ocorrência com material interveniente não foi significativo, visto que, ao aplicar o teste de significância *qui-quadrado*, obteve-se $p= 0,722$. Isso é mais um fator que reforça a relativa⁴⁰ conexão que há entre os elementos da construção.

Considerando que houve um aumento do número de construções do século XIX para o século XX e que houve diminuição na frequência de construções com presença de material inserido entre V1 e V2, pode-se concluir que a construção está se tornando ainda mais coesa, o que atende ao critério de *conexidade*, o qual se refere à intimidade com que um item está conectado ao outro com o qual mantém uma relação sintagmática, conforme Lehmann (2002 [1982]).

Acrescenta-se ainda que, além de as ocorrências encontradas serem em número bem menor, considera-se que este critério de *inseparabilidade* pode ser contestado e revisto, pois, assim como afirma Campos (1998), observa-se a ocorrência de elementos intervenientes em perífrases com auxiliares prototípicos muito usados em nossa língua para expressar tempo e aspecto. É verdade que não se dão em grande número, mas, quando aparecem estes materiais, eles não invalidam a sequência auxiliar + verbo principal, como mostra o exemplo (41), retirado aleatoriamente da internet, a fim de comprovar o que se afirmou.

(41) Pessoas **estão deixando** suas lágrimas embaçarem seus olhos, tanto que não **estão mais vendo** a esperança. (Disponível em: <http://kdfrases.com/frase/113368>. Acesso em 11 de out. 2013)

Seguindo a análise, tendo sido identificadas construções com materiais intervenientes, necessário se julgou avaliar que tipo de material era inserido entre V1 e V2. A partir do estudo das ocorrências, verificou-se que há uma especialização quanto ao tipo de elementos que se apresentam entre auxiliar e principal. Esses elementos restringem-se a itens de natureza adverbial e de natureza pronominal.

Sendo elementos de natureza adverbial, conforme exemplos (42) e (43), são, portanto, não argumentais. Trata-se, conforme Campos (1998), de elementos de pouco peso semântico na oração como um conjunto, por não dependerem diretamente do verbo. Ligam-se diretamente ao verbo, sem terem com ele vínculo de dependência. Além disso, os advérbios são uma classe tradicionalmente definida como aquela que serve para expressar as várias

⁴⁰ Nota-se, nos dados do trabalho, que há uma especialização das categorias que podem ser intercaladas na construção, passando a ficar restrita somente a categorias circunstanciais, como advérbios, por exemplo.

circunstâncias que cercam a significação verbal e que possui maior flexibilidade quanto à posição estrutural sintática.

Sendo elementos de natureza pronominal, conforme exemplos (44) e (45), reforçam, como já apontara Bechara (1999), a tendência da colocação proclítica ao verbo principal. Nesse caso, o pronome deixaria de estar ligado ao verbo auxiliar, assim como ocorre na variedade europeia, e passaria a se ligar ao verbo principal, sem hífen, quando este o rege. Bechara (1999) acrescenta, ainda, que, nesta situação, a próclise foi aceita pela gramática clássica quando ocorrem casos em que o infinitivo é precedido de preposição, como acontece com a construção objeto deste estudo.

(42) Seis contos! São seis apólices pra garantir o futuro: de cinco por cento ao juro hão de trezentos render! No fim de quinze anos, **chega-se, com juros acumulados, a ter** dez contos guardados para o que der e vier. Seis contos! compra-se um prédio, que se aluga a dez por cento! E, afinal, num bom momento dez contos por ele dão! Cinco bons escravos mandam-se vir do Norte de encomenda, que, a trabalhar na fazenda, vinte por cento darão! (Artur Azevedo. A jóia. 1879, grifos nossos)

(43) O que Pedro Sacristão jamais saberia é que efetivamente ali quase Delfino se havia detido, ali, no início de tudo. **Chegara mesmo a dizer** a Adriano Mourão que não ia mais roubar a Nossa Senhora da Conceição da Capela dos Milagres e que nem queria mais os 25 contos que já tinha ganho por levar Adriano à Capela da Ceia (Antonio Callado. A madona de Cedro. 1957, grifos nossos).

(44) “Tento mais algumas vezes e, sem que tenha mexido na configuração, a conexão é completada”, explica. “Isto não **chega a me incomodar**, mas é sinal de que tem alguma coisa errada por lá”, completa. (Conexão lenta irrita usuários. Notícia. 1997, grifos nossos).

(45) A inveja que tem do meu poder é tão assombrosa que tem o ultraje de me subestimar! Sua ambição é ser papa! Cega ambição. Desmedida! Tão cega que **chega a lhe ofuscar** a mente e o deixa incapaz de perceber que por debaixo da mitra papal existe uma coroa de espinhos igual àquela que cobre a cabeça sangrante de Jesus!(Comparato. A guerra das imaginações. 1997, grifos nossos).

Longo e Campos (2002) explicam que, ao se tornar auxiliar, o verbo perde propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combinam. A esta perda sofrida pelo verbo dá-se o nome de *detematização*, critério confirmado no *corpus*, uma vez que, conforme mostram os testes⁴¹ realizados a partir dos

⁴¹ Embora Givon (2001) aponte algumas ressalvas quanto ao uso do método de análise de sentenças isoladas, ele admite que sua utilidade não deve ser ignorada, pois não se pode começar a analisar o discurso natural, sem antes ter ganho algum conhecimento preliminar da estrutura da palavra (morfologia) e da estrutura da sentença. Dessa forma, os testes são lícitos para a pesquisa, embora a preferência seja por sentenças de uso real, como aquelas coletadas no *corpus*.

exemplos (46) e (47), o *chegar* não seleciona os argumentos externos⁴². Essa seleção argumental fica por conta do verbo que ocupa a posição V2.

(46) Ora, a casa do veterano era mais freqüentada por velhos e ásperos camaradas dele, gente tostada de pólvora e tabaco, entre a qual não encontraria de certo a tímida rola o companheiro desejado. E o coronel tão alheio parecia aos solitários arrulhos da filha, que a menina **chegou a desconfiar** que o pai se não queria separar dela. (Aluísio Azevedo. As memórias de um condenado. 1882, grifos nossos).

(47) a pobre senhora deixou-se possuir de uma grande tristeza e foi enfraquecendo e ficando doente e ficando feia e cada vez mais triste, até morrer silenciosamente poucos anos depois do seu amado. Ana Rosa não **chegou a conhecer** o Farol; a mãe porem muito em segredo, ensinara-lhe a compreender e respeitar a memória do talentoso revolucionário... (Aluísio Azevedo. O mulato. 1881, grifos nossos).

Testes:

- A) A menina **chegou a desconfiar** que o pai se não queria separar dela.
 A1) A menina **desconfiou** que o pai se não queria separar dela.
 A2) *A pedra **chegou a desconfiar** que o pai se não queria separar dela.
 A3) *A pedra **desconfiou** que o pai se não queria separar dela.
- B) Ana Rosa não **chegou a conhecer** o Farol.
 B1) Ana Rosa não **conheceu** o Farol.
 B2) *A pedra não **chegou a conhecer** o Farol.
 B3) *A pedra não **conheceu** o Farol.

Como demonstrado nos testes, os verbos que selecionam o argumento externo (sujeito) são os V2, uma vez que, por suas propriedades semânticas, exigem um argumento [+animado] e, preferencialmente, [+humano]. Logo, quando colocado o sujeito a pedra [-animado; -humano], as construções A2, A3, B2 e B3 se apresentaram agramaticais. Por este critério, *chegar* é alocado na classe dos auxiliares.

Conforme salienta Pena-Ferreira (2007), considerar a existência de uma perífrase verbal é considerar a existência de um grupo tão coeso que pode ser analisado como uma unidade de comportamento sintático-semântico. Dessa forma, qualquer elemento adverbial

⁴²Diz-se que o *chegar* não participa da seleção dos argumentos externos, mas acredita-se, assim como Coelho (2006), que ele participa da seleção de V2. Isso acontece em virtude da persistência de traços. Na construção estudada, a preposição A, que é o segundo elemento da sentença, é da seleção argumental de *chegar*. A presença dessa preposição viabiliza a metáfora do caminho, conforme se discutirá à frente.

colocado na construção deve incidir sobre todo o grupo. A presença de uma expressão negativa não deve separar os elementos da sequência em auxiliarização e o escopo da negação deve recair sobre a perífrase como um todo, não apenas sobre o segundo verbo da sequência; se isso ocorrer, há um forte indício de que os dois verbos, podendo ser negados separadamente, não formam uma sequência integrada, coesa. Ainda neste viés, pode-se analisar o critério da *incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase*, pois, assim como o escopo da negação deve recair sobre a perífrase, o circunstante de tempo também deve.

O primeiro critério foi confirmado, uma vez que, como mostram os exemplos (48) e (49), em todas as ocorrências na negativa, o operador incide sobre toda a perífrase. Os dados quantitativos de incidência da negação na construção estão mostrados na tabela 6.

(48) Gonzalez fez questão de destacar que a resolução é assinada também pelo representante do Congresso brasileiro, o deputado Paulo Bornhausen (SC), do PFL e, portanto, da base de sustentação do governo. Segundo Gonzalez, a decisão brasileira **não chega a provocar** uma crise, mas entra em contradição com a integração regional. (Mercosul pede fim de restrição brasileira. Notícia. 1997, grifos nossos)

(49) O porta-voz do Departamento de Estado, Nicholas Burns, responsabilizou totalmente os rebeldes do MRTA pelo assalto à embaixada. Ele **não chegou a aplaudir** a decisão de Fujimori de enviar tropas, mas disse que os Estados Unidos não "duvidavam" do governo peruano na questão. (Ação militar durou 36 minutos. Notícia. 1997, grifos nossos)

Tabela 6 - Ocorrências com operador de negação por século no *subcorpus* do PB

	SÉCULO XIX		SÉCULO XX		TOTAL	
	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)
Com operador de negação	10	10	36	20,1	46	16,5
Sem operador de negação	90	90	143	79,9	233	83,5
TOTAL	100	100	179	100	279	100

Fonte: dados coletados

Na análise do *corpus*, foi encontrada uma única ocorrência da dupla negativa, conforme mostrado em (50). Entretanto, ressalta-se que isso não invalida a incidência da negação sobre a perífrase como um todo.

(50) - Um amigo? - Sim, o Coruja; não o conheces e bem provável que **não chegues nunca a conhecê-lo**. - Por que não? - Porque ele teria medo desse teu espírito diabólico e profanador. É uma alma imaculada, que se retrai e fecha ao mais leve rumor de tudo que é

feliz, espetaculoso e barulhento, com a mesma facilidade com que se abre para tudo aquilo que chora e sofre. (Aluísio Azevedo. O coruja. 1890, grifos nossos)

Já em relação à ocorrência de circunstante de tempo, foi encontrada uma única ocorrência, mostrada em (51).

(51) A Guida respondera com um muxoxo: - Aquilo? Minha filha, aquilo depois que se meteu de fazendeiro. Eu **chego já a arrepende-me** de ter inventado aquele arranjo! Aquilo está um preguiçoso, menina. (Manoel de Oliveira Paiva. Dona Guidinha do poço. 1892, grifos nossos).

Apesar de o incidente de tempo *já* estar colocado entre V1 e V2, avalia-se que isso não enfraquece o nível de integração do complexo verbal, pois, conforme salienta Pena-Ferreira (2007), se, independente de sua posição na oração, o marcador temporal incidir sobre o grupo verbal, o grau de ligação entre auxiliar e auxiliado é forte. No exemplo mostrado, a alteração do marcador temporal para antes do V1 pode ser feita, como demonstra o exemplo (51a), para mostrar que as orações são semanticamente idênticas.

(51a) Eu **já chego a arrepende-me** de ter inventado aquele arranjo!

Como já foi dito, os elementos com funções adverbiais apresentam maior flexibilidade quanto à posição que podem ocupar na estrutura, sem, contudo, necessariamente alterarem o escopo sobre o qual incidem.

Lobato (1975) e Longo e Campos (2002) também citam a *restrição paradigmática* como critério para medir e/ou detectar a auxiliaridade verbal. Segundo este critério, todo auxiliar é defectivo e, portanto, não admite o particípio passado e o imperativo. Analisando as ocorrências do *corpus* constituído, verificou-se a adequação deste critério na construção, uma vez que dentre as 279 ocorrências não foi encontrada nenhuma com o imperativo e nenhuma com o particípio passado. Conforme será mostrado na seção 3.4, o modo predominante na construção é o indicativo.

Outro critério também importante na detecção da função auxiliar de um item verbal e que foi aqui testado é a *frequência*. Como mostra a tabela 3 (cf. seção 2.1), a frequência de uso do item *chegar* perifrástico aumentou em mais de 7% do século XIX para o século XX. No século XIX, de um total de 499 ocorrências com o item *chegar*, 100 foram com a construção V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo}, correspondendo a 20,04%; no século XX, de um total de 650 ocorrências com o item, 179 foram com a construção, o que corresponde a

27,5%. Aplicando o teste *qui-quadrado*, vê-se que, estatisticamente, esse aumento foi também significativo, já que se obteve $p=0,02$. Esse aumento na frequência é um indicador do processo de gramaticalização do *chegar*, passando o item a cada vez mais atuar na função de auxiliar, tendo seu sentido abstraído.

Apesar desse esvaziamento semântico, cumpre destacar que todas as 279 ocorrências apresentam-se com o uso da preposição *a* antes do infinitivo, contribuindo para a indicação da ideia de movimento. A presença dessa preposição pode ser explicada pelo princípio da *persistência*, que, conforme Hopper (1991), relaciona significado e função de uma forma gramatical a sua história como uma forma lexical; logo, diz respeito à permanência de traços de significado da forma original. Assim, por mais que a forma mude e assumam novos significados, permanecem alguns vestígios de um uso anterior. Coelho (2013), assim como Lopes (2010), propõe estender esse princípio da *persistência* para além dos traços semânticos. Segundo as autoras, algumas características da história lexical do item vão além dos valores semânticos, podendo chegar também a características formais, sintáticas. Lopes (2010, p. 278) diz que

a persistência de propriedades do item original na nova forma gramaticalizada é, por assim dizer, um dos aspectos mais preponderantes nesse processo de mudança por gramaticalização, uma vez que os traços identificados pelo princípio da *persistência* marcarão as particularidades da forma que se recategoriza.

No objeto aqui estudado, a presença da preposição típica da regência de *chegar*, conforme tradição gramatical, pode indicar que traços de movimento e direção rumo a um determinado ponto, físico ou não, foram preservados na forma alvo, permitindo que ela se gramaticalize como um auxiliar, mostrando o limite, como se defende neste estudo, e que a posição de V2 só poderá ser ocupada pelo infinitivo, uma vez que seriam agramaticais construções como “chegou a corrido” ou “chegou a correndo”, por exemplo. A agramaticalidade dessas construções estaria relacionada à incompatibilidade aspectual entre o pretérito perfeito e o gerúndio, já que aquele se relaciona a ações acabadas e este a ações cursivas, inacabadas. Conforme salienta Coelho e Vitral (2011b), os verbos auxiliares selecionam as formas verbo-nominais específicas com as quais co-ocorrem, podendo esse fato estar relacionado a questões como regência, transitividade e compatibilidade de expressão aspectual entre auxiliar e auxiliado.

A construção foi submetida também ao critério da *impossibilidade de desdobramento da oração*, a fim de verificar se seria possível a ocorrência da forma não-

flexionada em uma oração com o verbo na forma finita. Analisando os dados, verificou-se a não possibilidade de desdobramento da oração, conforme exemplo (52), com respectivo teste de desdobramento.

(52) Estado - Loach critica duramente o papel dos Estados Unidos na Nicarágua. Você concorda com ele? Oyanka - Tinha 17 anos na época em que se passa o filme, por volta de 1987. Lembro-me o quanto a ajuda americana aos contras nos fez mal. O governo dos Estados Unidos **chegou a recorrer** ao embargo contra os sandinistas. Ken critica tudo isso. Está do lado do meu povo. É um homem bom, além de ser um verdadeiro artista. E por isso eu o admiro tanto (OyankaCabezas. Dado oral. 1997, grifos nossos).

Teste:

C) O governo dos Estados Unidos **chegou a recorrer** ao embargo contra os sandinistas.

C1) *O governo dos Estados Unidos **chegou a [que recorreu** ao embargo contra os sandinistas].

Relacionado ao critério de desdobramento da oração, pode-se analisar a existência de *sujeito único*, pois existe entre V1 e V2 tal grau de subordinação que os levam a funcionar como uma unidade⁴³, tendo, então, um só argumento externo, conforme mostram os exemplos (53) e (54), seguidos dos respectivos testes de gramaticalidade.

(53) Até certa idade, Ângelo **chegou a acreditar** que o mundo se resumia no seu convento, e que a humanidade se compunha apenas daquela meia dúzia de frades, ingênuos e quase santos, que ele conhecia (Aluísio de Azevedo. A mortalha de Alzira. 1894, grifos nossos).

(54) Também está sendo elaborada uma agenda de ações para agilizar a recuperação do Terminal Marítimo de Ilhéus, que enfrenta problemas com a suspensão no movimento de derivados de petróleo, em consequência da construção do poliduto ligando Madre de Deus a Itabuna, bem como devido à acentuada queda na movimentação de embarques de cacau. O porto **chegou a movimentar** quase um milhão de toneladas e perdeu 30% da sua movimentação, com a suspensão das operações com combustível (Porto ganha comitê de defesa. Notícia. 1997, grifos nossos).

Testes:

D) Ângelo **chegou a acreditar** que o mundo se resumia no seu convento...

D1) *Ângelo **chegou a [José] acreditar** que o mundo se resumia no seu convento....

⁴³Esse é mais um indício em favor da coesão da construção.

E) O porto **chegou a movimentar** quase um milhão de toneladas e perdeu 30% da sua movimentação.

E1) *O porto **chegou a [cidade] movimentar** quase um milhão de toneladas e perdeu 30% da sua movimentação

A agramaticalidade de D1 e de E1 decorre da introdução de um sujeito lexical entre V1 e V2 distinto daquele de V1, o que não é aceitável, já que há um grau de integração muito forte entre os verbos que, conseqüentemente, exigem um mesmo argumento externo.

Outro critério atualizado na construção estudada foi o da *apassivização*, pois, conforme mostram os testes realizados a partir dos exemplos (55) e (56), há correspondência semântica entre ativa e passiva.

(55) Estado - O trânsito é o principal entrave para a realização de uma obra em ponte? Taliba - Com certeza. É um problema muito sério. Assusta. Na Ponte Ari Torres, por exemplo, **chegamos a mudar** o projeto de execução da recuperação por causa do trânsito (Paulo Taliba. Dado oral. 1997, grifos nossos).

(56) Ela sacudiu os búzios, jogou-os no espaço entre as guias. Um deles pulou fora, na minha direção. De medo que caísse no meu colo, **cheguei a afastar** a cadeira. Não queria que me tocasse, aquele búzio na ponta da mesa (Angela Abreu. Santa Sofia. 1997, grifos nossos)

Testes:

F) Na Ponte Ari Torres, por exemplo, **chegamos a mudar** o projeto de execução da recuperação por causa do trânsito.

F1) Na Ponte Ari Torres, por exemplo, o projeto de execução da recuperação **chegou a ser mudado** por nós por causa do trânsito.

G) De medo que caísse no meu colo, **cheguei a afastar** a cadeira.

G1) De medo que caísse no meu colo, a cadeira **chegou a ser afastada** por mim.

Heine (1993) e Longo e Campos (2002), ao proporem uma visão não dicotômica no tratamento de verbos, sustentam que um dos indícios de mudança de verbo pleno para auxiliar é a possibilidade de esse verbo ser usado, numa perífrase, com outro de mesma etimologia, critério denominado de *recursividade*. A título de exemplo, pode-se pensar no verbo *ir*, o qual, numa sentença, pode aparecer assim: “Fique tranquilo que *vou ir* assistir ao espetáculo ainda esta semana”. Nota-se que, neste contexto, *vou* é reanalisado como verbo

auxiliar de futuro de *ir*. Tanto é verdade que a sentença pode, sem ter sua semântica comprometida, ser parafraseada por “Fique tranquilo que *irei* assistir ao espetáculo ainda esta semana”⁴⁴.

Nos dados desta pesquisa, não foi encontrada nenhuma ocorrência que satisfizesse esse critério. Entretanto, foi identificada uma ocorrência em que *chegar* aparece junto do verbo *ir*, também verbo de deslocamento, só que indicador de um movimento de dentro para fora, ao contrário de *chegar*, que pressupõe um movimento de fora para dentro. Vide exemplo (57).

(57) E enquanto Rui, iracundo, tentara proteger os filhos de todo o contato com o rapaz, Lúcia procurara compensá-lo com toda sorte de delicadezas. **Chegou a ir** a São Sebastião comprar uma prancha de isopor, porque surpreendera o olhar fascinado do garoto diante das pranchas de seus filhos. (Adonias Aguiar. *Corpo Vivo*. 1962, grifos nossos)

Além disso, apesar de não ter sido satisfeito este critério no *corpus*, não se pode dizer que não seja possível, pois uma construção como a criada em (58), comum principalmente em situações de oralidade, provavelmente não seria considerada agramatical pelo falante da língua.

(58) Estudantes que vinham para o Simpósio não **chegaram a chegar** a Goiânia, visto que inúmeras manifestações estavam sendo realizadas nas rodovias estaduais.

Já quanto ao critério da *impossibilidade de substituição de pronome*, ficou revelado que *chegar* não bloqueia formalmente a substituição de V2 pelo pronome *isso*, como mostra o exemplo (59) e sua reescrita em (59a). Por este critério⁴⁵, *chegar* é excluído da classe auxiliar, visto que os auxiliares prototípicos não admitem a substituição da forma nominal por pronomes, pois o domínio que inclui a forma não finita é de natureza frasal.

(59) Segundo Gonzalez, a decisão brasileira não **chega a atrapalhar**, mas entra em contradição com a integração regional. Também os representantes do Chile que acompanham a reunião dos ministros da Economia e presidentes dos bancos centrais dos países do Mercosul querem pedir ao governo brasileiro uma revisão da medida. (Trecho de notícia intitulada (Mercosul pede fim de restrição brasileira. *Notícia*. 1997, grifos nossos)

⁴⁴ Ambos os exemplos com a forma *ir* foram dados gerados pela autora deste estudo.

⁴⁵ Apesar de se considerar que esse critério não foi satisfeito, é interessante observar que a possibilidade de substituição parece se restringir a um contexto anafórico, podendo, portanto, revelar-se agramatical, visto que o contexto anafórico está exatamente no V2.

(59a) Segundo Gonzalez, a decisão brasileira não **chega a isso**, mas entra em contradição com a integração regional. Também os representantes do Chile que acompanham a reunião dos ministros da Economia e presidentes dos bancos centrais dos países do Mercosul querem pedir ao governo brasileiro uma revisão da medida.

Por fim, um último critério a que foi submetida a construção refere-se à posição que ocupa na perífrase. Segundo Lobato (1975), na sequência linear do texto, o auxiliar precede imediatamente o verbo principal, o que foi corroborado por 100% das ocorrências do *corpus*.

Ao final dos testes de auxiliaridade, partindo do princípio de que a gramaticalização se dá num *continuum* e que, em razão disso, existem graus de auxiliaridade, propôs-se a atribuição de 1 (um) ponto para cada critério satisfeito. A soma dos critérios indicará se o grau de auxiliaridade de *chegar* é baixo, médio ou alto. Como são 12 critérios no total, adotou-se a seguinte escala para aferir esse grau de auxiliaridade: até 5 critérios (baixo); 6 critérios (médio); mais de 6 critérios (alto). O quadro 7, a seguir, indica o total de critérios satisfeitos por *chegar*.

Quadro 6 - Atualização dos critérios de auxiliaridade na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$

Critérios de auxiliaridade	Atualização
Inseparabilidade	-
Detematização	+
Incidência da negação sobre a perífrase	+
Restrição paradigmática	+
Frequência	+
Incidência de circunstante de tempo sobre a perífrase	-
Impossibilidade de desdobramento da oração	+
Critério da apassivização	+
Recursividade	-
Impossibilidade de substituição por pronome	-
Sujeito único	+
Posição fixa na perífrase	+
Total de critérios satisfeitos	8

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados do trabalho

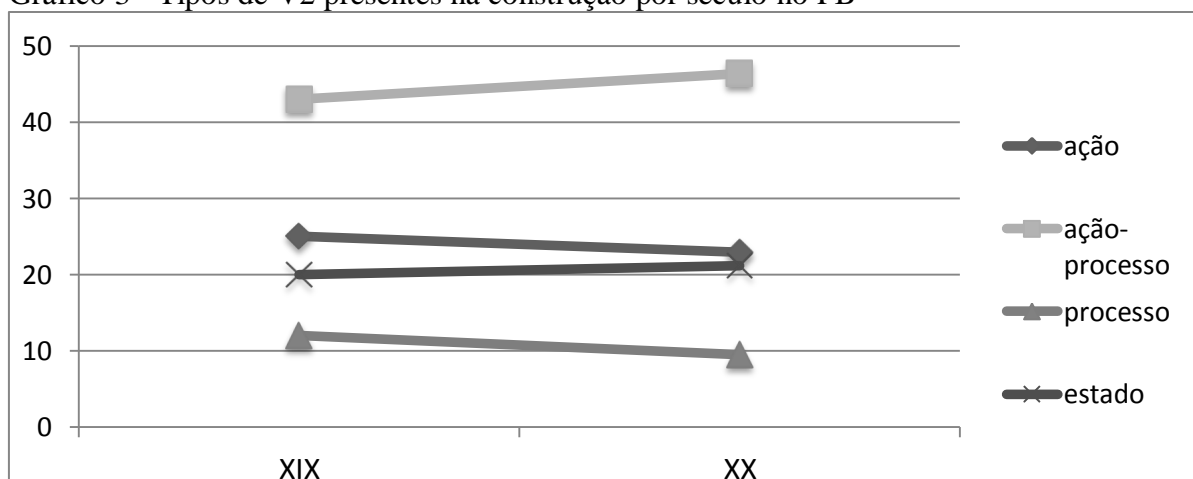
A partir do quadro 6, pode-se dizer que o grau de auxiliaridade do verbo *chegar* é alto, pois foram satisfeitos 8 critérios. Isso confirma a gramaticalização do *chegar*, que passou de verbo pleno a auxiliar. Na próxima seção, a perífrase $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ será estudada quanto à marcação de categorias linguísticas como pessoa, número, tempo e modo

verbal, além de ser observado também o tipo semântico de verbo que ocupa a posição de V2, o que poderá demonstrar no verbo *chegar* comportamento típico de itens que se gramaticalizam.

3.4 CHEGAR COMO AUXILIAR: ESTUDO DE FATORES LINGÜÍSTICOS E DE MARCAÇÃO ASPECTUAL E/OU MODAL PELA CONSTRUÇÃO $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$

Partindo para o final das análises, fez-se ainda o levantamento dos tipos semânticos de verbos que ocupam a posição V2 na construção, a fim de verificar se a construção está se especializando com determinado tipo de V2. A partir da classificação semântica dos verbos proposta por Borba (2002), pode-se observar que, assim como comportam os auxiliares prototípicos, o *chegar* não seleciona o verbo sob forma não finita com o qual se combina. Nos dados, ele se combinou, indistintamente, com verbos de diferentes classes, demonstrando que a construção ainda não se especializou com determinado tipo de V2, como atesta o gráfico 3.

Gráfico 3 - Tipos de V2 presentes na construção por século no PB



Fonte: dados coletados

A leitura do gráfico 3 mostra que há um comportamento similar de um século para o outro quanto à ordem de predominância dos tipos de V2 combinados na construção. Em quantitativos, primeiros são os verbos de ação-processo, depois os de ação, seguidos dos de estado e dos de processo, respectivamente. Entretanto, apesar desse comportamento regular em relação à ordem de uso dos tipos de V2, é interessante observar que as linhas do gráfico

revelam que, com o passar dos séculos, os verbos de estado estão tendo seu uso ampliado em relação aos verbos de ação, o que é um indício de mudança. Caso fossem analisados dados do século XXI, é possível que as curvas dos verbos de estado e de ação se aproximassem ainda mais ou mesmo se cruzassem, permitindo identificar o ponto temporal da mudança.

Segundo Araújo e Cunha (2007), os verbos de ação indicam eventos iniciados por um sujeito agente que não afetam o objeto. Os verbos de estado indicam a condição em que se encontra o SN sujeito, independentemente de essa condição ser permanente ou transitória. Já os verbos de ação-processo combinam características dos verbos de ação e de processo. Possuem, em geral, dois argumentos: um sujeito animado, intencional, podendo ser ou não humano, que exerça a função de agente do processo verbal, e um SN objeto que sofre a ação descrita pelo verbo e que é afetado ou criado por essa ação. Por fim, os verbos de processo codificam eventos em que o sujeito é paciente, ou seja, sofre os efeitos do processo descrito pelo verbo. A seguir, os exemplos (60), (61), (62) e (63) ilustram, conforme frequência de ocorrência, cada tipo de V2, respectivamente, encontrado no *corpus*.

(60) Tia Senhora era mulher de acurada instrução, espontânea, e rajada do maior entusiasmo. Em solteira, **chegara a viajar** das Alagoas como figurante de um teatro amador para representar no Recife. Pisara com orgulho o famoso palco do Santa Isabel. E tanto a peça agradou, aplaudida da frisa, camarotes e torrinhos, que dia seguinte houve reprise. (Francisco Dantas. Cartilha do silêncio. 1997, grifos nossos) (viajar = verbo de ação)

(61) Ele desejava aparecer diante dela unicamente como vencedor. Também lhe diria que ao saber da gravidade da sua doença sentiu vontade de chorar e que ligara muitas vezes e em todas as vezes Rui ou os filhos lhe diziam que ela não podia atender. Então mandara um bilhete por Raquel: "Eu **cheguei a ficar** horas e horas parado em frente à sua casa à espera de que você saísse e eu pudesse falar com você. (Adonias Aguiar. Corpo vivo. 1962, grifos nossos) (ficar = verbo de estado)

(62) Ela sacudiu os búzios, jogou-os no espaço entre as guias. Um deles pulou fora, na minha direção. De medo que caísse no meu colo, **cheguei a afastar** a cadeira. Não queria que me tocasse, aquele búzio na ponta da mesa. (Angela Abreu. Santa Sofia. 1997, grifos nossos) (afastar = verbo de ação-processo)

(63) Então a mãe ao invés de procurar a causa entende? Começou a reprimir então batia na criança toda vez e afastou o barro - então contam que essa criança **chegou a falecer** e o médico disse que era uma deficiência que tinha no organismo. (Dado oral coletado em Recife. 1998, grifos nossos) (falecer = verbo de processo)

Além dos tipos semânticos verbais arrolados anteriormente, verificou-se que a posição do V2 pode ser ocupada tanto por verbos télicos quanto por verbos atélicos⁴⁶, conforme demonstram (64) e (65).

(64) Depois disso ficaram se repetindo os ataques cada vez mais a miúdo. Certa manhã Percília **chegou a cair** na rua. E os acessos vinham sem motivo nenhum, sem contrariedade, sem dor - à toa: de repente ela levava as mãos à garganta e caía no chão com falta de ar. (Rachel de Queiroz. Dôra Doralina. 1975, grifos nossos).

(65) Em Londres, uma exposição com objetos recuperados de o naufrágio de o navio Titanic, em 1912, está programada para ser aberta em o próximo dia 4, em o Museu Nacional Marítimo. Por causa de o naufrágio de a Estonoia, a direção de o museu **chegou a pensar** em cancelar a exposição, mas deverá esperar a reação de o público antes de mudar a sua programação. (Folha de São Paulo. Notícia. 1994, grifos nossos).

O uso de verbo télico ou atélico relaciona-se com a especialização de contextos. A partir do estudo dos tipos de V2 presentes na construção, nota-se que não há uma especialização de contextos, o que há é o predomínio de situações durativas em face às situações pontuais, o que, conforme salienta Travaglia (1985), é uma tendência confirmada pelo fato de que no PB são mais numerosos os verbos atélicos.

Frente à constatação de que *chegar* se gramaticalizou e atua como auxiliar nessa construção e ciente de que, tradicionalmente, as perífrases verbais expressam tempo, aspecto, modo e voz, importante se torna investigar que categorias a perífrase com V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo} marca. Neste estudo, aventou a hipótese da multifuncionalidade do item e ateve-se à verificação de sua marcação aspectual e/ou modal.

Como já mencionado nas considerações iniciais, outros estudos já foram realizados acerca do verbo *chegar* e há controvérsias em relação às funções gramaticais expressas pelo item na construção perifrástica. Almeida (1980) apresenta *chegar* como um auxiliar que indica aspecto terminativo. Neves (2000) o apresenta como verbo que não constitui predicado e diz ser ele um marcador aspectual de consecução. Borba (2002) afirma que *chegar* indica aspecto conclusivo. Bertucci (2007) também estuda o *chegar* como auxiliar e descarta a marcação por esse verbo dos já consagrados e consensuais valores de voz, tempo, modo e aspecto. Conclui em seu estudo que, a princípio, o verbo *chegar*, na perífrase V1_{CHEGAR} + PREP_a + V2_{infinitivo}, tem implicações de um operador de escalaridade. Pena-

⁴⁶ Conforme Travaglia (1985, p. 72), verbo télico e verbo atélico podem ser definidos da seguinte maneira: aquele “indica uma situação que necessariamente chega a um fim, ou seja, uma situação que marcha para um clímax” e este “indica uma situação que não tende a um fim necessário”.

Ferreira (2007) faz um estudo pancrônico do item *chegar* e também dedica parte de seu trabalho para a perífrase *chegar a + infinitivo*. A autora conclui que *chegar* expressa funções gramaticais ligadas à construção textual-discursiva, como a de marcar mudança temporal na narração de eventos, limite, contra-expectativa e consequência.

A partir da leitura dos exemplos (66) e (66a), parece ser inconteste a existência de diferença de significado entre o exemplo com a construção e o exemplo com a forma simples.

(66) O pai do Cabeleira não tinha nenhuma virtude digna desta distinção. Os trovistas pernambucanos do século XVIII cantaram no Cabeleira, não o matador que fazia tremer populações como um cataclismo, cantaram o grande ânimo que, por desviado do bom caminho, **chegou a pagar** com a vida no patíbulo os crimes que a bem dizer pertenciam menos a ele do que a outrem. (Franklin Távora. O cabeleira. 1876, grifos nossos).

(66a) O pai do Cabeleira não tinha nenhuma virtude digna desta distinção. Os trovistas pernambucanos do século XVIII cantaram no Cabeleira, não o matador que fazia tremer populações como um cataclismo, cantaram o grande animo que, por desviado do bom caminho, **pagou** com a vida no patíbulo os crimes que a bem dizer pertenciam menos a ele do que a outrem. (grifos nossos).

Analisando os dados, acredita-se que a informação dada no exemplo (66) é carregada de valores não expressos pela forma simples, o que ancora a hipótese deste estudo de que a construção marca funções prototípicas, como aspecto e modalidade. Além disso, a não correspondência total de sentido entre a forma perifrástica e a forma simples revela não ser o tempo e o modo verbal o recurso marcador de aspecto, tornando ainda mais importante a investigação acerca do *chegar*. Para averiguar a marcação aspectual da construção, embasar-se-á, principalmente, nas discussões empreendidas por Travaglia (1985). Para analisar a marcação modal, embasar-se-á nos estudos acerca da modalidade empreendidos por Neves (2006).

Conforme salienta Pena-Ferreira (2007), os tempos verbais em português, assim como em outras línguas, não veiculam unicamente informações temporais, mas também indicam noções aspectuais, corroborando a relação entre tempo e aspecto. Além disso, aspecto é também considerada uma noção temporal, à medida que se refere à constituição temporal interna de uma situação.

Segundo Comrie (1976), o tempo está ligado ao tempo externo da situação, e o aspecto está ligado ao seu tempo interno. Assim, enquanto o tempo é um conceito relacional, por envolver sempre a localização de uma eventualidade em relação a um determinado tempo de referência, o aspecto está ligado à percepção temporal do interior de uma dada eventualidade, interessando-se, apenas, pelo intervalo de tempo em questão. “Tanto Aspecto

quanto Tempo dizem respeito a processo, mas o primeiro se refere a sua duração e seu desenvolvimento, e o segundo se refere a sua ordenação” (PENA-FERREIRA, 2007, p. 203).

Como demonstrado no capítulo I (cf. seção 1.3), Travaglia (1985) trata das questões aspectuais sob dois pontos de vista: o da duração e o das fases. Na análise da construção perifrástica com o verbo *chegar*, observar-se-ão dados que relacionam a marcação aspectual da construção a partir de duas fases, perpassando pelas fases de realização (aspecto terminativo) e pelas fases de completamento (aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo).

Num primeiro momento, assim como o faz Travaglia (1985), tratar-se-á a marcação aspectual via flexões temporais. Travaglia (1985) diz que o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo geralmente expressam aspecto imperfectivo e que os pretéritos perfeito e mais que perfeito do indicativo normalmente marcam o aspecto perfectivo. O futuro do presente e o futuro do pretérito em si não marcam qualquer aspecto, pois esses tempos flexionais “[...] marcam o tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata, o que anula ou dificulta a percepção das noções aspectuais.” (p. 173). Além disso, “têm um valor modal, proveniente de seu valor de futuro, que restringe a expressão de aspecto”. (*op. cit.* p. 173).

Quanto ao modo verbal, Travaglia (1985) afirma que, por ser o aspecto uma categoria objetiva, ele “aflora com maior clareza nos tempos do indicativo, que exprimem situações objetivas, já que as apresentam como certas e reais” (p. 176). Já, nos tempos do subjuntivo, a atualização de aspecto é rara ou até mesmo nula, pois nestes as situações são apresentadas “como irreais, incertas, duvidosas”. Acrescente-se a isso o fato de as flexões temporais do subjuntivo aparecerem normalmente para marcar modalidade, assim como as flexões verbais do imperativo. No que se refere à marcação aspectual pelas formas nominais, Travaglia (1985, p. 192) salienta que “o infinitivo é uma forma aspectualmente neutra [...] O gerúndio apresentaria a situação como inacabada e cursiva e, segundo alguns, como durativa. O particípio marcaria o aspecto acabado, apresentando a situação como concluída”. Os fatores linguísticos predominantes na construção estão relacionados na tabela 7, próxima página.

Tabela 7 - Tempo e modo verbal por século nos dados do *subcorpus* do PB

Século Tempo-modo	Século XIX		Século XX		Total Geral	
	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)
Pres. Ind.	12	12	34	19	46	16,5
Pret. Perf. Ind.	57	57	113	63,1	170	61
Pret. Imp. Ind.	12	12	7	3,9	19	6,8
Pret. + Perf. Ind.	6	6	6	3,4	12	4,3
Fut. Pres, Ind.	2	2	1	0,6	3	1,1
Fut. Pret. Ind.	0	0	2	1,1	2	0,7
Subtotal	89	89	163	91,1	252	90,3
Pres. Subj.	4	4	0	0	4	1,4
Pret. Imp. Subj.	1	1	3	1,7	4	1,4
Fut. Subjuntivo	4	4	4	2,2	8	2,8
Subtotal	9	9	7	3,9	16	5,7
Imp.afirmativo	0	0	0	0	0	0
Imp. negativo	0	0	0	0	0	0
Subtotal	0	0	0	0	0	0
Gerúndio	2	2	9	5	11	3,9
Subtotal	2	2	9	5	11	3,9
TOTAL	100	100%	179	100%	279	100%

Fonte: dados coletados

Relacionando essas informações teóricas aos dados mostrados na tabela 7, torna-se plausível estudar a marcação aspectual do item *chegar*, ainda que ela seja mais restritivamente marcada em face da modalidade, conforme adverte Travaglia (1985). Além disso, outro fator que também impulsiona a necessidade de averiguar essa marcação aspectual pelo *chegar* na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ é o fato de o V2 sempre aparecer no infinitivo, que, conforme já demonstrado por Travaglia (1985), é aspectualmente neutro. Logo, a marcação aspectual ficaria a cargo do V1.

Os dados da tabela 7 revelam a predominância do pretérito perfeito do indicativo (61%), seguido do presente do indicativo (16,5%) e do pretérito imperfeito do indicativo (6,8%). Esse resultado é similar ao encontrado por Pena-Ferreira (2007) e, conforme ela explicita, pode indicar que *chegar* conserva, mesmo na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, as características semânticas de marcar o alcance a um ponto limite de estado de coisas. Acrescenta ainda que “o verbo no infinitivo que segue *chegar* se vale das características desse verbo, para expressar eventos ou situações já terminados” (p. 221). Diz também que talvez isso explique a preferência pelo tempo pretérito que descreve ações anteriores ao momento da fala⁴⁷.

⁴⁷No estudo aqui empreendido, acredita-se que esta preferência pelo pretérito esteja ligada ao tipo textual narrativo predominante no *corpus*. Conforme mostrará a tabela 8, esse tipo textual também poderá ter exercido influência nos dados relacionados à pessoa verbal, o que abre precedente para investigações cujos *corpora* contemplem outros tipos textuais.

Quanto ao modo verbal, o indicativo se destacou nas formas analisadas, correspondendo a 90,3% dos dados. O modo imperativo não foi encontrado em nenhuma ocorrência, o que já era esperado, uma vez que, conforme aponta Lobato (1975) e Longo e Campos (2002), uma das características de verbo em processo de auxiliarização é a defectividade, ou seja, a impossibilidade de ser expresso em algumas formas como particípio passado e imperativo.

Frente a isso, pode-se dizer que, nos dados analisados, do ponto de vista das fases de completamento, destacou-se a marcação aspectual perfectiva, uma vez que, somados, os tempos pretérito perfeito e pretérito mais que perfeito do indicativo se sobressaíram (65,3%) e, como apontado por Travaglia (1985), eles marcam o perfectivo, ilustrado por meio dos exemplos (67) e (68).

(67) Clorinda com efeito recebia agora com menos severidade a corte de João Rosa. Resistira a princípio, **chegou a repeli-lo** uma vez com energia, ele porém voltara pacientemente, humilde, a repetir os seus protestos de amor. (Aluísio Azevedo. Girândola de Amores. 1882, grifos nossos)

(68) Nunca lhe ouviram a sombra de uma queixa. Todavia, na sua angelical credulidade, **chegara a crer** houvesse, no círculo ginástico da vida, alguma cousa entre os homens que não fosse egoísmo só e vaidade. (Aluísio Azevedo. As memórias de um condenado. 1882, grifos nossos)

O aspecto imperfectivo, dessa forma, seria atualizado pelo presente e pelo pretérito imperfeito do indicativo (23,3%), como mostram (69) e (70).

(69) E qualquer tentativa mais radical, nesse sentido, é entendida como querer inocentar o negro de uma culpa que é dele, já que até os educadores não acreditam na existência do racismo. Alguns **chegam a afirmar** sua posição sobre a questão, conforme constatado em depoimentos de professores da rede pública de São Paulo: “os negros devem tomar consciência que a cor da pele é superficial. Nós é que estamos causando a polêmica da discriminação (...)” (Maria Solange Pereira Ribeiro. O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das universidades públicas do estado de São Paulo. 2000, grifos nossos)

(70) Teobaldo, longe de se incomodar com isto, parecia até rejubilar-se, pois que mais em liberdade se podia dar às suas preocupações exteriores. A princípio, entretanto, quando via a esposa mais triste e mais indiferente, mostrava por ela certo interesse e **chegava a indagar** o motivo de tamanha transformação; Branca respondia-lhe em geral com um gesto (Aluísio Azevedo. O coruja. 1890, grifos nossos)

Acrescenta-se ao estudo empreendido a predominância da 1ª e da 3ª pessoa do singular na construção, o que decorre, provavelmente, do fato de o tipo textual narrativo ser

dominante no *corpus* estudado, uma vez que os dados do século XIX do Corpus do Português são oriundos exclusivamente de obras de ficção. Como sugerem os dados da tabela 8, pode estar acontecendo uma *especialização* dessa construção para indicar a ideia de limite em sequências narrativas.

Tabela 8 - Pessoa e número verbal por século nos dados do *subcorpus* do PB

Século Pessoa-número	Século XIX		Século XX		Total	
	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)	Quantidade	(%)
1ª p. singular	20	20	39	21,8	59	21,1
2ª p. singular	6	6	0	0	6	2,2
3ª p. singular	68	68	109	60,9	177	63,4
1ª p. plural	0	0	3	1,7	3	1,1
2ª p. plural	1	1	0	0	1	0,4
3ª p. plural	5	5	28	15,6	33	11,8
Total	100	100%	179	100%	279	100%

Fonte: dados coletados

Ainda sob a perspectiva de que o aspecto está ligado à percepção temporal interna de uma dada eventualidade, tem-se essa duração dividida em início, meio e fim. Diz-se que um evento mostrado em sua fase inicial marca o aspecto inceptivo, um evento mostrado em sua fase meio marca o aspecto cursivo e um evento mostrado em sua fase final marca o aspecto terminativo. Travaglia (1985), ao listar alguns verbos que expressam certos aspectos, inclui o verbo *chegar*, em sua função plena, na lista dos verbos que marcam aspecto terminativo, indicando, por seu semantema, o término da ação de *vir*.

A partir da observação do exemplo (71), a construção com *chegar* também parece apresentar contornos de aspecto terminativo, mostrando a fase fim de uma escala de eventos, qual seja, “acreditar que o mundo se resumia no seu convento, e que a humanidade se compunha apenas daquela meia dúzia de frades, ingênuos e quase santos, que ele conhecia”.

(71) Até certa idade, Ângelo **chegou a acreditar** que o mundo se resumia no seu convento, e que a humanidade se compunha apenas daquela meia dúzia de frades, ingênuos e quase santos, que ele conhecia. (Aluísio Azevedo. *A mortalha de Alzira*. 1894, grifos nossos).

Neste ponto, interessante observar a distinção entre situação referencial e situação narrada, proposta por Travaglia (1985). Neste exemplo, *chegar a acreditar* é a situação que motiva o enunciado, sendo, então, a situação referencial; já o *acreditar*, a crença em si, é a

situação narrada, que é dada como uma situação acabada, ou seja, até certa idade Ângelo acreditou em algo.

Numa primeira análise, parece óbvia a marcação aspectual pelo item *chegar*, mas uma análise mais aprofundada pode colocar em dúvida essa afirmação, pois esse item parece não se comportar como os verbos auxiliares terminativos prototípicos, como *terminar* e *acabar*, por exemplo.

Bertucci (2010) salienta que uma das características dos auxiliares terminativos é acrescentar à sentença a pressuposição do início do evento. Logo, sempre que é usado um auxiliar terminativo, afirma-se que o evento já começou. O autor (*op. cit.*) cita a fórmula proposta por Saeed (2006) para representar a pressuposição: uma sentença *p* pressupõe uma sentença *q*, se i) *p* é verdadeira, então, *q* é verdadeira; ii) se *p* é falsa, então *q* ainda é verdadeira e iii) se *q* é verdadeira, então *p* pode ser falsa ou verdadeira.

Acrescenta Bertucci (2010, p. 48) que a negação inverte o valor de verdade de uma sentença e, por isso, pode ser utilizada para atestar o fato de os auxiliares terminativos estarem pressupondo o início do evento. Para isso, cita os exemplos a seguir, (72a e 72b) e (73a e 73b).

- (72) a. Ivo terminou de escrever o artigo.
b. Ivo não terminou de escrever o artigo.

- (73) a. Ivo acabou de escrever o artigo.
b. Ivo não acabou de escrever o artigo.

Em todos esses exemplos, é possível pressupor que “Ivo começou a escrever o artigo”.

Entretanto, com o auxiliar *chegar*, essa pressuposição do início do evento não é possível quando do uso da negativa, conforme mostram os exemplos (74) e (74a).

(74) Não seria melhor telegrafar a Jaques? E semelhante idéia causou-lhe de repente uma intensa, dolorosa alegria. **Chegou a estudar** a forma em que o redigiria: "Venha. Silvio passando mal". Entretanto, voltando para junto do filho, teve vergonha dos próprios pensamentos. (Lúcio Cardoso. Dias perdidos. Ficção. 1943, grifos nossos).

(74b) Não seria melhor telegrafar a Jaques? E semelhante idéia causou-lhe de repente uma intensa, dolorosa alegria. **Não chegou a estudar** a forma em que o redigiria: "Venha. Silvio passando mal". Entretanto, voltando para junto do filho, teve vergonha dos próprios pensamentos.

Diferentemente do que se tem nos exemplos (72a, 72b, 73a e 73b), a pressuposição do início do evento não é mantida pela negativa do exemplo (74). Quando se diz que ele “chegou a estudar” a forma que redigiria o telegrama, pode-se pressupor o início da ação de *estudar*; porém, quando se diz que ele “não chegou a estudar”, não se pode dizer que teve início essa ação.

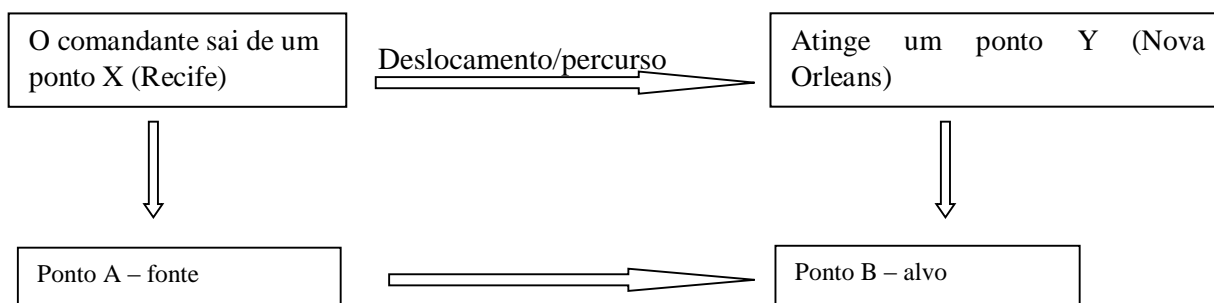
Entretanto, apesar de o verbo *chegar* não responder positivamente a este critério da pressuposição do início do evento pela negativa, não há como negar que o item mostra um deslocamento, seja mental ou físico, no tempo ou no espaço. Assim, admitindo-se a ideia de deslocamento, há que se admitir a ideia de percurso, aquilo que vai de um ponto A a um ponto B, ou seja, de um ponto inicial a um ponto final. Daí defender neste estudo que, apesar de não marcar prototipicamente o aspecto terminativo, conforme hipótese inicialmente aventada, o item possui contorno terminativo, o qual pode estar sendo neutralizado por outras categorias discursivas, como modalidade e escalaridade argumentativa.

Um esquema que pode melhor demonstrar que *chegar* tem contorno terminativo e mostra um ponto final, um ponto atingido é o esquema do CAMINHO, amplamente discutido em estudos com base na Semântica Cognitiva (SC). Com base nesta teoria, pode-se explicar o processo de gramaticalização via metáfora, em que há a persistência de um traço semântico, mesmo que a forma vai se esvaindo e sendo usada em situações cujo sentido se torna mais abstrato. Oliveira (2001), ao discutir a abordagem metafórica cognitivista de Lakoff (1980), demonstra que o significado na SC “não tem nada a ver com a relação de pareamento entre linguagem e mundo. Ao contrário, ele emerge de dentro para fora, e por isto ele é motivado” (p. 34). Neste sentido, a significação linguística emerge das significações corpóreas do falante, dos movimentos corporais em interação com o meio que o circunda.

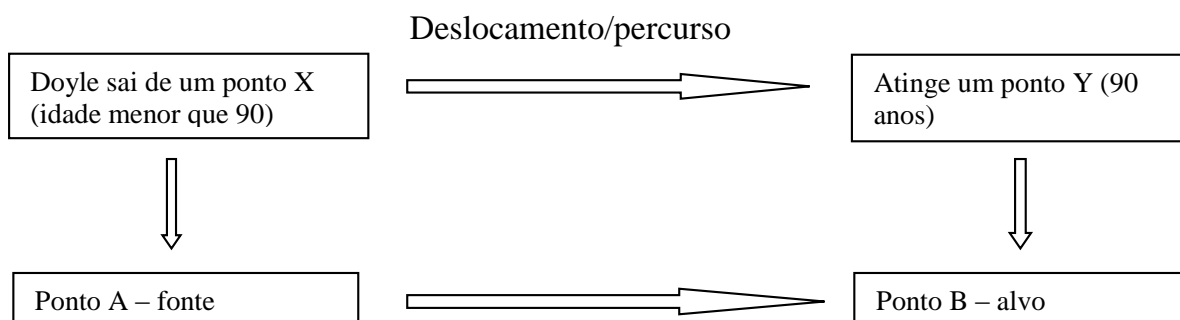
Dessa forma, acrescenta Oliveira (2001, p. 34), “são as nossas ações no mundo que nos permitem apreender diretamente esquemas imagéticos espaciais e são esses esquemas que dão significado às nossas expressões linguísticas”. Assim, o deslocamento de um lugar para outro, que se dá quando ainda não falamos, estrutura o esquema do CAMINHO, que é esquematizado a partir de uma forma fonte a uma forma alvo.

Para demonstrar esse CAMINHO, serão analisados exemplos com construções em que *chegar* ainda funciona como núcleo de predicação, como (75), (76) e (77), e como auxiliar, como em (78).

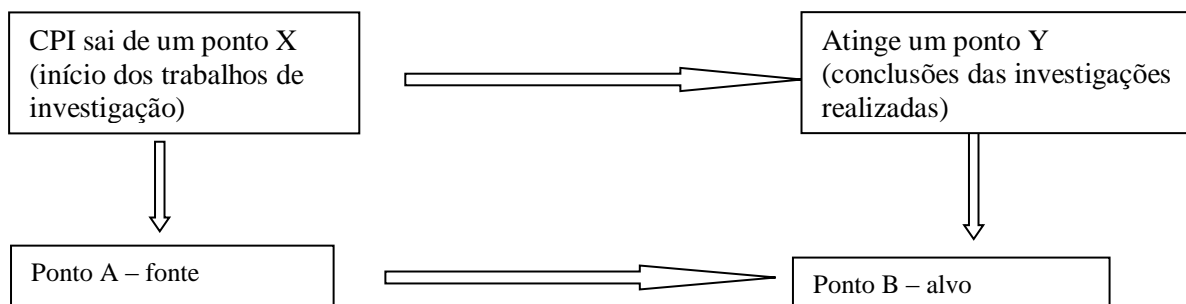
(75) No dia 27 deixamos o Recife em direção às Antilhas. Como até aí, a viagem continuou a vapor – uma verdadeira viagem de recreio se não fosse a exiguidade dos cômodos a bordo do cruzador. O comandante levava ordem para **chegara** Nova Orleans em tempo de assistirmos à abertura da exposição internacional americana. (Marquês de Maricá. Máximas, Pensamentos e Reflexões. 1837, 1839, 1841, grifos nossos).



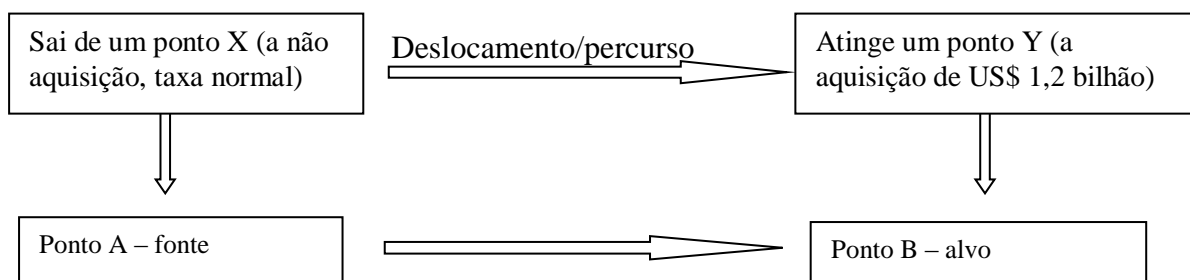
(76) Estado – Alguma vez o sr. imaginou que ia sobreviver a todos? Doyle - Essas coisas a gente não pensa. Mas como Nava não passou dos 84, Drummond, dos 85, e eu **cheguei** aos 90, isso não sei. (Plínio Doyle. Entrevista. 1997, grifos nossos).



(77) Estado – Quando a comissão teve início duvidava-se da continuidade das investigações. O senhor temia isso? Josaphat Marinho – Não, sempre admiti que, aberta a CPI e já conhecidos alguns dados que iam ser apurados, ela **chegaria** a conclusões determinantes, capazes de corrigir excessos e desvios da administração pública. (Josaphat Marinho. Entrevista. 1997, grifos nossos).



(78) O BC informou que em março a autoridade monetária adquiriu em suas operações com o mercado de câmbio apenas US\$209 milhões, em termos líquidos. No segmento de taxas livres, o BC **chegou a adquirir** liquidamente US\$ 1,2 bilhão. Entretanto, esse montante foi quase todo destinado a suprir a demanda por moeda estrangeira no segmento de taxas flutuantes. (Reservas cambiais sofrem ligeira queda. Notícia. 1997, grifos nossos).



Em todos esses exemplos, é possível perceber que *chegar* percorre um caminho de deslocamento em direção a um determinado alvo, seja ele físico ou não.

Conforme salienta Barroso (2008), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), ao admitirem que o homem utiliza, primeiramente, os conceitos relacionados às partes do corpo, propõem um *continuum* de desenvolvimento metafórico que pode ser expresso da seguinte maneira: PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE. Nesse trajeto, “tem-se uma espécie de cadeia de extensão metafórica direcionada do ‘mundo real, físico’ para o ‘mundo do discurso’” (cf. BARROSO, 2008, p. 11). Pressupondo, então, esse percurso início (fonte) - meio (deslocamento/percurso) - fim (alvo), parece ser possível identificar esse contorno terminativo, visto como o ponto fim de um percurso, expresso pelo *chegar*, tanto em usos lexicais quanto em usos gramaticais.

Verificada a hipótese da marcação aspectual, resta analisar a possibilidade de a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ marcar modalidade, o que será feito com base Neves (2006).

A modalidade é uma categoria linguística mais ampla que “codifica a *atitude do falante* em relação à proposição” (GIVÓN, 2001, p. 300, grifos meus). Assim, partiu-se, neste estudo, da hipótese de que, assim como afirma Neves (2006), a existência de enunciados não-modalizados é questionável, uma vez que se entende que a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva. Dessa forma, é cabível, do ponto de vista comunicativo pragmático, a modalidade ser considerada algo

categórico, já que não se concebe que o falante deixe de marcar, de algum modo, o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso e de imprimir nele certo grau de julgamento sobre essa marca. Em conformidade com Neves (2006), entendemos que, ao estabelecer uma interação verbal, os interlocutores, ao mesmo tempo em que organizam a mensagem, definem seus papéis na interlocução, colocando-se na posição de doador ou de solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, de ordenador etc.; nesse mesmo processo, eles decidem marcar o seu enunciado com valores modais de diversas categorias.

Entendendo que os modos verbais são meios de expressão da modalidade, pode-se dizer, a partir dos dados mostrados na tabela 7, que a atitude do falante é de maior certeza ao enunciar as proposições e que os eventos descritos são considerados reais, já que houve o predomínio do modo indicativo. O modo é uma categoria verbal que traduz como o falante escolhe expressar o enunciado dentro do contexto discursivo, conforme Bybee (1985). Segundo Oliveira (2003) *apud* (PENA-FERREIRA, 2007), o indicativo é o modo *realis*, que qualifica os fatos como verossímeis ou tidos como verossímeis; está, assim, associado ao domínio da certeza; o imperativo está relacionado com a ordem, pode expressar instruções, conselhos, convites, súplicas; o subjuntivo é o modo *irrealis*, que faz referência a fatos incertos; está, pois, associado ao domínio da incerteza, da eventualidade e da dúvida.

Ao analisar os exemplos (79) e (80), fica evidente a existência de uma escala nos eventos enunciados. Dessa forma, é possível, então, dizer que a modalidade da construção, tomada no sentido de manifestação do falante, é marcada pelo modo como este hierarquiza os eventos/argumentos, colocando-os numa escala cujo ápice é expresso pelo verbo *chegar*. Em (80), por exemplo, *amaldiçoar o amor e duvidar se a sua memória causava saudade ou tédio* é colocado pelo falante como o ponto mais forte em uma escala, assim como o *chega a doer*, em (81), também marca esse clímax na perspectiva do falante, deixando ainda revelada a intenção do enunciador de marcar a intensidade do evento enunciado. Tem-se, no nível do posto (do dito) essa escala; já no nível do pressuposto, tem-se a marcação da atitude do falante, uma vez que são levadas em consideração as situações pragmático-discursivas. Dessa feita, tem-se que o *chegar* dessa construção já está marcando uma categoria do discurso. Isso mostra que, assim como relata Travaglia (1985), há uma neutralização da marca gramatical (expressão da categoria aspectual) em favor da marca discursiva (expressão da modalidade).

(79) Depois que tu partiste, nunca mais tive um momento de ventura; tudo se converteu em remorso. **Ceguei a amaldiçoar** o nosso amor; **ceguei a duvidar** se a memória dele me causava saudade ou me causava tédio. Principiei a tomar aborrecimento por tudo. (Aluísio Azevedo. Girândola de Amores. 1882, grifos nossos).

(80) Certa vez Ricardina me confidenciou: "Não suporto que me chamem de medonha. Essa palavra me machuca, **chega a doer**, me faz lembrar coisas horríveis, me faz pensar em meus pais que nunca mais vou ver", fez-me um apelo: " Não me chame nunca de medonha, Gê, pelo amor de Deus ". (Zélia Gattai. Crônica duma namorada. 1995, grifos nossos)

Ao final das análises empreendidas, viu-se que, além de marcar a modalidade, essa escala parece fazer com que o *chegar* assuma também funções argumentativas, no sentido de sobrepor um argumento a outro(s), conforme será discutido na próxima seção.

3.5 ATUAÇÃO DO *CHEGAR* COMO OPERADOR ARGUMENTATIVO NA CONSTRUÇÃO $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$

A partir dos exemplos (79) e (80), tem-se que *chegar* atua numa escala argumentativa, assumindo, então, a função de operador argumentativo⁴⁸, podendo, inclusive, ser substituído pelos operadores *até* e *até mesmo*, como se vê em (79a) e (80a).

(79a) Depois que tu partiste, nunca mais tive um momento de ventura; tudo se converteu em remorso. **Até amaldiçoei** o nosso amor; **até mesmo duvidei** se a memória dele me causava saudade ou me causava tédio. Principiei a tomar aborrecimento por tudo.

(80a) Certa vez Ricardina me confidenciou: "Não suporto que me chamem de medonha. Essa palavra me machuca, **até dói**, me faz lembrar coisas horríveis, me faz pensar em meus pais que nunca mais vou ver", fez-me um apelo: " Não me chame nunca de medonha, Gê, pelo amor de Deus ".

Pode-se dizer que, em (80a), os argumentos em favor dos efeitos provocados pelo chamamento de Ricardina de medonha estão assim hierarquizados:

Argumento 1: Essa palavra me machuca

Argumento 2: até dói (ou, conforme exemplo original (80), *chega a doer*)

Argumento 3: me faz lembrar coisas horríveis

Argumento 4: me faz pensar em meus pais que nunca mais vou ver.

Dos 4 argumentos utilizados, o argumento 2, ao ser apresentado mediante a presença do marcador argumentativo “até”, mostra-se como o argumento mais forte na escala de razões para não chamar Ricardina de medonha. Essa força argumentativa do *chegar* imposta ao argumento 2, de certo modo, contraria a visão funcionalista, segundo a qual a

⁴⁸ Rauber e Oliveira (2012) também aventam essa possibilidade ao estudarem os usos de *chegar* goiano e paulistano.

língua icônica. Nessa perspectiva, a progressão na escala deveria refletir a ordenação dos argumentos.

Silva (2005), ao estudar os usos de “até” no falar goiano, afirma que, em estruturas com a presença do “até” como operador argumentativo, há a indicação de limite e de inclusão, o que revela o argumento mais forte do enunciado. Assim, como o *até* se mostrou aceitável e produtivo linguisticamente na paráfrase do *chegar*, pode-se afirmar que este indica o argumento mais forte na escala dos fatos narrados.

Guimarães (1995, p. 78) explica que a argumentação

é uma relação de linguagem, uma relação de significação. Ou seja, um argumento não é algo que indica um fato que seja capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação). Mais especificamente, argumentar é dar uma diretividade ao dizer.

A percepção da escala mostrada pelo falante só é possível com a presença da construção “chega a doer” em (80) ou com a presença do “até”, em (80a). Veja que a escala deixa de ser marcadamente expressa, caso o enunciado seja colocado como (80b).

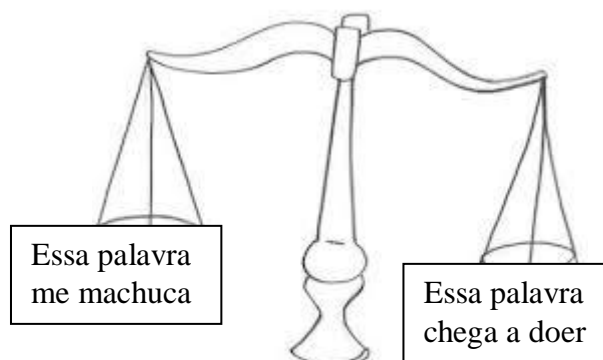
(80b) Certa vez Ricardina me confidenciou: "Não suporto que me chamem de medonha. Essa palavra me machuca, **dói**, me faz lembrar coisas horríveis, me faz pensar em meus pais que nunca mais vou ver", fez-me um apelo: " Não me chame nunca de medonha, Gê, pelo amor de Deus ".

Isso quer dizer que a presença do operador é que instaura a relação de argumentação e marca a escalaridade na língua.

Assim como foi demonstrado que o esquema do CAMINHO explica a gramaticalização de *chegar* para marcar limite, acredita-se, neste estudo, que o esquema do BALANÇO, da teoria da Semântica Cognitiva, é uma forma para explicar a metáfora que permitiu a gramaticalização de *chegar* em operador de escalaridade argumentativa. Importante aqui ressaltar que a explicação da gramaticalização da construção via esses esquemas metafóricos é uma proposta inédita deste estudo, o que traz um avanço em relação aos demais já empreendidos sobre o mesmo tema.

O esquema do BALANÇO pressupõe que, ao serem pesadas duas coisas, a balança penderá para uma delas. No caso do exemplo (81), a balança pende para o lado da dor, conforme demonstra a figura 2.

Figura 2 - Esquema do BALANÇO



Fonte: elaborada pela autora

Como salienta Guimarães (1995, p. 50), ao discutir aspectos que foram abordados por Ducrot (1980) e que estão presentes na semântica argumentativa, “as relações argumentativas não são absolutas. Ou seja, um argumento não é uma prova para algo, mas uma razão que é dada ao interlocutor para aceitar uma conclusão”.

Logo, cumpre aceitar que há entre os argumentos uma relação de menor e de maior força para certa conclusão. No argumento “chega a doer”, sobressai uma força argumentativa que o faz prevalecer sobre o argumento “me machuca” que, conseqüente, torna-se mais fraco, mas nem por isso desprezível, já que, conforme demonstrado, aceitar o argumento mais forte implica também aceitar o mais fraco em uma escala. Cabral (2011, p. 13) diz que a argumentação é “normalmente compreendida como uma técnica consciente de programação e de organização do discurso”. Acrescenta ainda que, na interação, o falante deseja exercer influências sobre os interlocutores, seja obtendo sua adesão, seja convencendo-os de seus pontos de vista, seja persuadindo-os a fazer alguma coisa.

Dessa forma, além de buscar argumentos adequados às teses defendidas, o falante precisa fazer escolhas linguísticas acertadas para obter eficácia nesse processo. “Um adjetivo, um advérbio para reforçar um argumento, conectores para articular o texto, todos esses elementos cumprem uma importante função na argumentação, pois eles marcam uma tomada de posição diante do conteúdo enunciado”. (cf. CABRAL, 2011, p. 13).

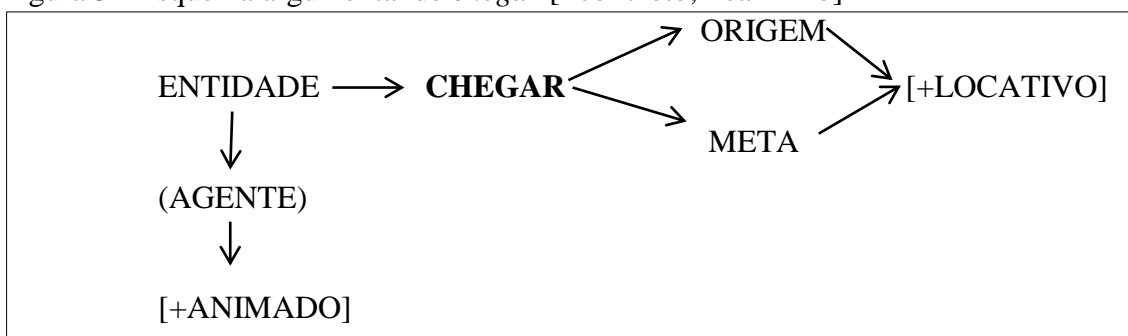
Diante disso, o *chegar* na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ se mostra como mais um recurso à disposição dos falantes para que, no momento da interação com os interlocutores, suas intenções junto a estes sejam alcançadas.

Ao final das análises da construção, ao enfatizar os processos cognitivos representados pelos esquemas do CAMINHO e do BALANÇO, um ponto chamou a atenção da autora deste estudo: há, no processo de abstratização do item *chegar*, um *continuum* de

esquemas (CAMINHO > BALANÇO). Para demonstrar esse *continuum*, serão retomados os exemplos (75), (76), (77) e (78). Nota-se que em (75), reescrito a seguir, *chegar* é usado em seu sentido pleno [+concreto], tendo sua estrutura argumental sintetizada pela figura 3.

(75) No dia 27 deixamos o Recife em direção às Antilhas. Como até aí, a viagem continuou a vapor – uma verdadeira viagem de recreio se não fosse a exiguidade dos cômodos a bordo do cruzador. O comandante levava ordem para **chegar** a Nova Orleans em tempo de assistirmos à abertura da exposição internacional americana. (Marquês de Maricá. Máximas, Pensamentos e Reflexões. 1837, 1839, 1841, grifos nossos).

Figura 3 - Esquema argumental de *chegar* [+concreto, +caminho]⁴⁹



Fonte: elaborado pela autora

Já os exemplos (76) e (77) demonstram o *chegar* ainda usado como núcleo de predicação, mas já com valor [-concreto, +caminho], tendo em sua estrutura argumental a alteração da origem e da meta [+locativo] para [-locativo], podendo ainda o agente ser [-animado], como em (77).

(76) Estado – Alguma vez o sr. imaginou que ia sobreviver a todos? Doyle - Essas coisas a gente não pensa. Mas como Nava não passou dos 84, Drummond, dos 85, e eu **cheguei** aos 90, isso não sei. (Plínio Doyle. Entrevista. 1997, grifos nossos).

(77) Estado – Quando a comissão teve início duvidava-se da continuidade das investigações. O senhor temia isso? Josaphat Marinho – Não, sempre admiti que, aberta a CPI e já conhecidos alguns dados que iam ser apurados, ela **chegaria** a conclusões determinantes, capazes de corrigir excessos e desvios da administração pública. (Josaphat Marinho. Entrevista. 1997, grifos nossos).

Por fim, o exemplo (78) mostra o *chegar* [+abstrato], funcionando como verbo auxiliar e atualizando no discurso o esquema [+balanço].

⁴⁹ Esse esquema pode também servir de base para a análise da descategorização, já que representa o funcionamento do *chegar* como verbo pleno, que é diferente de seu funcionamento como verbo auxiliar.

(78) O BC informou que em março a autoridade monetária adquiriu em suas operações com o mercado de câmbio apenas US\$209 milhões, em termos líquidos. No segmento de taxas livres, o BC **chegou a adquirir** liquidamente US\$ 1,2 bilhão. Entretanto, esse montante foi quase todo destinado a suprir a demanda por moeda estrangeira no segmento de taxas flutuantes. (Reservas cambiais sofrem ligeira queda. Notícia. 1997, grifos nossos).

Com base nessa exposição, nota-se uma hierarquia no processo metafórico presente na gramaticalização. Primeiro o item se abstrai de seus sentidos mais concretos pelo esquema metafórico do CAMINHO e depois, na sequência do processo de abstração, sofre a atuação do esquema do BALANÇO, que lhe permite assumir a função de marcador de escala argumentativa. Considerando-se que a hipótese da marcação aspectual foi apenas parcialmente corroborada, já que, conforme demonstrado, é possível perceber tão somente contornos de aspecto terminativo via esquema do CAMINHO, acredita-se que o esquema do BALANÇO, que atua no plano da modalidade e, portanto, do discurso contribuiu para neutralizar a marcação da categoria gramatical no percurso de mudança categorial do verbo *chegar*, conforme já mencionado. Entretanto, essa intuição foi aqui apenas registrada e não aprofundada, o que abre precedentes para trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por escopo maior estudar diacronicamente, na interface entre variação e mudança linguística e gramaticalização, a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ no PB. Partindo da hipótese de que o verbo *chegar* atua como auxiliar nessa construção e com vistas a responder à primeira pergunta de pesquisa que versava sobre a forma como se deu a gramaticalização do item *chegar* no PB como auxiliar, demonstraram-se, inicialmente, com base em consultas lexicográficas e comprovações com dados do *corpus*, diferentes usos e acepções do item no PB, com o objetivo de traçar o processo de abstratização da forma verbal à medida que se gramaticaliza.

Para averiguar o processo de gramaticalização, pressupondo o *continuum* verbo pleno > verbo auxiliar, foram utilizados os parâmetros de Lehmann, visto que, quando do levantamento do *corpus*, foram encontradas ocorrências da construção objeto deste estudo já no século XIX, o que indicia um grau mais avançado de gramaticalização.

Em busca de respostas à segunda pergunta de pesquisa, que indagava sobre a atuação de *chegar* como auxiliar na construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$, foram aplicados à construção doze critérios de auxiliabilidade, o que permitiu confirmar o processo de gramaticalização de *chegar* e ainda permitiu alocá-lo na classe dos auxiliares, uma vez que foram satisfeitos oito desses critérios. Além disso, esses critérios também permitiram identificar que o grau de gramaticalização da construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ no PB é alto.

Frente à constatação de que *chegar* se gramaticalizou e de que atua como auxiliar nessa construção e ciente de que, tradicionalmente, as perífrases verbais expressam tempo, aspecto, modo e voz, passou-se a investigar se a perífrase marca aspecto e modo, como indagava a terceira pergunta de pesquisa. Partiu-se da hipótese da multifuncionalidade do item, entendendo que, assim como faz em sua forma plena, na construção, *chegar* marca aspecto terminativo, além de expressar modalidade, pois parece indicar que o falante imprime sua marca nos enunciados elaborados com essa construção.

Para averiguar a marcação aspectual da construção, embasou-se nas discussões empreendidas por Travaglia (1985), o qual as faz sob dois pontos de vista: o da duração e o das fases. Na análise da construção perifrástica com o verbo *chegar*, foram observados dados que relacionam a marcação aspectual da construção a partir de duas fases, perpassando pelas fases de realização (aspecto terminativo) e pelas fases de completamento (aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo).

Em relação às fases de completamento, destacou-se a marcação aspectual perfectiva, uma vez que, somados, os tempos pretérito perfeito e pretérito mais que perfeito do indicativo se sobressaíram (65,3%) e, como apontado por Travaglia (1985), eles atualizam o perfectivo. O aspecto imperfectivo, dessa forma, seria atualizado pelo presente e pelo pretérito imperfeito do indicativo (23,3%).

Em relação às fases de realização, a hipótese de marcação aspectual terminativa não foi confirmada. Diz-se isso porque, ao aplicar o critério de pressuposição do início do evento tanto pela afirmativa quanto pela negativa da construção, verificou-se que *chegar* não atua como os auxiliares terminativos prototípicos, como *terminar* e *acabar*, por exemplo. Entretanto, foi possível perceber que *chegar* tem contornos terminativos, porque pode se pressupor o início do evento ao analisar o deslocamento metafórico impresso pelo item ao evento descrito. Esse deslocamento metafórico ficou comprovado através do esquema do CAMINHO.

No que se refere à marcação modal, acreditando, assim como Neves (2006), que é questionável a existência de enunciados não-modalizados, embasaram-se as análises nos estudos acerca da modalidade empreendidos por essa linguista. Entendendo que os modos verbais são meios de expressão da modalidade, os dados revelaram que a atitude do falante ao utilizar a construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$ é de maior certeza e que os eventos descritos são considerados reais, já que houve o predomínio do modo indicativo.

Em relação à atitude do falante evidenciada, o que se observou no decorrer das análises é que fica evidente a existência de uma escala argumentativa nos eventos enunciados. Dessa forma, é possível, então, dizer que a modalidade da construção é marcada pela escalaridade e que uma das funções assumidas pelo *chegar* na construção analisada é de operador argumentativo.

Sendo evidente essa escalaridade, pode-se perceber também que, além de marcar a modalidade, essa escala faz com que o *chegar* assumam também funções argumentativas, no sentido de sobrepor um argumento a outro(s). Logo, atuando como operador argumentativo em uma escala, o item *chegar* pode, inclusive, ser substituído pelos operadores *até* e *até mesmo*. A maior força argumentativa do argumento escalonado pelo *chegar* foi comprovada ao demonstrá-la pelo esquema metafórico do BALANÇO, o qual pressupõe que, ao serem pesadas duas coisas, a balança penderá para uma delas. No caso dos eventos escalonados, a balança pende para o lado daquele cuja escala é evidenciada pela construção $V1_{\text{CHEGAR}} + \text{PREP}_a + V2_{\text{infinitivo}}$.

Quando da busca por respostas ao questionamento sobre quais fatores linguísticos predominam na construção, os resultados obtidos pela análise de fatores linguísticos revelaram a predominância da 1ª e da 3ª pessoas do singular na construção, o que decorre, provavelmente, do fato de o tipo textual narrativo ser dominante no *corpus* estudado, uma vez que os dados do século XIX do Corpus do Português são oriundos exclusivamente de obras de ficção. Assim, pode-se supor que é possível que esteja acontecendo uma *especialização* dessa construção para indicar a ideia de limite em sequências narrativas.

A quinta pergunta de pesquisa versava sobre quais seriam os tipos semânticos de V2 combinados com o *chegar* na construção estudada e, a partir do levantamento feito no *corpus*, verificou-se que, assim como comportam os auxiliares prototípicos, o *chegar* não seleciona o verbo sob forma não finita com o qual se combina. Logo, se o item combinou, indistintamente, com verbos de diferentes classes semânticas, como ação, estado, ação-processo e processo, fica demonstrado que a construção ainda não se especializou com determinado tipo de V2.

Diante das análises empreendidas, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir de alguma forma para os estudos acerca dos processos de gramaticalização, sobretudo para o estudo dos verbos auxiliares, além de contribuir com uma análise mais contundente de *chegar*, visto que há tantas controvérsias sobre sua atuação. Além disso, este trabalho se diferencia dos demais ao interpretar a multifuncionalidade do item gramatical com base nas metáforas dos esquemas imagéticos. O contorno terminativo é evidenciado pelo esquema metafórico do CAMINHO e a função modal argumentativa é evidenciada pelo esquema do BALANÇO. Além disso, um ponto inédito neste estudo é a proposta de um *continuum* de esquemas no processo de gramaticalização. Ao se gramaticalizar, o item segue dois caminhos, mas isso acontece em uma ordem hierárquica, assim representada: CAMINHO > BALANÇO.

Por fim, a partir dos levantamentos lexicográficos, ficou constatada uma possibilidade de análise muito fecunda para o item *chegar* no PB, uma vez que ele se apresenta em diferentes classes gramaticais (verbo, adjetivo, advérbio, interjeição). Essa atuação polissêmica do item é fruto do processo de abstração semântica que incide sobre o léxico e mostra que, assim como relata Coelho (2010), ao mesmo tempo em que o item perde alguns de seus semas para se tornar uma categoria gramatical, ele incorpora outros, o que faz aumentar seu leque semântico e garante sua permanência e até mesmo sua expansão no léxico. Dessa forma, tem-se que a lexicalização é um fenômeno linguístico paralelo ao fenômeno da gramaticalização, o que dificulta a defesa da tese de desbotamento semântico.

A partir desse comportamento híbrido polissêmico, pode-se buscar responder aos seguintes questionamentos: qual é o *continuum* de gramaticalização de *chegar*? Em que sequência essas funções foram assumidas? Ressalta-se que essa possibilidade não foi explorada neste trabalho em virtude da limitação temporal para sua realização e também em virtude de se trabalhar com dados cujo intervalo foi somente de dois séculos, o que poderia comprometer a veracidade desse *continuum*, mas se abre precedente para investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. *Introdução ao estudo das perífrases verbais do infinitivo*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- ALMEIDA, Christiane Miranda Buthers de; OLIVEIRA, Maria José de. Gramaticalização do verbo PEGAR em construções perifrásticas [PEGAR + (E) + V2] – uma abordagem formal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte/MG, vol. 18, nº 2, jul./dez. 2010, p. 135 – 164.
- ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar. *Aspectos semântico-cognitivos de usos espaciais das preposições para e em na fala de comunidades quilombolas*. 117 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ARAÚJO, F. de C.; CUNHA, M. A. F. da. *A estrutura argumental dos verbos de ação*. In: *Revista Pública III*, 2007, p. 28-35.
- AULETE Online. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/>. Acesso em 10 de set. 2013.
- BARROSO, P. H. O. *Vias de abstratização do verbo BUSCAR no português brasileiro culto: interface entre gramaticalização e gênero do discurso*. 106 fls. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BERTUCCI, R. A. *A auxiliaridade do verbo chegar em português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- _____. *Aspecto terminativo: verbos auxiliares em português brasileiro*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 12, n. 1, p. 41-58, 2010.
- BORBA, F.S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *Dicionários de usos da língua portuguesa*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BORGES NETO, José. O pluralismo teórico na linguística. In: BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency and emergency linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2011.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Padrão, 1979.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Arguição feita durante banca de defesa da dissertação “Estudo diacrônico da construção $V1_{chegar} + Prep_a + V2_{infinitivo}$ no português brasileiro*. Belo Horizonte, 21 de fevereiro de 2014.

CAMPOS, Odette Altman de Souza. Um aspecto da gramaticalização de auxiliares: a interveniência de elementos entre o auxiliar e a perífrase. *Veredas: revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, vol. 2, nº 3, 1998, p. 77 - 83.

CARVALHO, J.; PEIXOTO, Vicente. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 20. ed. São Paulo: Cultural Brasil Editora, 1972.

CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. 126 fls. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Marília – SP, 1968.

_____. A gramaticalização. In: *Revista de estudos linguísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997, p. 25-64.

COELHO, Sueli Maria, VITRAL, Lorenzo. A gramaticalização de *danar a*, *destampar a* e *garrar a + infinitivo* e a expressão cumulativa de aspecto. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 16. n. 2, p. 177-198, 2011a.

_____. Seleção da forma nominal no interior da perífrase verbal: resultado de uma restrição sintática da gramaticalização de auxiliares. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 27. n. 1, jan/jun. 2011b, p. 179-200.

COELHO, Sueli Maria. *Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens *ter, haver, ser, estar e ir* na Língua Portuguesa*. 323 fls. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2006.

_____. Expansão gramatical e expansão lexical: dois processos linguísticos paralelos. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. Gradualismo do processo de gramaticalização e princípio da persistência: indícios de uma hierarquia de traços? *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 15, v. 2, 2013.

COMRIE, Bernard. *Aspect: na introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002

CUNHA, Celso. *Gramática moderna*. 3.ed. Belo Horizonte: Editora Bernardes S.A, 1971.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 839 p.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do português*. Disponível em: <www.corpusdoportugues.org> Acesso em: janeiro a julho de 2013.

DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Mirador Internacional, 1976.

DU BOIS, J. W. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343- 354.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

FERNANDES, Magda Bahia Schlee. Breve abordagem da categoria discursiva modalidade. In: *Revista Abrafil*, número IX, p. 157-169, 2011.

FONSECA, Ana Maria Hernandes. *A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto Riopretano: um estudo na interface sociolinguística / gramaticalização*. 174 fls. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São Paulo, 2010

GALVÃO, Vânia Cristina. *O 'achar' no português do Brasil: um caso de gramaticalização*. 170 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1999.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula; leitura e produção*. São Paulo: Ática, 1999, p. 39-46.

GIVON, T. *Syntax: an introduction*. Vol.1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Alcione. *O analitismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico*. 211 fls. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2013.

GONÇALVES et al (orgs.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Fontes, 1995.

HEINE, B.; RECH, M. *Grammatical categories in African languages*. Hamburgo: Helmut Buske, 1984.

HEINE, Bernd et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. Oxford University Press, New York, 1993.

HEINE, Bernd e KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOPPER, P. J. *Emergent grammar*. Berkeley Linguistic Society, v. 13, p. 139-157, 1987.

_____. On some principles of grammaticazation. In: TRAUGOTT, E & HEINE, B. *A approaches to grammaticalization*. v.1 Amsterdan: Benjamins, p. 17-37, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAIS, VILLAR e FRANCO. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1986 p.

KOCH, Ingedore Vilaça. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Argumentação e Linguagem*. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Yakov. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

LAKOFF, G e JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 2. ed. rev. Documentos de Trabalho Departamento deLinguística da Universidade deErfurt. July, 2002 [1982]. ISSN 1612-0612

LEITE, Amanda Jozy Paiva. Um estudo sincrônico do verbo pegar. *Cadernos de Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Ceará - funcionalismo em perspectiva*, Fortaleza, Ceará, Edição nº 3, 2011, p.33-46. Disponível em: <http://linguisticaufc.webnode.com/revista/edi%C3%A7%C3%B5es/edi%C3%A7%C3%A3o%20n%C2%BA%203%20-%202011-1/>. Acesso em: 20 de agosto de 2011.

LOBATO, L. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. In: LOBATO, L. *et al.*(orgs.). *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LONGO B. O. & CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE M. B. & RODRIGUES, A. C.S.(orgs.) *Gramática do português falado*. Vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

LUFT, C.P. *Dicionário prático de regência verbal*. 6.d. São Paulo: Ática, 1998.

LYONS, John. Introdução à Linguística Teórica. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Cia Editora Nacional/EDUSP, 1979.

MARCUSCHI, A. L. Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. In: *Revista Latinoamericana de Estudios Del Discurso*. Venezuela: Editorial Latina, n. 01, p. 23-42, agosto 2001.

MARTELOTTA, M. E. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: COELHO, Sueli; VITRAL, Lorenzo (orgs.). *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 139-171, 2010.

MARTELOTTA, M.E; VOTRE, S; CESARIO, M. M. Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. A linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p.177-192.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Linguística funcional: princípios, temas, objetos e conexões. *Guavira Letras*, Programa de Pós-Graduação em Letras UFMS/Campus de Três Lagoas, v.13, n.1, p. 23-37, ago./dez. 2011.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. 2.ed. São Paulo: Cortez, p. 17-46, 2001.

PALMER, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PENA-FERREIRA, Ediene Pena. *Gramaticalização e auxiliaridade: um estudo panorâmico do verbo chegar*. 272 fls. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidade, Programa de Pós-graduação em Linguística. Fortaleza (CE), 2007.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PINHEIRO, Keyla. *Concepções de linguagem*. 2010. Disponível em: <http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2010/03/concepcoes-de-linguagem.html>. Acesso em: 25 out. de 2013.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAUBER, André Luiz; RIBEIRO, Marcelo. Chegou aqui... chega delirava! Usos de chegar no português falado – indícios de gramaticalização. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (Orgs.). *História do Português Paulista*. Vol. 3. Série Estudos. São Paulo: IEL, 2012.

REIS, Paula Cristina. O verbo estar em formação perifrástica com participios verbais: um caso de gramaticalização. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, out. 2010.

RODRIGUES, Angélica Terezinha. *“Eu fui e fiz esta tese”*: as construções do tipo foi e fez no português do Brasil. 222 fls. Tese de doutoramento. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2006.

SERRONE, Luiz Carlos. *Critérios de auxiliaridade em português*. 102 fls. Dissertação de Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, 1992.

SILVA, Augusto Soares da. O que é que a polissemia nos mostra acerca do significado e da cognição?. In: SILVA, Augusto Soares da(org.). *Linguagem e cognição: a perspectiva da Linguística Cognitiva* Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, p. 147–171, 2001.

SILVA, Leosmar Aparecido da. *Os usos do “até” na língua falada na cidade de Goiás: funcionalidade e gramaticalização*. 187 fls. Dissertação de Mestrado em Letras – Faculdade de Ciências e Letras. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2005.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo - propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística). CCE. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (org). *História do Português Paulista*. V. 1. Campinas, IEL/UNICAMP, p. 91-101, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão verbal*. ed. rev. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

_____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

VELOZO, Naira de Almeida. Metáforas, protótipos e esquemas imagéticos: como a linguagem revela os caminhos da mente. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XVII, Nº 03 - Minicursos e Oficinas. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

VITRAL, Lorenzo Teixeira. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta18/Conteudo/N18_Parte01_art09.pdf. Acesso em: 12 de out. de 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvim I. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística* [1968]. Trad. Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.